A PERFORMANCE E O TEATRO DO OPRIMIDO EM SALA DE AULA: discussões e criações artísticas sobre violência de gênero em uma escola da cívico-militar de Manaus.



ALINE VASCONCELOS BARRETO

MANAUS/AM
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PPG-ART-MP

ALINE VASCONCELOS BARRETO

A PERFORMANCE E O TEATRO DO OPRIMIDO EM SALA DE AULA: discussões e criações artísticas sobre violência de gênero em uma escola cívico-militar de Manaus.

MANAUS/AM
2023



ALINE VASCONCELOS BARRETO

A PERFORMANCE E O TEATRO DO OPRIMIDO EM SALA DE AULA: discussões e criações artísticas sobre violência de gênero em uma escola cívico-militar de Manaus.

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal do Amazonas(UFAM)/Universidade do Estado do Amazonas(UEA), como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Artes.

Orientação da Profa. Dra. Vanja Poty Sandes G. Menezes.

Linha de Pesquisa: Processo de ensino, aprendizagem e criação em artes.

MANAUS/AM
2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Barreto, Aline Vasconcelos
B273p A Performance e o Teatro do Oprimido em sala de aula : discussões e criações artísticas sobre violência de gênero em uma escola cívico-militar de Manaus. / Aline Vasconcelos Barreto . 2023
250 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Vanja Poty Sandes Gomes Menezes
Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Performance. 2. Teatro do Oprimido. 3. Gênero. 4. Processos criativos. 5. Arte-educação. I. Menezes, Vanja Poty Sandes Gomes. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

ALINE VASCONCELOS BARRETO

A PERFORMANCE E O TEATRO DO OPRIMIDO EM SALA DE AULA: discussões e criações artísticas sobre violência de gênero em uma escola cívico-militar de Manaus.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Profissional em Artes - PROF-ARTES para obtenção do título de Mestre.

Linha – Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Aprovado em: 14/07/2023

BANCA EXAMINADORA

Presidenta e Orientadora: Profa. Dra. Vanja Poty Sandes G. Menezes

Membro: Profa. Dra. Eneila Almeida dos Santos

Membro: Prof. Dr. Fábio Hoffmann Pereira

Suplente: Profa. Dra. Vanessa Benites Bordin

Suplente: Profa. Dra. Caroline Caregnato

importante

importante

Esta dissertação faz uso da escrita performativa. Portanto, você vai encontrar fontes, cores, fundos e ilustrações que fogem do modelo convencional de pesquisa (da ABNT) o que pode deixar a escrita menos acessível. Caso você, querida leitora, possua algum tipo de deficiência visual e prefira o texto cru, sem os elementos adicionais, pode me enviar um e-mail solicitando-o que lhe encaminharei com todo carinho.

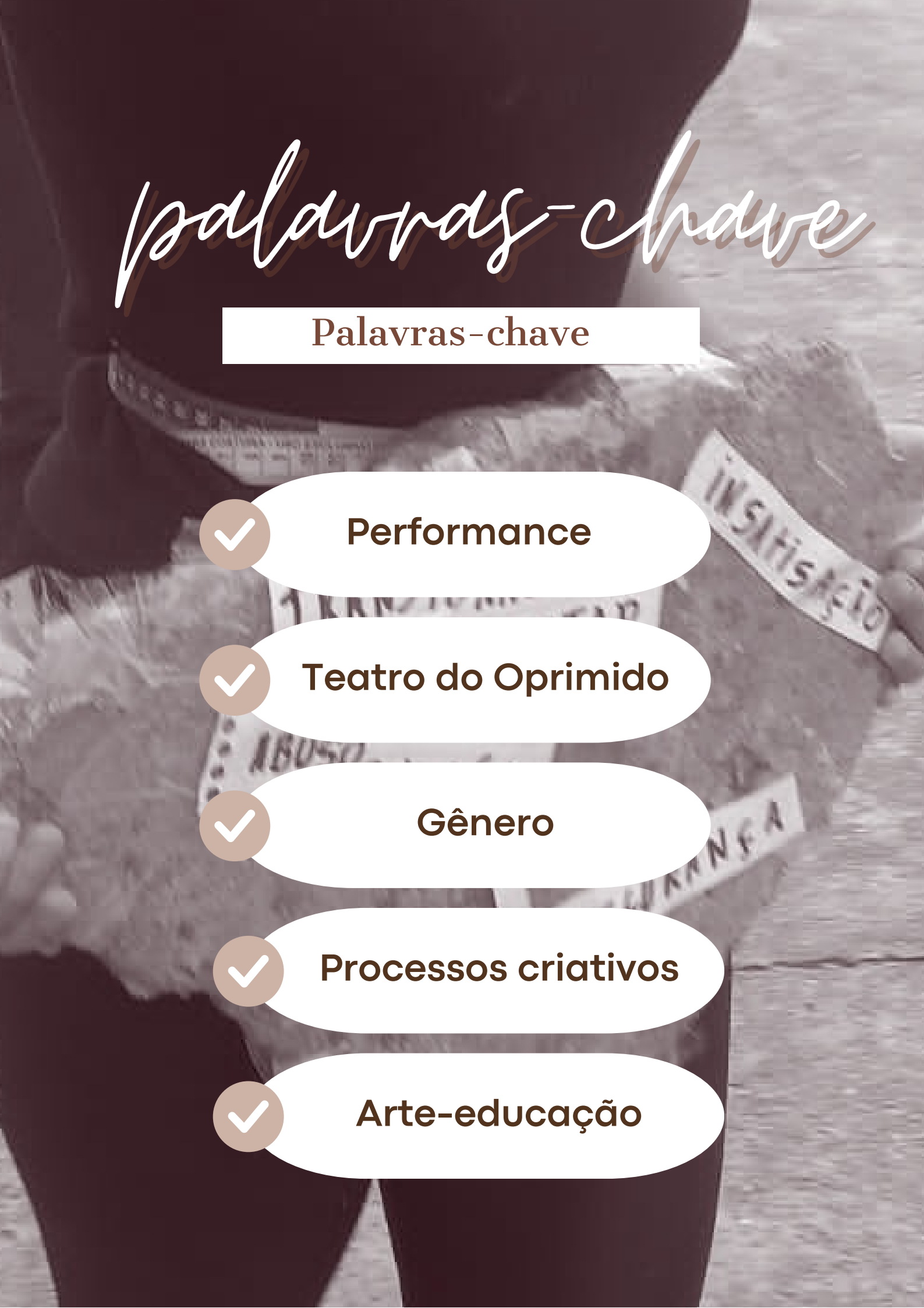
aline.barreto@seducam.pro.br

> **Caso ocorra algum problema com os QR Codes dos vídeos apresentados ao longo da dissertação, os mesmos podem ser acessados pelo link abaixo:**

https://drive.google.com/drive/folders/1w6B9QiM9vVyropigWimhtPIUMmqqkkqL?usp=sharing

Resumo

Esta pesquisa utiliza da Performance e do Teatro do Oprimido para trabalhar questões de combate à violência de gênero em sala de aula e a partir disso realizar processos criativos-reflexivos com estudantes de uma escola cívico-militar em Manaus. Apresento aqui relatos dos encontros realizados com as estudantes-artistas, bem como os planejamentos destes encontros e registros de ações performáticas construídas no ambiente escolar. Referente a metodologia, trata-se de uma pesquisa autoetnográfica que busca relacionar as minhas vivências enquanto mulher-artista-performer às vivências das estudantes-artistas participantes da pesquisa. No que tange o quadro teórico, destaco Augusto Boal (2009) com o Teatro do Oprimido, Guacira Lopes Louro (2014) e os estudos sobre gênero, bell hooks (2022) e sua busca por uma educação libertadora, Michel Foucault (2009) e a relação entre escolas e prisões, Debora Frota Chagas (2016) mulher, arte-educadora que está inserida em uma escola cívico-militar e ajuda a refletir sobre como ser presença também em espaços opressores, Eleonora Fabião (2008), artista performer que ajuda a levar a performance para sala de aula e discuti-la, Naira Ciotti (2013) com reflexões em torno do híbrido professor-performer, Gilberto Icle (2017) que nos apresenta suas práticas performativas em sala de aula e Cecília Salles (2011) que permeia todo o caminhar me auxiliando na reflexão dos processos criativos realizados com as estudantes. A partir das ações performáticas que praticamos juntas, percebo a potência que há na Performance ao ser levada para contexto educacional e as infinitas possibilidades de criação junto ao Teatro do Oprimido.



palavras-chave

Palavras-chave

- Performance
- Teatro do Oprimido
- Gênero
- Processos criativos
- Arte-educação

Abstract

This research uses Performance and Theate of the Oppressed to address issues of combating gender violence in the classroom, to engage in creative-reflexive processes with students from a civic-military school in Manaus. This paper presents reports of the meetings held with artist students, as well as the planning of these meetings and records of performative actions constructed in the school environment. Regarding the methodology, it is an autoethnographic research that seeks to relate my experiences as a woman-artist-performer to the experiences of the artist students participating in the research. In terms of the theoretical framework, Augusto Boal (2009) is highlighted with Theate of the Oppressed, Guacira Lopes Louro (2014) and gender studies, bell hooks (2022) and her search for a liberating education, Michel Foucault (2009) and the relationship between schools and prisons, Debora Frota Chagas (2016), an art educator who is inserted in a civic-military school and helps to reflect on how to be a presence in oppressive spaces, Eleonora Fabião (2008), a performer artist who helps to bring performance to the classroom and discuss it, Naira Ciotti (2013) with reflections on the hybrid teacher-performer, Gilberto Icle (2017) who presents us with his performative practices in the classroom, and Cecília Salles (2011) who supports me in reflecting on the creative processes carried out with the students. Through the performative actions that we practice together, I realize the power that Performance has when brought to the educational context and the infinite possibilities of creation together with the Theate of the Oppressed.

keywords

keywords

- Performance
- Theatre of the Oppressed
- Gender
- Creative process
- Art education

Em memória à minha vó Dora que levo sempre em meu balaio, perto do meu coração e faço questão de contar suas histórias por onde eu for. À minha mãe e a todas com quem caminhei, caminho e caminharei.
Sigamos juntas!



Agradecimentos

Começo agradecendo a Deus pela benção que foi poder desenvolver esta pesquisa, por ter me conduzido pelos caminhos que me trouxeram até aqui.

À minha família pelo suporte ao longo desses anos.

Às amigas e amigos que me acompanham neste processo desde a graduação em Teatro.

Às educadoras e aos educadores que me fazem companhia nesse caminhar da arte-educação, em especial a minha orientadora, Profa. Dra. Vanja Poty que me aproximou da Performance e dos estudos sobre gênero.

Às minhas estudantes-artistas por embarcarem nesse caminho comigo e confiarem em mim.

À minha banca de qualificação e defesa final, profa. Eneila Santos e prof. Fábio Hoffmann pelas contribuições com esta pesquisa.

À todas que vieram antes de mim e lutaram para que eu chegasse onde estou hoje.

À você, vó Dora, por me fazer forte.

MARIA MARIA - MILTON NASCIMENTO

Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta



Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando
deve chorar
E não vive, apenas aguenta
Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida

sumário

sumário

13 Antes do antes

21 Querida leitora

38 Seria essa uma apresentação?

50 PRIMEIRO cont[ATO]: DESCOBRINDO A MARIA QUE EM MIM HABITA

51 Os caminhos que percorri

61 Sobre o bairro Colônia Antônio Aleixo

70 Eu performer?

95 SEGUNDO cont[ATO]: MARIA DAS DORES ou DAS DORES DE SER MARIA

96 Disciplina, honra e educação!

111 Permissão para entrar no recinto, senhora!

122 Corpos dóceis, corpos úteis

134 Quando o corpo da mulher deixa de ser livre

140 TERCEIRO cont[ATO]: selMARIA ou O CÉU AZUL DE MARIA

145 Primeiras cri(AÇÕES)

147 Os encontros

190 QUARTOcont[ATO]: NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PERFORMER

194 Encontro com o acaso

197 A performance em sala de aula

198 Os caminhos para a performance "O que eu carrego comigo?"

224 Chegamos até aqui

227 Das fontes que bebi

233 Anexos



antes do antes

o que é importante saber antes de iniciarmos nosso caminhar



Sobre a pesquisa

Esta é uma pesquisa que teve inicio em 2021 ao ingressar no Mestrado do PROF-ARTES. Com o decorrer do processo, alguns focos foram se modificando e outros se mantiveram. Por se tratar de uma pesquisa que tem como metodologia adotada a autoetnografia e a crítica de processos criativos, o que vivencio na minha vida artística fora da sala de aula reflete diretamente nas minhas práticas pedagógicas. Você vai notar, cara leitora, que comecei tendo como foco o Teatro do Oprimido, mas ao longo do processo fui atravessada pela Performance, o que ecoou nas práticas que desenvolvi junto às estudantes-artistas em sala de aula.

Cano e Oprazo (2004) definem a autoetnografia como um tipo de pesquisa que tem como objetivo a valorização das vivências da pesquisadora por meio dos relatos que esta traz a respeito das práticas desenvolvidas, buscando compreender por meio da análise dos documentos do processo, as características daquele grupo ao qual faz parte.

Já a Crítica de Processos criativos, de Cecília Salles, utiliza de registros de processo para discutir e analisar os processos de criação realizados no coletivo. Como registros de processo entendemos retratos temporais de uma gênese que agem como índices do percurso criativo (SALLES, 2011, p.17). Por meio desses registros, que temos base para refletir nosso processo criativo vivenciado, mas, não nos prendemos somente a eles, pois como a própria Cecília Salles traz, "o crítico genético trabalha com a dialética entre os limites materiais dos documentos e a ausência de limites do processo; conexões entre aquilo que é registrado e tudo o que acontece, porém não é documentado (Id, 2011, p.17).

Portanto, ao longo de toda escrita, você encontrará registros que foram documentados por meio de protocolos, diários de bordo e relatos dos acontecimentos que vivenciamos. Como protocolos, Japiassu (2001) entente:

> Coisas que o aluno quer dizer sobre o que vivenciou nas aulas de teatro. Eles se referem sempre à última sessão de trabalho e costumam ser apresentados quando tem início um novo encontro, durante o círculo de discussão inicial. A cada sessão, um aluno diferente ou um grupo de alunos se responsabiliza pela confecção do protocolo

> referente aos assuntos discutidos, aos episódios ocorridos e às reflexões sobre os trabalhos daquele dia (JAPIASSU, 2001, p. 74)

Como comenta Japiassu, os protocolos servem de registros dos encontros realizados e ajudam a refletir sobre aquele momento que vivenciamos e o que sentimos durante a prática. Ao longo dos encontros com as estudantes em sala de aula, elas foram convidadas a escreverem protocolos referentes às práticas que realizávamos dia a dia, alguns eram partilhados nas rodas de conversas ao final dos encontros ou início do encontro seguinte, outros eram registrados nos diários de bordo (caderno de anotações) que foram entregues ao final do bimestre e utilizado como instrumento avaliativo do componente curricular de Arte, componente curricular este a qual ministro.

Desta forma, o que você encontrará à frente são registros e reflexões de todo o meu processo vivenciado junto às estudantes-artistas e os demais que estiveram presentes nesses dois anos de desenvolvimento da pesquisa numa escola cívico-militar da Zona Leste de Manaus. Cabe ressaltar aqui, que apesar de o ponto de partida ser experiências minhas e encontros que tive com o Teatro do Oprimido e a Performance, não é somente a esse aspecto que se resume a pesquisa, mas sim da relação de troca que tivemos em sala de aula e das percepções das atividades realizadas, do que minhas estudantes traziam e das visões que elas mesmas partilhavam sobre nossos encontros e os temas trabalhados.

Essas cinco personas que trago mais presente durante toda a escrita (as Marias), pertencem a cinco estudantes-artistas que participaram mais ativamente de todo o processo da pesquisa, desde o 8º ano quando estudamos o Teatro do Oprimido, até o 9º ano, quando adentramos nos conceitos de gênero e realizamos a ação performática na escola. Mais a frente elas se apresentarão para você, querida leitora.

Sobre a escrita

Outro ponto que vale salientar desde o início é sobre o modo de escrita que optei por utilizar nesta dissertação. Desde a graduação me incomodava o fato de estudar arte e nossos trabalhos não refletirem esteticamente o que somos, artistas. Percebia certo engessamento na parte da escrita, como se a prática e a teoria estivessem em lados opostos e não pudessem uma refletir na outra.

A escrita performativa entra aqui como um modo de transformar a escrita em uma das etapas do processo criativo. Ribeiro (2011) comenta que:

> No âmbito da investigação baseada nas artes, a adoção do enquadramento performativo admite que existem experiências e conhecimentos fundamentais que não são compatíveis com uma única forma de ver e estar no mundo que supostamente se deseja objetiva, estável e universal (RIBEIRO, 2011, p. 02).

A escrita performativa transforma o momento da escrita e da leitura em uma continuação do processo que fora vivenciado e apresentado ao longo da pesquisa, torna-se também objeto artístico que a leitora se relaciona através dos múltiplos sentidos buscando ler, sentir, ouvir o que a pesquisadora propõe. Aqui, a via não é de mão única em que quem lê acompanha passivamente, mas sim, a leitora torna-se também parte dessa criação.

Durante a dissertação você encontrará várias imagens que ajudam a compreender melhor o processo vivenciado, essas imagens são todas de acervo pessoal e não estarão sinalizadas com numeração nem legenda abaixo delas porque durante meu processo de escrita senti que legendá-las segundo a norma da ABNT causava uma quebra na leitura tornando-a menos fluída. Dessa forma, trarei no corpo do texto a explicação das imagens que você irá encontrar pelo caminho e, apesar de possuir a autorização da Plataforma Brasil para realizar a pesquisa e registrá-la, optei por borrar os rostos das estudantes-artistas nas fotos e vídeos para preservar suas identidades.

Sobre o ambiente da pesquisa

A pesquisa que aqui é apresentada foi desenvolvida numa escola cívico-militar localizada na Zona Leste de Manaus. As escolas cívico-militares em geral possuem a disciplina como um dos seus pilares e isso torna o ambiente mais rígido e com mais regras. Atuo nessa escola desde o ano de 2020 e enquanto educadora sempre tive liberdade para escolher os conteúdos que trabalho ao longo do ano letivo com minhas turmas, bem como minhas práticas pedagógicas. Em conversas com colegas que atuam em escolas que seguem esse modelo, percebi que essa realidade de abertura de escolha de conteúdos e práticas por parte do professor nem sempre acontece.

Essa liberdade para que eu organize meu currículo escolar contribuiu significativamente para que eu conseguisse desenvolver a pesquisa com as turmas, pois pude encaixar os estudos de Performance e do Teatro do Oprimido em meus planos, sem a preocupação de "gabaritar" todos os conteúdos "recomendado" pela Proposta Curricular. Isso nos possibilitou tempo (apesar de serem apenas curtos quarenta e oito minutos semanais) para nos debruçarmos na pesquisa e nas criações que realizamos.

Antes do início dos nossos encontros, apresentei para escola um plano do que pretendia realizar com as turmas durante esses dois anos de pesquisa para ciência por parte da direção escolar, esse plano sofreu alterações ao longo das atividades, mas a ideia seguiu a mesma e você pode acessá-lo nos anexos dessa dissertação, nas páginas 233 à 235. A direção não apresentou nenhum tipo de resistência ao plano e me deu abertura para realizar a pesquisa livremente.

Sobre as turmas e as estudantes-artistas

A escola onde a pesquisa fora desenvolvida tinha em 2021 cinco turmas de 8º ano e foi com essas turmas que dei início a parte prática trabalhando com o Teatro do Oprimido. Em 2022, essas cinco turmas se transformaram em seis turmas de 9º anos, em sua maioria com as mesmas estudantes do ano anterior e com elas resgatei o que havíamos estudado no 8º ano sobre o Teatro do Oprimido e demos continuidade com estudos sobre Performance e gênero.

As estudantes-artistas que você conhecerá nas próximas páginas são estudantes que estiveram comigo no 8º e 9º ano, todas as cinco do 9º ano 4, turma com quem tinha uma relação mais próxima e maior devolutiva dos trabalhos realizados.

Sobre o tempo

Como citado a cima, a pesquisa se desenvolveu nos anos de 2021 e 2022, iniciando quando as estudantes estavam no 8º ano e finalizando quando elas terminaram o Ensino Fundamental II, no 9º ano. Para exemplificar melhor como deu-se essa divisão do tempo/pesquisa, trago uma linha do tempo na próxima página.

LINHA DO TEMPO

pesquisa

Fevereiro de 2021

Início das aulas do programa – componentes (virtual por conta da pandemia da Covid-19).

Em decorrência da pandemia da Covid-19, realizamos todo o Mestrado de forma virtual, as práticas nas escolas também foram afetadas por conta da ausência das aulas presenciais, o que me levou a criar planos para realizar a pesquisa no ambiente virtual e no ambiente presencial caso retornássemos a tempo.

Setembro à novembro de 2021

Início das práticas de Teatro do Oprimido com os 8º anos.

Fevereiro de 2022

Disciplinas finais do Mestrado.

Seguindo o planejamento do segundo semestre apresentado à coordenação pedagógica da escola (ver anexos, p. 242 à 243).

Maio de 2022

Submissão pela Plataforma Brasil.

Julho de 2022

Aceite pela Plataforma Brasil.

Nesse período estava aguardando o aceite da Plataforma Brasil para dar continuidade às práticas junto às estudantes e realizar os registros dos nossos encontros.

Agosto à novembro de 2022

Aulas sobre Performance com estudantes dos 9º anos e composições artísticas performáticas.

Optei por antecipar o planejamento do 4º bimestre dos 9º anos e utilizá-los no 3º bimestre para finalização da prática da pesquisa junto às estudantes.



Querida leitora...



Hoje é uma típica tarde de domingo manauara, deve estar fazendo no mínimo 38º lá fora e eu sigo aqui com meu café e pensando em como começar nossa conversa. O bom é que o pensar já é um começo e essa introdução já me dá uma abertura para iniciar (continuar). Me chamo Aline, sou uma mulher branca, cis, de classe média, que há um tempo vem caminhando nesse mundo da pesquisa em educação, mais especificamente, em arte-educação.



Durante esse caminhar tive alguns encontros importantes que irei lhe apresentar para nos situarmos sobre como vim parar aqui. Nos próximos tópicos, esses temas serão abordados mais profundamente, mas de antemão gostaria de ressaltá-los para você. O primeiro encontro foi com o

teatro do oprimido (TO)

e deu-se ainda na Universidade enquanto estudava Teatro, foi uma paixão à primeira vista (nesse caso, à primeira lida) e, desde então estou sempre arrumando um jeito de encontrar uma brecha para estudar e praticar o TO em sala de aula e nas pesquisas do dia a dia.

O Teatro do Oprimido (TO) foi sistematizado por Augusto Boal em 1980, inspirado na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire e visa levar o espectador para a ação teatral. De acordo com BOAL (2009), o TO propõe um método teatral que busca exercitar o pensamento crítico das oprimidas, estimulá-las à busca por uma sociedade sem opressão e por meio dos exercícios/jogos transformar as consumidoras de arte em cidadãs capazes de produzir arte para assim, libertar-se das opressões e sair do papel de oprimidas.

O TO é feito para a oprimida e fala sobre a oprimida. Busca acabar com todas as formas de opressão, transformar a vida das oprimidas e dar papel de destaque para essas sujeitas que muitas vezes são esquecidas, que não tem vez, nem voz.

Depois do Teatro do Oprimido, veio o

gênero

mas na verdade, este já vinha se fazendo presente há um tempo, embora eu ainda não o tivesse percebido. Estudar gênero me permite conhecer melhor sobre meu eu feminino e entender o universo que permeia nossas vidas enquanto mulheres.

O terceiro contato foi com a

performance

e aconteceu no final do primeiro semestre de 2021 durante o componente curricular "Performance e gênero: estudos sobre o corpo e imagem", ministrada no programa do Prof-Artes pela minha orientadora Profa. Dra. Vanja Poty. A partir dos exercícios semanais, fui me permitindo criar e me descobrindo enquanto artista-performer.

A linguagem da Performance tem seu início por volta de 1960-1970 como uma maneira de combater o tradicionalismo e propor uma arte que se relaciona a partir do corpo, sendo esse o principal objeto artístico da artista-performer, o instrumento de comunicação com o público que se torna na performance muito mais próximo da obra e do artista (GOLDBERG, 2006). A performance ajuda a trabalhar meus limites do corpo, a me experimentar enquanto artista e comunicar de maneira mais direta com as que me acompanham.

Alguns apontamentos são importantes de serem ditos para melhor aproveitarmos esse nosso momento juntas.

O processo de escrita desta dissertação tem base na escrita performativa, o que me permite explorar outros meios de comunicação com você. Desta forma, você encontrará imagens, desenhos, links, QR Code e outros instrumentos utilizados para tornar nosso encontro mais leve, completo e sensível.

Durante a maior parte da escrita, irei me ater a usar os pronomes no feminino. Isso não para excluir os demais que não se enxergam dentro do gênero feminino, mas para dar destaque àquelas que durante toda uma vida precisaram estar inseridas nas narrativas à sombra dos pronomes masculinos. Conversaremos mais sobre isso logo, logo :)

Sobre a divisão da dissertação, utilizo a seguinte estrutura:

Antes de tudo

É nesse lugar que nos encontramos agora. Aqui começamos nosso caminhar juntas e apresento um pouco do que você encontrará ao longo deste nosso encontro, os caminhos trilhados até chegar nessa pesquisa de mestrado desenvolvida em uma escola cívico-militar da Zona Leste de Manaus.

No primeiro capítulo trago um pouco da minha vivência e o titulo como:

PRIMEIRO cont[ATO]: DESCOBRINDO A MARIA QUE EM MIM HABITA

Aqui, irei apresentar um pouco da minha trajetória enquanto mulher, arte-educadora, artista, performer. Também trarei algumas pessoas que foram e são importantes na minha vida, mulheres que ajudaram a construir a mulher que eu sou hoje. Para nomear os capítulos que dividem esta dissertação, busquei fazer relação com o nome Maria por achá-lo um nome forte, que expressa coragem e por este ser presente na minha vida, sou rodeada por Marias que irei apresentar para você durante nosso caminhar. Aqui você também encontrará um pouco dos caminhos que percorri e dos encontros que tive ao longo da graduação e da pós-graduação.

O segundo capítulo é em homenagem a minha querida avó Dora, eu o chamo carinhosamente de:

SEGUNDO cont[ATO]: MARIA DAS DORES ou DAS DORES DE SER MARIA

Nele, trarei reflexões sobre o lema da escola em que a pesquisa é desenvolvida, uma visão sobre o ensino nas escolas cívico-militares e sobre o corpo que necessita de constante permissão, corpo este que possui o anseio pela liberdade, pela livre expressão, mas esta nem sempre lhe é permitida. Por último, farei apontamentos a respeito da docilização dos corpos e a busca dos opressores para dominá-los.

Me acompanham nesse capítulo:

Michel Foucault com seu livro Vigiar e Punir (2014) que me ajuda a refletir sobre o sistema de ensino militarizado e a docilização dos corpos.

michelfoucault

Débora Frota Chagas (2016), uma professora de Teatro do Ceará que também se dedica a práticas libertadoras no espaço opressor das escolas cívico-militares.

débora frota chagas

Augusto Boal com seu livro "A Estética do Oprimido" que me ajuda a compreender melhor sobre o Teatro do Oprimido e a relacioná-lo com o dia a dia das estudantes.

augustoboal

Guacira Lopes Louro (2014) doutora e grande estudiosa das relações de gênero e sexualidade me guia nesse processo de estudo de gênero em sala de aula.

guaciralopeslouro

Fábio Hoffmann Pereira me auxilia nessa reflexão acerca do ensinar meninas e meninos e diferenças percebidas no ambiente escolar a respeito das relações masculino-feminino.

fábiohoffmannpereira

Ainda, faço neste capítulo uma reflexão mais voltada para o corpo das mulheres, as opressões que enfrentamos seja nos ambientes acadêmicos ou fora destes, as repressões que nossos corpos vão sofrendo ao longo do nosso dia a dia e os papéis que nós enquanto mulheres precisamos cumprir perante uma sociedade que já tem predefinido como devemos nos portar, vestir, falar, agir... Proponho reflexões a respeito da violência de gênero no contexto social e escolar, como nosso corpo grita constantemente por liberdade, esta que por vezes nos é tirada em espaços dentro e fora das escolas.

TERCEIRO cont[ATO]: selMARIA ou O CÉU AZUL DE MARIA

Selmaria é minha mãe, o céu que cobre nossa relação nem sempre foi azul, passamos por tempestades e por momentos de calmaria, questões de gênero premeiam nossa relação há tempos, nos afastou e hoje nos aproxima. Este capítulo é dedicado aos registros das ações pedagógicas e performativas desenvolvidas com as estudantes.

Trarei a proposta realizada durante nossos encontros, os planos de aula que nos acompanharam durante esse processo e registros retirados dos diários de bordo das estudantes e de falas que tivemos ao longo dos nossos momentos juntas.

Para esse capítulo, continuo a me basear nos escritos de Guacira Lopes Louro, Fábio Hoffmann Pereira, Augusto Boal, Débora Chagas e bell hooks, assim como no segundo capítulo, continua me guiando na reflexão acerca do papel dos homens na luta do movimento feminista.

> bell hooks, artista, teórica feminista, mulher preta que conheci por meio do livro Ensinando a Transgredir em que, a partir de suas experiências baseadas sobretudo na Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, ela nos ajuda a pensar e fazer uma educação pautada na liberdade das sujeitas.

bellhooks

augustoboal

Com seu livro "Jogos para atores e não-atores" que usei como referência ao preparar nossos encontros de Teatro do Oprimido.

QUARTO cont[ATO]– NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PERFORMER

Apresento a você, querida leitora, os registros da performance artística realizada junto às estudantes da escola onde a pesquisa foi realizada, bem como o processo de criação, apresentação e relatos das estudantes-artistas participantes acerca da obra performática O QUE EU CARREGO COMIGO? na qual falamos sobre a importância de buscar a si, se encontrar e permitir-se ser encontrada por si mesma, da importância de nomear aquilo que somos, que fomos e carregamos e, por fim, permitir-se ser vistas, ouvidas e sentidas.

Neste último capítulo também trarei reflexões acerca da performance em sala de aula, como foi para mim enquanto artista-pesquisadora esse encontro com a performance agora no ambiente escolar, dentro da sala de aula com minhas estudantes. Veremos ainda a visão delas sobre o contato que tiveram com a performance e os anseios a partir de nossa ação performática realizada no espaço escolar.

Me ajudam neste capítulo:

cecíliaalmeidasalles

> Cecília Almeida Salles com sua crítica de processos criativos que me permite refletir o processo vivenciado com as estudantes durante a performance realizada e a entender os acasos de todo esse processo vivenciado.

gilbertoicle

> Gilberto Icle, professor da Universidade Federal do Rio Grande so Sul que possui trabalhos voltados para a performance na educação.

eleonorafabião

> Eleonora Fabião, performer e teórica da performance. Utilizo de seu trabalho "Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea" para discutir performance em sala de aula com minhas estudantes.

nairaciotti

> Naira Ciotti, professor-performer com suas reflexões acerca do híbrido professor-performer contribuindo para relacionar minhas vivências em performance dentro e fora da sala de aula.



Estou animada com

esse nosso caminho

juntas. Obrigada por me

acompanhar.

IMPORTANTE

Ao longo de toda a dissertação, terei companhia de cinco das estudantes-artistas participantes da pesquisa, elas irão tecer alguns comentários a respeito dos temas trazidos ao decorrer da escrita. Esses comentários foram tirados das nossas conversas em sala de aula por meio dos protocolos, diários de bordo e outros documentos de processo.

Juntas, optamos por identificá-las primeiramente pelo nome de Maria, que esteve presente durante todo nosso processo criativo, seguido por um elemento que tenha relação com suas histórias.

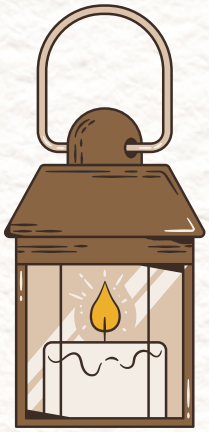
Assim, quando você encontrar esses elementos durante a leitura, significa que são elas quem estão com a palavra. Abaixo, você irá começar a conhecer um pouco de cada uma:

Maria Flor



Sou parda, tenho cabelos curtos, olhos castanhos, meu sonho é ser escritora, adoro escrever fanfics e ficar inventando história. Escolhi o elemento da flor para me representar por adorar a natureza, o que me faz lembrar de minha mãe que tem um quintal cheio de plantas, flores e um canteiro que é o chamego dela.

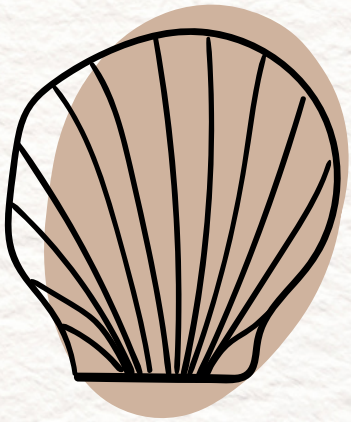
Maria Luz



Sou uma menina parda, possuo cabelos longos e pretos, sou magra, nem tão alta e nem tão baixa. Escolhi a luz como meu elemento porque eu sou do tipo de pessoa que prefere o dia à noite, eu acredito muito na luz, na energia das pessoas e tento passar um pouco da minha luz para meus amigos.

Maria Concha

Eu sou morena, tenho cabelos pretos e enrolados, sou de uma altura mediana, meus olhos são castanho escuro e sou apaixonada por livros de suspense. Eu escolhi a concha como elemento porque me lembrei de uma história que ouvi em sala de aula, ela falava sobre conchas e ostras e no poder delas de suportar a dor, que elas precisam lidar com coisas que incomodam por acreditar que se pode fazer algo maior. Eu quero acreditar que existe algo maior, que a vida tem coisas boas também.



Maria Lobo



Tenho pele clara, cabelo curto e preto, sou mais fortinha, meus olhos são castanhos e meus hobbies são ler e assistir dorama. Um tempo atrás eu ganhei de uma amiga um livro chamado "Mulheres que correm com os lobos", ele me ajudou a entender algumas coisas e a lidar com as coisas ruins que acontecem. Tem uma parte dele que me define muito:

"Sermos nós mesmos faz com que acabemos excluídos pelos outros. No entanto, fazer o que os outros querem nos exila de nós mesmos".

Maria Lua

Eu vivo no mundo da lua, por isso escolhi esse elemento. Sou alta, tenho cabelo curto e enroladinho, sou uma boa aluna, uma boa filha, uma boa irmã... Estudar é algo que eu gosto bastente, mas também é uma coisa que me traz ansiedade porque me cobro demais. Eu amo ler, adoro imaginar histórias, lugares, outras vidas. Adoro fantasiar que sou diferente, que estou em outro lugar. Amo a noite, olhar as estrelas, amo chás...



Companheira me ajude

que eu não posso andar só

Eu sozinha ando bem,

mas com você ando melhor!

Mantra Pastoral da Juventude



Seria essa uma apresentação?

Essa pesquisa tem seus primeiros passos ainda durante a graduação, na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no curso de Licenciatura em Teatro. Após a formação, ao adentrar a escola cívico-militar onde hoje realizo minha pesquisa, comecei a estudar e refletir formas de como pensar em práticas da cena e práticas libertadoras que transgridam a noção de corpos inertes em um lugar que lida diariamente com estes corpos de maneira mecanizada e docilizada.

A partir disso, procuro nesta pesquisa descrever e analisar os processos criativos realizados com as estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola cívico-militar manauara, utilizando da Performance e do Teatro do Oprimido como base para criação artística e debate acerca da discussão sobre violência de gênero no contexto educacional e social. Ainda, procuro aqui nesta dissertação relatar o meu processo enquanto pesquisadora junto ao grupo das estudantes-artistas participantes da pesquisa, experienciar o Teatro do Oprimido e a linguagem da Performance em sala de aula, relacionando os fundamentos teóricos às práticas propostas, de maneira a proporcionar espaço de reflexão, criação e fruição artística às

estudantes sobre a violência de gênero e junto com elas, criar experimentos performáticos com o objetivo de promover sensibilizações artísticas na escola sobre a temática trabalhada.

Qual o nosso papel enquanto professoras de Arte nas escolas? Como a arte é vista dentro do espaço escolar? Como o teatro é visto dentro da escola? O teatro é considerado um agente de incômodo, é visto apenas como uma ferramenta na hora de fazer "teatrinhos" ou nem chega a ser visto? Começo minha justificativa trazendo esses pontos para refletirmos.

Durante muito tempo, o ensino de Arte foi visto como uma ferramenta para alcançar objetivos para além do ensino, como desenvolver a criatividade, ajudar com a timidez, entre outros fins não-artísticos. Santos e Caregnato (2019) comentam:

> Como consequência disto, encontramos frequentemente a Arte sendo apontada como meio para alcançar fins diferentes da sua natureza. Assim, o contextualismo defende o ensino de Arte como "ferramenta" para atingir fins distintos de sua origem, como se não fosse possível uma justificativa essencialmente ligada à Arte, para assegurar ensino desta área nas escolas de modo a possibilitar um aprendizado integral ao estudante (SANTOS e CAREGNATO, 2019, p. 95).

Vivenciei esse descaso com a Arte em meus tempos de estudante, pois durante todo o meu ensino básico meu contato com a arte foi mínimo e essa educação que tem como base uma prática libertadora que nos faz refletir, que nos torna agentes ativos, infelizmente não tive. Mas, citando bell hooks (2017, p. 13) "apesar das experiências intensamente negativas, me formei na escola ainda acreditando que a educação é capacitante, que ela aumenta nossa capacidade de ser livres".

Hoje, entendo que isso se deve ao fato de eu não ter tido nesse tempo, um professor que de fato fosse formado em arte. Essa realidade não foi exclusivamente minha, pois ao longo de meus estudos pude observar que muitos colegas também passaram por experiências semelhantes e vejo que isso contribuiu para que o componente curricular Arte seja visto hoje por muitos de maneira inferiorizada.

Moura (2019) nos traz em sua pesquisa de Mestrado alguns dados interessantes sobre a realidade do Ensino de Arte em Manaus, ele comenta que

> [...] do corpo geral dos professores de Arte da SEDUC/AM que atuam no Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio, apenas 39,80% dos professores possuem formação em algum campo da Arte (MOURA, 2019. p. 108)

Atuando nas secretarias de educação do Estado do Amazonas e do Município de Manaus, vejo que essa é de fato uma realidade recorrente. Pelo fato de o componente de Arte possuir uma carga horária mínima de uma aula por semana, por vezes quem ministra as aulas de Arte são professores de outros componentes para poder complementar sua carga horária, isso ocorre sobretudo em escolas pequenas que possuem poucas turmas.

Pensemos juntas: se eu professora de Arte preciso cumprir dezesseis horas em sala de aula e minha escola só possui oito turmas, eu preciso encontrar outra escola para atingir a minha jornada de trabalho semanal. Dessa forma, muitas escolas acabam optando por dividir essas seis ou oito horas entre professores de outros componentes curriculares.

Cabe ressaltar que essa realidade vem se modificando aos poucos, embora ainda não seja a ideal. Não há registro ainda de um estudo sobre o quantitativo de professores formados em Arte nas secretarias de educação do Estado e do Município, mas, tendo como base os dois últimos concursos realizados, podemos observar que aos poucos estas profissionais vem ocupando o espaço que é seu por direito, pois foram convocados setenta professores de Arte de fato formado em uma das quatro linguagens artísticas para atuarem rede estadual e cento e quatorze para atuarem na rede Municipal de Educação. Já vejo como um avanço termos cento e oitenta e quatro profissionais de arte ministrando o componente curricular de Arte. Ainda estamos longe do cenário ideal, mas já há vestígios de mudanças.

Querida leitora, como foi seu ensino de Arte durante o ensino básico?

Encontrei no Teatro do Oprimido, de Augusto Boal (2009) ideias que são compatíveis com o que eu penso a respeito do papel da arte e do teatro em sala de aula. Pois, acredito numa educação que seja transformadora e significativa para as estudantes, em caminhos que as levem a sair do papel de seres passivos e tornem-se agentes ativos no seu processo de ensino e aprendizagem.

Me sinto muito representada pela fala de bell hooks quando ela comenta sobre seu ensino básico:



> Não eram auto atualizados e frequentemente usavam a sala de aula para executar rituais de controle cuja essência era a dominação e o exercício injusto do poder. Nesse ambiente, aprendi muito sobre o tipo de professora que eu não queria ser (hooks, 2017, p. 14).

Nós vivemos em um momento em que as nossas estudantes, sobretudo as adolescentes, passam por constantes transformações e são oprimidas por diversas maneiras através das mídias, dos padrões que são duramente impostos pela sociedade, da não aceitação, entre tantos meios de opressão que nos cercam. Por isso, vejo o quão importante o Teatro do Oprimido se faz no espaço da sala de aula, haja vista que ele possibilita um ambiente de reflexão, expressão e transformação fazendo com que as estudantes percebam que:



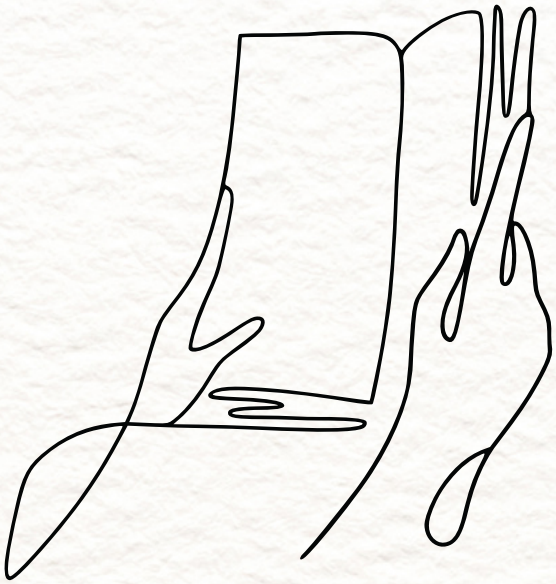
> Só através da criatividade e da liberdade de produção e transmissão da arte, do pleno e livre exercício das duas formas humanas de pensar (pensamento sensível e simbólico) só assim será possível a liberação consciente e solidária dos oprimidos (BOAL, 2009, p.18).

O que proponho aqui é experimentarmos juntas uma diferente forma de se expressar e abordar a temática da violência de gênero tanto no ambiente escolar, quanto na sociedade como um todo. Para isso, utilizaremos da Performance, de jogos e experimentos que o próprio TO propõe, refletindo sobre como realizar em sala de aula um resgate dos caminhos e lutas que diversas mulheres precisaram trilhar para chegar aonde estamos hoje e trazer as tantas histórias de mulheres que nos acompanham ao longo da nossa vida e, ainda, dar lugar de

destaque àquelas que por tanto tempo foram silenciadas e a nós mesmas.

No que tange a metodologia desta pesquisa, é adotada a autoetnografia por se tratar de um tipo de pesquisa que busca comunicar e relacionar aspectos da vivência da própria pesquisadora com o seu objeto de pesquisa. Santos (2017) nos diz que:

> O que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido, etc.) (2017, p. 06).



A pesquisa autoetnográfica me permite mergulhar na minha própria história e entender os acasos que me trouxeram até aqui. Me possibilita relacionar vivências minhas e das que me acompanham às práticas artísticas e pedagógicas que me conduzem enquanto arte-educadora, a entender as tendências que tenho e de onde elas brotam. O porquê de o Teatro do Oprimido ter me encantado logo que o conheci. O porquê de eu estar hoje estudando sobre gênero e educação. O porquê de ser uma constante preocupação as vidas das nossas estudantes adolescentes. O porquê de a Performance ter me encontrado. São muitos os porquês. Acredito que tudo isso tem um ponto de partida e permanência... vamos descobrindo juntas durante nosso caminhar.



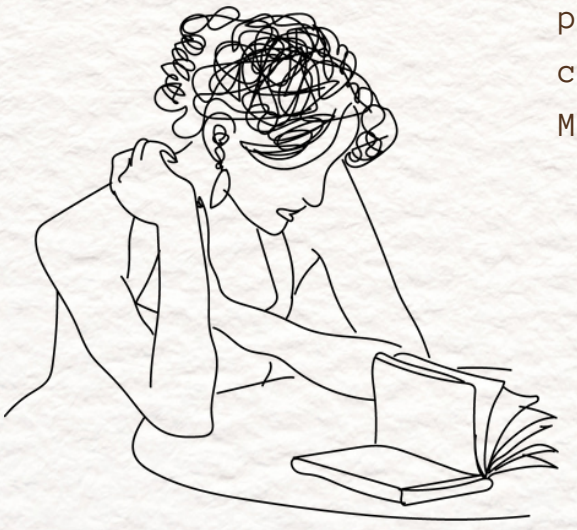
Para me auxiliar nessa imersão da minha vivência enquanto artista-professora-pesquisadora, irei me ater aos estudos sobre experiência trazidos por Jorge Larrosa Bondía e durante a análise dos processos criativos realizados com as estudantes, utilizo a obra Crítica de Processos Criativos, de Cecília Almeida Salles.

Para INÊS SABER DE MELLO et al (2020, p;6-7) "contar a história apagada, usar a linguagem marcada pela experiência, são caminhos possíveis para uma escrita performativa, feminista e decolonial".

É esse o foco, tomar posse da minha história, dar voz às minhas estudantes e as suas vivências para juntas contarmos nossas histórias para tantas outras mulheres.

Partindo desta perspectiva, optei pelo uso da escrita performativa, buscando um estilo que fuja dos modelos tradicionais, acreditando que não somente com palavras podemos nos comunicar, mas também a partir de imagens, sons, sensações, entre outras e diversas formas.

> Poderíamos apontar como características do performativo: o apelo a outros modos de percepção (e no caso do texto, a própria ressignificação do que é considerado texto); o caráter processual, inacabado, de algo que está sendo feito, do que está sendo composto através de uma colagem de diferentes formas e gêneros; o espaço para o cotidiano, a não separação entre arte e vida; a (re)inscrição da arte no domínio político; o deslocamento dos códigos; a possibilidade do risco; do malogro, do erro que acompanha a tentativa; a ludicidade das formas visuais e verbais do discurso; a performatividade como experiência e como execução da verdade (SABER DE MELLO et al, 2020, p. 8)



Por vezes, o ambiente acadêmico nos deixa engessados em regras e nos faz esquecer que a escrita também é arte, que enquanto artistas-pesquisadoras, as obras que criamos e pesquisamos não são lineares e, se a escrita retrata sobre essas experiências, ela também não deve seguir essa linha de um início, um meio e um fim. Sobre isso, Boal nos diz que "temos que repudiar a ideia de que só com palavras se pensa, pois pensamos também com sons e imagens, ainda que de forma subliminar, inconsciente, profunda!" (BOAL, 2009, p. 16).

É por isso que faço o uso da escrita performativa, por acreditar que o ato de escrever também é artístico e faz parte do meu processo de criação.

Como instrumentos de coleta de dados, faço uso de caderno de campo, diários de bordo, escritas criativas, fotografias e vídeos que contribuirão para o acompanhamento das estudantes e meus enquanto pesquisadora participante.

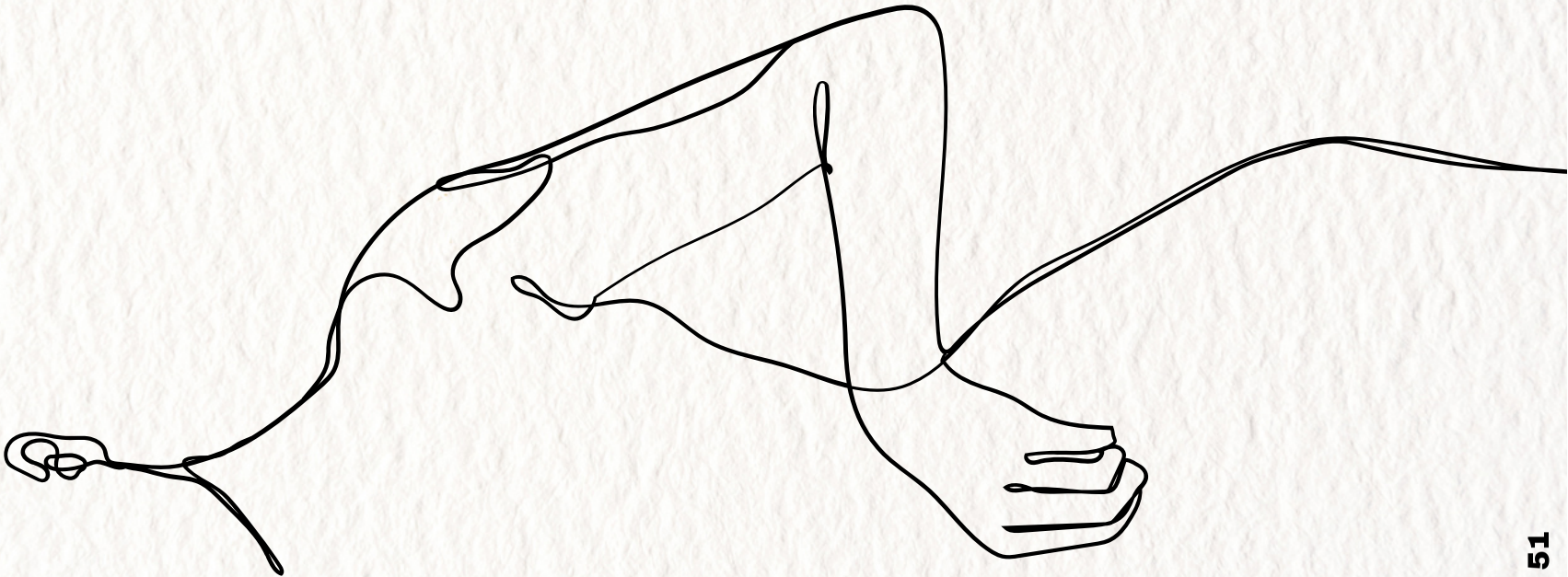




Primeiro contATO

DESCOBRINDO A MARIA QUE EM MIM HABITA

os caminhos que percorri



A gente aprende na marra que ser Maria é um ato diário de resistência!

Maria Luz (estudante-artista participante da pesquisa)



Esta dissertação parte do lugar de partilhar acontecimentos que me atravessaram durante o tempo e espaço. Experiências de dentro da família, da Igreja, da escola, da universidade, da Pastoral da Juventude, da sala de aula e tantos outros espaços por onde caminhei e caminho. Vivências enquanto filha, neta, irmã, estudante, professora, coordenadora de pastoral, cristã, mulher...

Nela, há vários desses atravessamentos que me ajudaram a construir o meu próprio caminhar. Consiste em experiências que tive ao longo da minha pesquisa, vivências de antes da pesquisa e também as que estou tendo nesse exato momento ao escrever para você, querida leitora. Espero que também ressoe em você este partilhar. Para melhorar nosso contato e permitir uma maior abertura nessa nossa nova relação, irei contar um pouquinho sobre mim.

Attraversiamo



Esta é uma das tatuagens que possuo, nela está escrito ATTRAVERSIAMO, que significa "vamos atravessar?" e é este o convite que te faço nesse momento, cara leitora.



Aline Vasconcelos

MULHER - ARTISTA - EDUCADORA

De todo o amor que eu tenho, metade foi tu que me deu, salvando minh'alma da vida, sorrindo e fazendo o meu eu... (Dona Cila – Maria Gadú)

Começo meu memorial com esse trecho da música Dona Cila, da Maria Gadú, que há quatro anos acalenta meu coração e de alguma forma preenche o vazio que é não ter mais Dona Dora aqui ao meu lado, a mulher mais incrível que eu conheci e sem dúvidas, a mais importante da minha vida.

Sou neta, filha, irmã, sobrinha, amiga... uma mulher que reconhece os privilégios que tem e também as lutas que tive que enfrentar ao longo de todo esse tempo apenas pelo fato de ser mulher. Sei que para muitos essa realidade não é próxima e esses podem até chamar de vitimismo quando dizemos que ser mulher é uma luta diária, mas, essa é a mais pura verdade (sobretudo em virtude do momento histórico de 2022, período em que esta dissertação estava em desenvolvimento, no qual ainda éramos (des)governados por um governo que esnoba e desmerece as lutas das minorias).

Fui me entendendo enquanto mulher ao longo dos anos, e com isso, percebendo a força do feminino que habita em mim. O mais curioso dessa história é que o lugar onde passei a ter essa percepção foi dentro da Igreja, com padres, freiras e jovens da Pastoral da Juventude. Aquela Igreja que anos atrás perseguiu mulheres, foi a que me acolheu e me ajudou a me formar e me fez mais forte.

Nasci em um feriado, no dia 24 de outubro de 1994, aniversário de Manaus, minha cidade. Quando saí do hospital com minha mãe, fui direto para casa da minha avó Dora e por lá fiquei até os nove anos. Vó Dora é minha pessoa preferida no mundo todo, hoje ela já não está aqui na terra, mas não tem um dia em que não pense nela ou que não veja ou faça algo que me remete diretamente a sua figura. Vovó é forte. Vovó reclamava dia e noite. Vovó gostava dos meus amigos e os acolhia como seus. Vovó veio do município de Lábrea em 1979 trazendo uma filha de três anos rumo à Vila do Paricatuba (uma comunidade do município de Iranduba- AM, onde existia um hospital que abrigava os hansenianos) em busca de uma vida melhor após perder sua mãe, ver sua irmã ser tirada de casa por conta da hanseníase e o pai de sua filha falecer.



Igreja de Nossa Senhora de Fátima, localizada na praça central de Lábrea.

Em 2015, trinta e seis anos após sair de sua terra natal, pude levá-la de volta para visitar seus parentes e amigos, foi um momento muito importante para nós duas e compartilho com você, querida leitora, um pouquinho desses registros de amor.

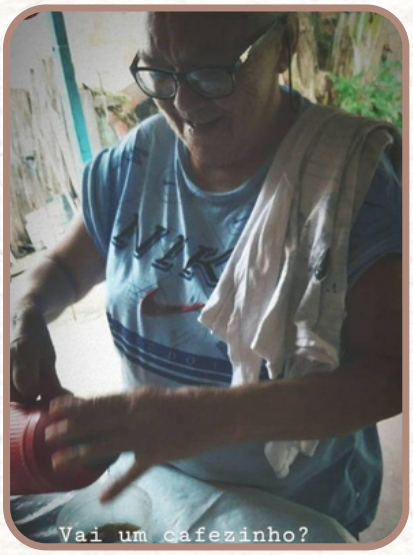


Querida leitora, neste momento você pode pegar uma bebida de sua preferência e apreciar o áudio ou o vídeo do clipe que está no cantinho da tela. É de uma música importante para mim, que me deu forças para lidar com o encantamento da minha Maria em 2019. Aproveito a ocasião para lhe convidar a fazer memória e nomear aquelas que foram importantes durante seu caminhar...



Eu não consigo nem imaginar as coisas pelas quais vovó teve que passar ao longo desse tempo de sua vida. Vovó é força. Mesmo com pouco estudo, foi ela quem me criou e formou. Mesmo não entendendo muito das coisas e achando perda de tempo eu escolher estudar e não formar uma família, ela me dava forças só de eu olhar para ela. Nossas tardes eram regadas a conversas (eu mais ouvia do que falava), ela sentada na sua cadeira de balanço e eu na outra cadeira com o pé em cima de sua perna. E cafezinhos, sempre tinha um cafezinho ali, isso era certeza.

.



Hoje pesquisando sobre gênero, vejo as tantas mulheres que me ajudaram a construir quem sou hoje. À elas, o meu muito obrigada! De certo, a vida não é fácil quando seguimos sozinhas, mas juntas, caminhamos melhor.

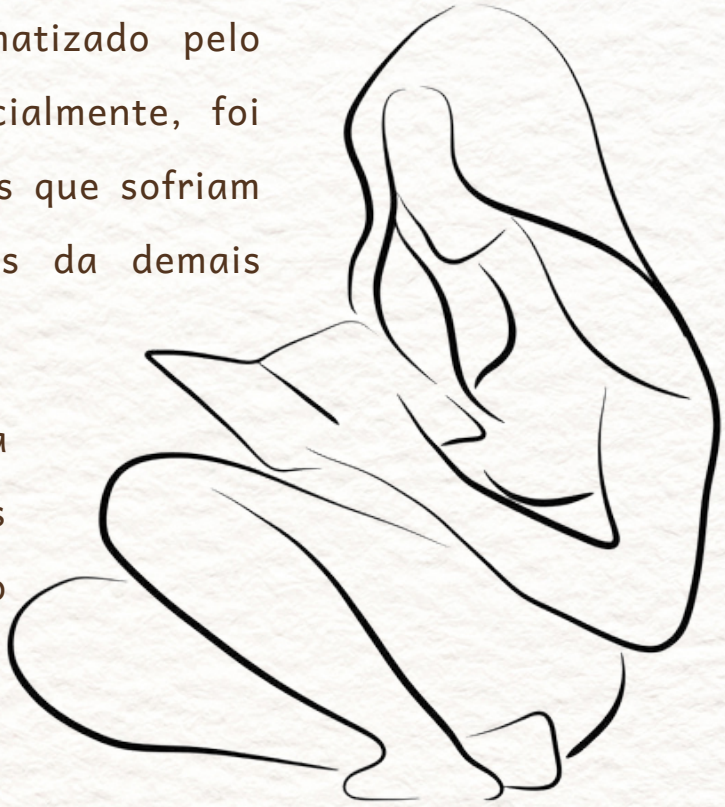
.

Vamos dar as mãos, erguer as bandeiras

Vamos cirandar em defesa da vida das companheiras...

Ser professora nunca foi um sonho, já ser atriz era um sonho que tinha desde pequena, mas que foi deixado de lado por na época ser muito distante da realidade. Hoje ser uma arte-educadora só me faz pensar que tudo tem um porquê e as linhas do nosso destino seguem o rumo que precisam seguir....

Nasci e cresci em um bairro estigmatizado pelo preconceito contra a hanseníase. Inicialmente, foi usado como "depósito" para as pessoas que sofriam do mal de Hansen para distanciá-las da demais população.



Crescer nesse bairro não foi uma coisa ruim, apesar de todo o sofrimento que as pessoas passaram ao chegar lá, todo esforço que tiveram que fazer para lidar com o isolamento, a saudade dos seus parentes, a segregação que enfrentavam, é um lugar de um povo que se ajuda, se conhece e partilha a vida. Por ser um bairro distante do centro da cidade, isso dificultava o acesso a programas culturais, com isso, meu primeiro contato com o teatro foi só quando cheguei na Universidade. Antes disso, o percurso foi no mínimo diversificado.





Sobre o bairro Colônia Antônio Aleixo

O bairro Colônia Antônio Aleixo é localizado na Zona Leste de Manaus- AM, às margens do Lago do Aleixo, há 35 km do Centro de Manaus, próximo ao encontro das águas dos Rios Negro e Solimões. Foi oficialmente criado durante o governo de Getúlio Vargas em 1930 quando foram construídos dezesseis pavilhões de madeiras que recebera homens que vieram do Nordeste para trabalhar nos seringais da Amazônia, os chamados “Soldados da Borracha”, esses soldados foram transferidos para os interiores do Amazonas e então o bairro ficou abandonado por aproximadamente dez anos.

O bairro voltou a ser ocupado novamente em 1940, desta vez por portadores da Hanseníase, a vulgarizada lepra. A escolha deste lugar deu-se pelo fato de ser isolado do resto da cidade e de difícil acesso naquela época.

Na década de 1940 os pacientes de um leprosário localizado no vilarejo de Paricatuba, município de Manacapuru- AM foram transferidos para o bairro Colônia Antônio Aleixo como uma maneira de isolá-los, pois naquela época acreditava-se que a hanseníase era contagiosa. Nazaré Ribeiro (2011), doutora em Ciências pela USP, conta um pouco dessa história em sua tese:

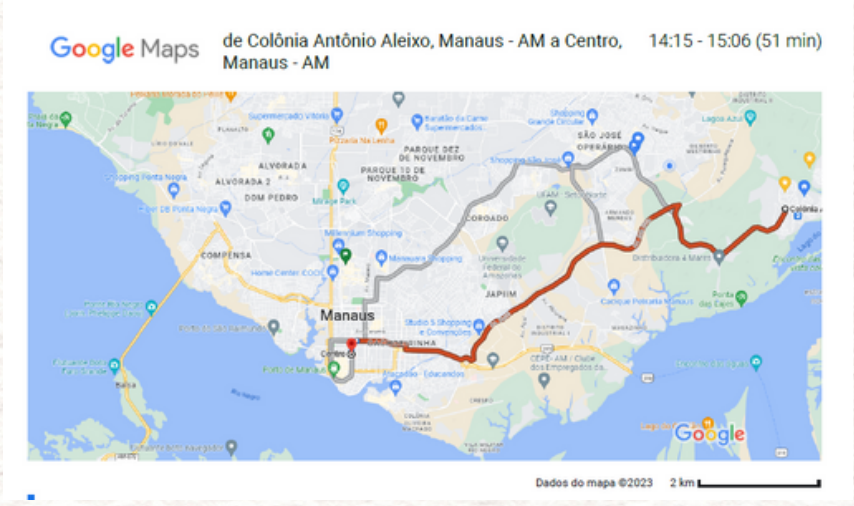
> Na década de 1940 os pacientes de um leprosário localizado no vilarejo de Paricatuba, município de Manacapuru foram transferidos para o bairro Colônia Antônio Aleixo, como uma maneira de isolá-los, pois naquela época acreditava-se que a hanseníase era contagiosa, muitos desses hansenianos foram totalmente abandonados por seus familiares e esquecidos pelo Estado (RIBEIRO, 2011,p. 35).

Com o passar do tempo o bairro começou a ser habitado por alguns familiares dos hansenianos que viam visitá-los e que aos poucos foram se integrando à comunidade. Outro fator que muito colaborou para o desenvolvimento do bairro foi a presença de missionárias religiosas que se dedicaram pelas pessoas e em muito contribuíram para a superação e crescimento da Colônia, estas missionárias lutaram pela fundação de Escolas, davam assistência aos hansenianos, ajudavam as famílias carentes com alimentação, medicamentos e até mesmo co, construção de moradias.

Com o auxílio do Google Maps, produzi duas imagens que nos ajudam a compreender a localização do bairro e a distância até o Centro da cidade de Manaus, um dos motivos pelos quais o bairro foi por tanto tempo carente de produções culturais uma vez que estas são situadas sobretudo no Centro da cidade.



A zona pontilhada corresponde ao território do bairro Colônia Antônio Aleixo.



Percurso que percorremos de ônibus do bairro Colônia Antônio Aleixo até o Centro da cidade de Manaus

Na Colônia estudei até o Ensino Fundamental II e, embora não tivesse muito acesso a programações culturais, o ECAE (Espaço Cidadão de Arte e Educação) que é uma das ações desenvolvidas pelo CSELA (Centro Social e Educacional do Lago do Aleixo), possibilitou que tivesse aulas de balé aos

sete anos de idade. Talvez tenha sido a partir daí que aflorou em mim esse encanto pela arte (depois de formada, retornei algumas vezes para o espaço como oficineira. Foram momentos de realização pessoal).

Até chegar no curso de Licenciatura em Teatro passei pela agropecuária no Ensino Médio e após formada, minhas alternativas para a graduação eram jornalismo e fisioterapia, mas então, por um acaso acabei parando na arquitetura e urbanismo. Cursei poucos períodos até perceber que ali não era meu lugar. Foi quando ao fazer a inscrição para o vestibular da UEA, vi que havia a opção Teatro.

Naquele momento, de alguma forma o sonho da Aline criança ressurgiu e eu fiz minha inscrição. Para minha surpresa, passei e fui. Fui sem nenhuma experiência, sem nunca ter pisado em um teatro, feito alguma peça ou participado de qualquer outra coisa que envolvesse aquele universo. Eu só fui. Peguei meu sonho e segui o caminho que estava se abrindo. Abaixo, deixei alguns registros da minha passagem pela universidade :)





teatro 2013







caminhante...



Jorge Larrossa Bondía (2021), em seus escritos sobre experiência nos diz que:

> A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E essa canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos (LARROSSA, 2021, p. 10).

Hoje percebo que as experiências que tive ao longo do meu caminhar me trouxeram até este momento, a esta pesquisa que desenvolvo. Todas as vezes que ser mulher me custou ter que impor minhas opiniões de maneira mais veemente para poder ser ouvida, todas as vezes que temi por ser eu mesma, tudo isso foram atravessamentos que ressoaram em mim e fizeram ser quem sou hoje.

Fui me compreendendo enquanto artista à medida que me relacionava com a arte e o ambiente artístico. A Universidade me propiciou esses primeiros contatos e encantos. A relação com a docência também foi acontecendo de maneira fluída a partir de um projeto desenvolvido pela Prof. Amanda Ayres, no qual recebíamos semanalmente crianças do Projeto Ler Para Crescer e desenvolvíamos experimentos teatrais e montagens cênicas com crianças e adolescentes do bairro Colônia Antônio Aleixo (isso mesmo, o meu lugar!). Este foi um dos momentos me ajudaram a enxergar a arte-educadora que estava dentro de mim.



Para realizarmos os trabalhos tivemos que dividir os participantes do projeto em dois grupos e optar por trabalhar com um desses: adolescentes e crianças. Optei pelas crianças e estas depois passaram a ser chamadas carinhosamente de Formiguinhas. Aqui temos um registro da apresentação final do projeto, uma encenação da obra Os Saltimbancos, de Chico Buarque.

Ler para crescer...

O Instituto Ler para Crescer foi fundado em 2006 por Elaine Elamid e um grupo de amigos. Tem por objetivo ser um espaço alternativo de educação e lazer, permitindo que crianças e adolescentes de comunidades periféricas de Manaus e do município de Iranduba (AM) tenham garantidos seus direitos a educação e ao lazer. Fonte: www.lerparacrescer.org.

O contato com o Teatro do Oprimido aconteceu durante o componente Metodologias do Teatro por meio do livro "A Estética do Oprimido", de Augusto Boal. Já a performance, que pelo acaso entrou na minha vida um bom tempo depois, surgiu por conta da minha orientadora que ministrava a o componente Performance e Gênero: discursos sobre o corpo e imagem. Esse último, foi um encontro importante que ajudou a ressignificar os caminhos que esta dissertação foi seguindo.

Cecília Salles (2018) nos traz o conceito de projeto poético e diz que:

> O projeto poético está também ligado a princípios éticos de seu criador: seu plano ele valores e sua forma de representar o mundo. Pode-se falar de um projeto ético caminhando lado a lado, com o grande propósito estético elo artista. [...] este é um conjunto de comandos éticos e estéticos, ligados a um tempo e um espaço, e com fortes marcas pessoais (SALLES, 1998, p. 38 e 131).

Hoje, enquanto pesquisadora e artista consigo ver com clareza que meu projeto poético trata-se de trabalhar a Performance em sala de aula e possibilitar às minhas estudantes espaços onde elas possam se expressar e por meio da arte lutar por uma vivência mais justa para nós mulheres.

Isso não significa que esse projeto poético é imutável, não, ele pode sim ser alterado conforme eu tenha outras vivências, mas acredito que a relação com o gênero sempre tão presente em minha caminhada vai continuar direcionando tanto minhas práticas artísticas, quanto minhas ações pedagógicas.

Sobre as aulas do componente Performance e Gênero, a seguir você pode visualizar um pouco das construções artísticas realizadas ao longo do nosso processo de encontros.





EU PERFORMER?



DESCOBRINDO-SE PERFORMER
DESCOBRINDO-SE PERFORMER
DESCOBRINDO-SE PERFORMER
DESCOBRINDO-SE PERFORMER
DESCOBRINDO-SE PERFORMER
DESCOBRINDO-SE PERFORMER
DESCOBRINDO-SE PERFORMER

Sobre o componente Performance e gênero

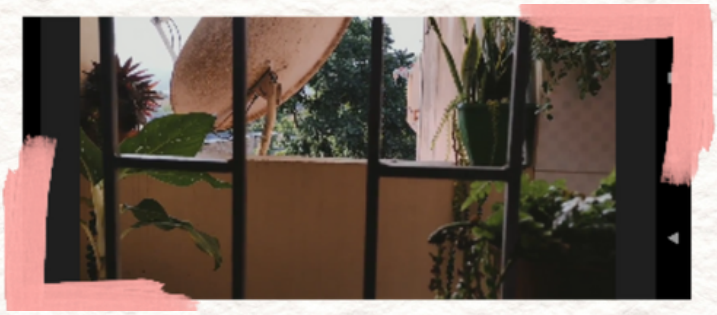
A proposta do componente era produzir a cada semana performances a partir de temáticas trazidas pela professora e pelas convidadas que tivemos em nossos encontros e discuti-las em coletivo.

SEMANA 01: MUSEU DA PESSOA

Para essa ação performática escolhi quatro objetos: uma folha de papel, um terço, uma xícara e a minha casa. Nesse primeiro contato, por se tratar de uma linguagem nova que estava sendo experimentada, senti-me deslocada, sem saber o que estava fazendo. Hoje sinto que podia ter dado mais, que faltou me colocar enquanto artista, sair da minha zona de conforto.







Obs.: No semestre seguinte tive a oportunidade de refazer esse exercício com outra turma, dessa vez presencialmente e já com uma maior noção sobre a linguagem da performance. Alguns objetos permaneceram, outros assumiram o lugar, como foram o caso das fotografias da mamãe e vovó, as coloquei em fios e enrolei esses pelo meu corpo fazendo referência a essa linha que vai nos interligando, que faz as nossas histórias se conectarem.

SEMANA 02: EU E MEU ESPAÇO

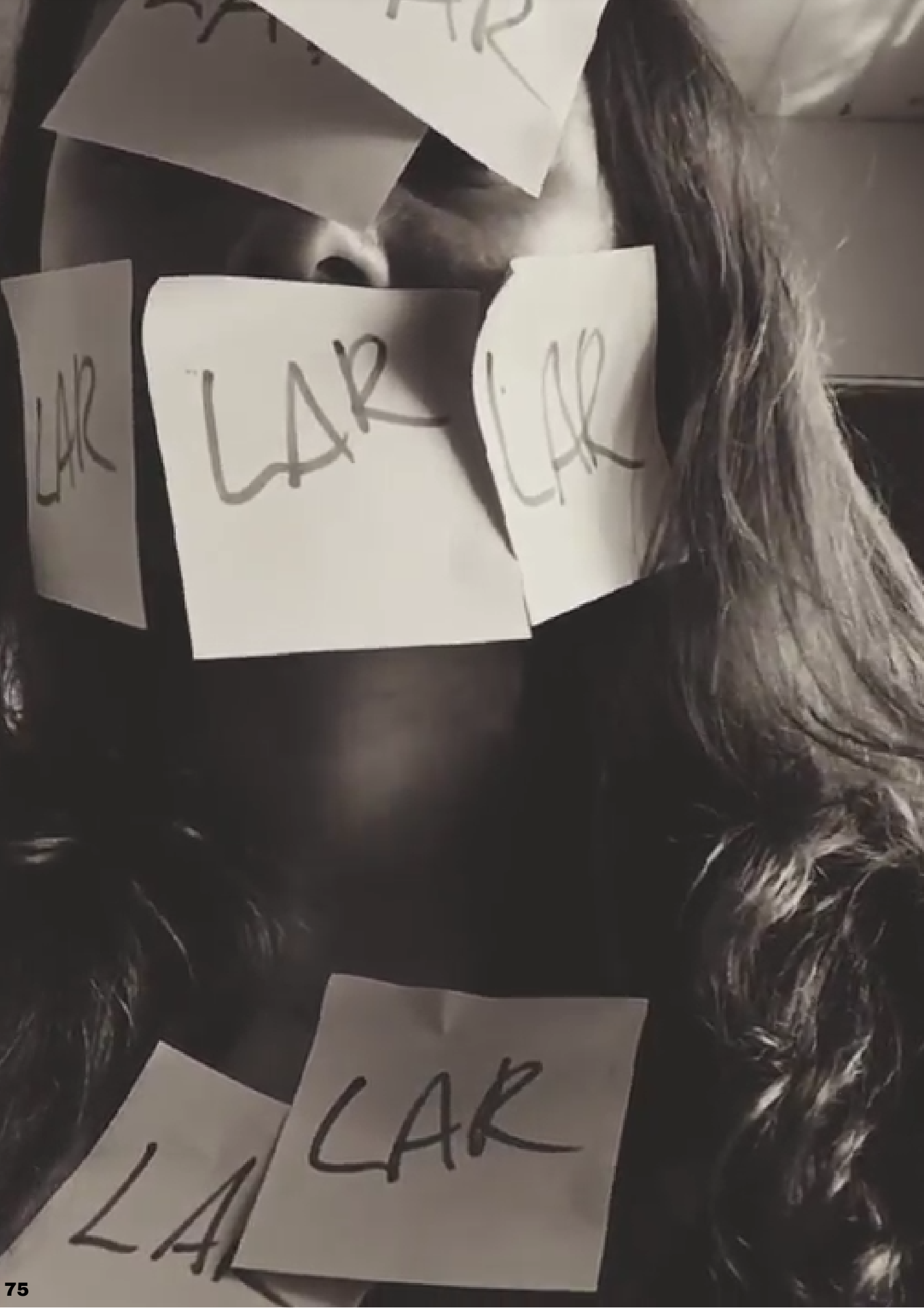
A proposta performática desta semana era a de nos relacionarmos com o espaço em que estávamos convivendo nesse momento pandêmico. Durante essa performance busquei gravar vídeos fazendo coisas do meu dia a dia.

LAR

Onde está o nosso lar? Nesta performance, convido você a olhar para o lar, lar este que não se restringe às paredes de sua casa, mas também ao lar do corpo, do eu, da vida. Então, tire os sapatos e tudo aquilo que lhe aperta, vista-se de você mesma e seja bem-vinda ao meu lar.



Obs.: A ideia de lar, esse local onde você se sente segura, feliz, onde você partilha boas lembranças pouco existiu durante a minha adolescência e juventude. O lugar onde morava era tudo, menos um lar. A Aline feliz que você vê nas fotos, que abre sua casa, seu lar para você, é uma Aline que existe há apenas três anos, tempo que me refiz, reergui e descobri a beleza de viver bem e sentir-se bem onde você vive,


LAR
LAR
LAR
LAR
LAR

LAR
CANVA STORIES Z850
CNVFILLM
18

CANVA STORIES Z850
CNVFILLM
18

CANVA STORIES Z850
CNVFILLM
18

CANVA STORIES Z850
CNVFILLM
18

RUBEM ALVES
RUBEM ALVES
RUBEM ALVES
CANVA STORIES Z850
CNVFILLM
18

LAR
LAR
CANVA STORIES Z850
CNVFILLM
18

CANVA STORIES Z850
CNVFILLM
18

CANVA STORIES Z850
CNVFILLM
18

CANVA STORIES Z850
CNVFILLM
18

SEMANA 03: PERFORMANCE E POLÍTICA – CRIAÇÃO ATRAVÉS DE NOTÍCIAS DE JORNAIS

Tivemos como proposta de criação para esta semana procurar em jornais, mídias digitais, revistas e afins, notícias que nos estimulassem. Antes mesmo de pesquisar, eu já sabia mais ou menos a notícia que iria escolher, pois foi algo que vi um tempo atrás e que acontece diariamente.

30 SÃO SUFICIENTES?

30 são suficientes para eu ser livre? 30 são o suficiente para não despertar seu desejo? 30 basta para você me deixar em paz? A performance acontece numa sala com várias roupas espalhadas pelo chão e, aos poucos, a artista vai se escondendo por detrás destas.



A performance foi baseada nas seguintes notícias de jonais.

https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/02/escola-de-mg-apaga-post-que-insinuava-que-a-culpa-por-assedios-e-da-mulher.htm

https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/21/deputado-de-sc-insinua-que-roupa-estimula-assedio-a-mulher.htm



Escola de Itaúna compartilhou trecho de documento religioso
Imagem: Reprodução/Instagram

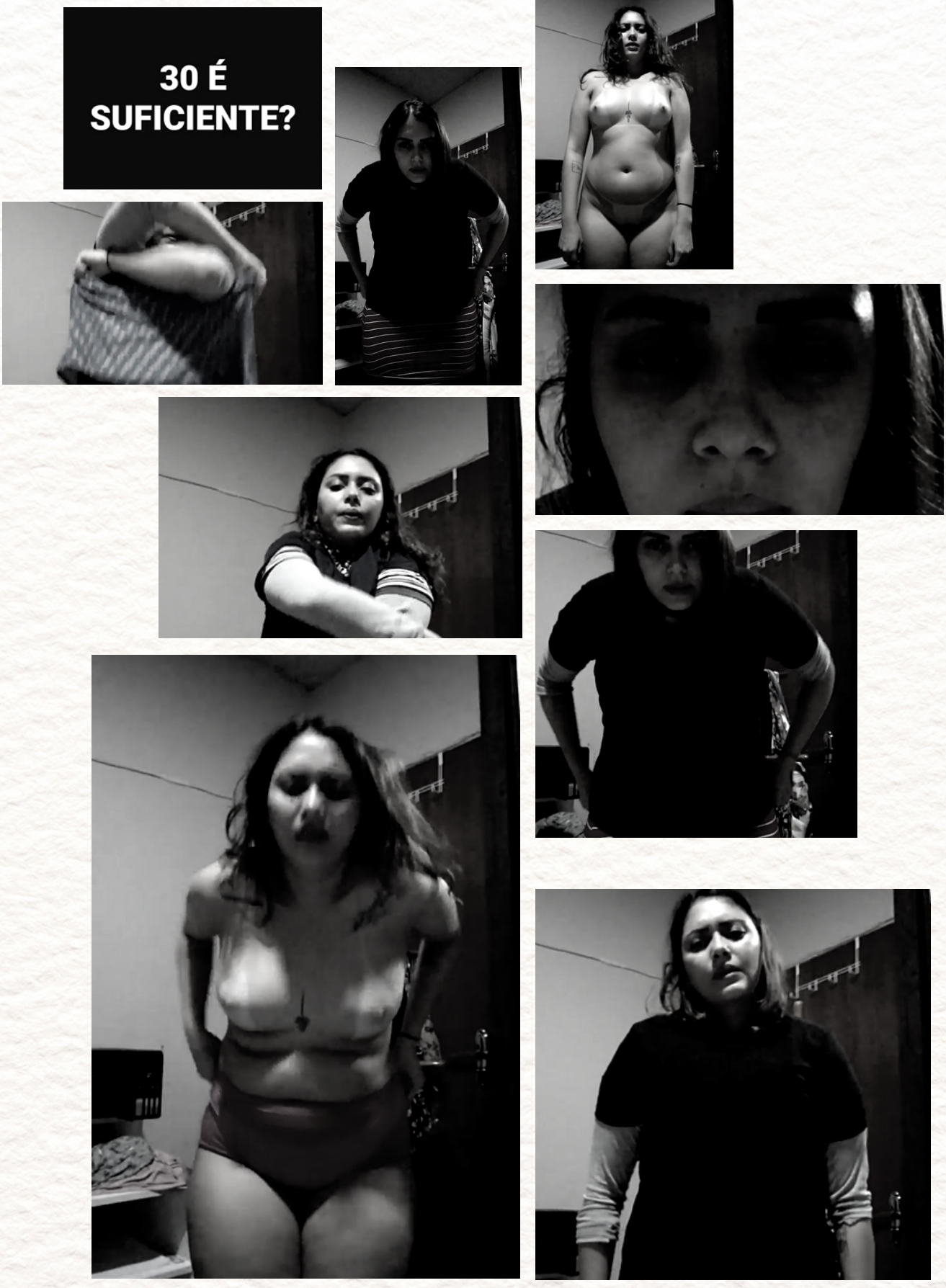
Colégio se desculpa por 'alerta' sobre roupas curtas: 'Pecado da sedutora'

Colaboração para Universa, em São Paulo
02/06/2021 10h17

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Deputado de SC é criticado por insinuar que roupa estimula assédio a mulher





30 SÃO SUFICIENTES?




Corpo é definido pelos afetos que é capaz de gerar, gerir, receber e trocar. Corpos são vias, meios.
Eleonora Fabião (2009, p. 238)



CONHECER SOBRE PERFORMANNCE

ACEITAR A PERFORMANCE

SER PERFORMANCE

VIVENCIAR PERFORMANCE

DEIXAR-SE ATRAVESSAR PELA PERFORMANCE

SE DESCOBRIR PERFORMER

SEMANA 04: EU E A NATUREZA

Nessa semana tínhamos que desenvolver uma performance nos relacionando com a natureza e os seres não vivos. Eu fiquei até algumas horas antes da aula sem saber o que fazer, não tinha ideia nenhuma. Coincidiu de ser na semana em que minha avó completou dois anos de falecida, então minha mãe e eu combinamos de ir até o cemitério plantar uma muda de planta para ela. Chegando lá, tive um insight de filmar enquanto estávamos caminhando e organizando as coisas no túmulo de vovó, foi a partir dessas filmagens que criei a performance da semana. No caminho de volta para casa, no ônibus, comecei a pensar em como faria e me veio um poema que gosto bastantes, então o usei como base para criação.

Quando eu flor...

florescerá



Quando a vida floresce mesmo depois da morte, quando a vida sobressai a morte, mesmo depois que o corpo se vai, ficam as lembranças e a certeza de que somos pouco frente ao muito que nos rodeia. Quando eu flor, quando nós flores, o que acontecerá? O mundo florescerá!

Inspirado no poema "Quando eu flor", de Dimas Lima.











SEMANA 05: LUGAR DE FALA

A ideia da proposta performática desta semana partiu da conversa que tivemos com a artista Daniely Lima e de seu espetáculo "Preciso falar". Pensei em fazer uma performance utilizando balões, enchê-los e escrever neles palavras que me marcaram, sejam de pessoas, lugares, situações... Optei por utilizar a técnica de frames ao invés de vídeo.

Daniely Lima é mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA (2022) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), desenvolve pesquisas em torno da palhaçaria negra e da presença feminina dentro da palhaçaria.



O que eu carrego comigo...

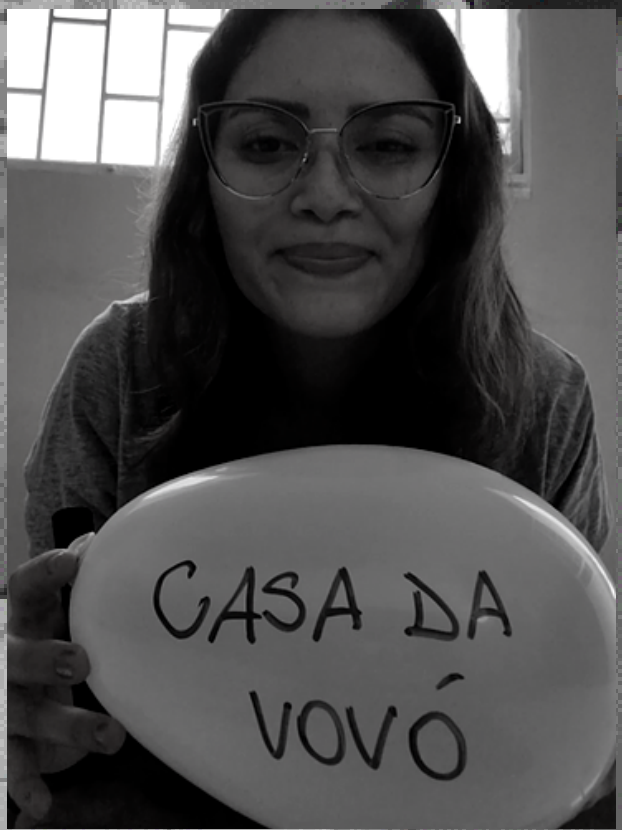
Quantas marcas carregamos dentro e fora de nós? Na performance O QUE CARREGO COMIGO, a artista sentada enche balões e escreve neles palavras que simbolizam sua caminhada, palavras que trazem recordações boas, ruins, que fazem lembrar de pessoas, de lugares, de momentos... Após enchê-los, ela prende-os com barbante, amarra-os em seu corpo e caminha com eles.

Obs.: essa performance foi recriada com as estudantes e será apresentada nos próximos capítulos.








CASA DA
VOVÓ





RE PERFORMANCE

VOCÊ QUER FALAR SOBRE ISSO?

CAMILA RHODI

SOBRE A PERFORMANCE

'Você quer falar sobre isso?' é uma instalação performativa. Em uma sala privada, um membro do público entra na sala sozinho, senta-se em frente ao artista e olha para o profundo abismo de experiências anteriores. A performance é autobiográfica, apenas para um espectador e dura 7 minutos.

SOBRE A ESCOLHA

Desde o início das performances esta é uma temática que me atravessa, há essa vontade e tentativa de pôr para fora relatos de opressões e abusos que vivenciei.

PROGRAMA PERFORMATIVO

Trata-se de uma performance autobiográfica na qual a artista está numa sala virtual do zoom de frente para a tela do computador, com a boca fechada por uma fita enquanto encara o público presente e volta-se para o profundo abismo de experiências anteriores.

ADAPTAÇÃO

Texto narrando minha história
Duração: 7 minutos
Ao invés de uma pessoa por vez, será apresentada para todos que estiverem presentes na sala virtual.

Acessando esse QR Code, você pode visualizar as performances criadas ao longo do componente curricular.





VOCÊ QUER FALAR SOBRE ISSO?


CANVA STORIES
14
CNVFILM F400
CANVA STORII
14
CANVA STORIES 400

Todo o processo vivenciado no componente "Performance e gênero: discussão sobre corpo e imagem" foi muito importante para mim enquanto artista. Este era um campo ainda inabitado e estranho, a visão que tinha de performance antes disso era somente aquela de ser algo visceral, que precisa de sangue, de dor... Não havia até então entendido de fato o que a performance propõe, não havia sido atravessada.

Ao longo dos exercícios propostos e conversas tidas durante as aulas, olhei a performance de outra maneira, como algo que vem de dentro e se comunica através do corpo. Esse algo não necessariamente precisa ser visceral para ser forte, para comunicar, ele pode ser leve e ainda assim ser performance. Percebi também a força que a performance poderia ter em sala de aula, que assim como ela comunicou comigo, poderia comunicar com minhas estudantes.



Segundo ato

MARIA DAS DORES ou DAS DORES DE SER MARIA

Sobre as dores de ser Maria

Querida leitora, neste primeiro capítulo, de início iremos falar sobre o local onde a pesquisa é realizada e as estudantes-artistas participantes que dela fizeram e fazem parte. Após este momento, conversaremos sobre permissão, as tantas vezes que nosso corpo é podado e nos é dito o que é e o que não é permitido para nós mulheres. Por fim, falaremos sobre a liberdade dos nossos corpos, o anseio que temos de ser livres e donas de si.



Disciplina, honra e educação!

Disciplina, honra e educação é o lema da escola cívico-militar em que ministro minhas aulas de Arte. Desde quando adentrei a escola, essa é uma questão que me acompanha: por que a educação vem por último? Se tratando de uma escola, o principal não deveria ser a educação?

Esta pesquisa é realizada numa escola da Polícia Militar de Manaus localizada na Zona Leste da cidade. A militarização das escolas públicas é uma realidade há alguns anos e gera muitas discussões, pois há os que são a favor e os que são contra. Os que são a favor, respaldam suas ideias em cima da diminuição do número de violência dentro das escolas, já os que são contra, costumam levantar questões a respeito do sistema rígido e punitivo presente nas escolas cívico-militares e alegam ainda que a verba destinada e essas escolas, poderiam servir para criação de mais Institutos Federais, pois estes custam menos e dão melhor retorno no que se refere à notas em exames. Silva e Lauerman (2020) em um artigo em que refletem sobre o fenômeno da militarização das escolas e seus impactos para a educação brasileira, nos dizem:

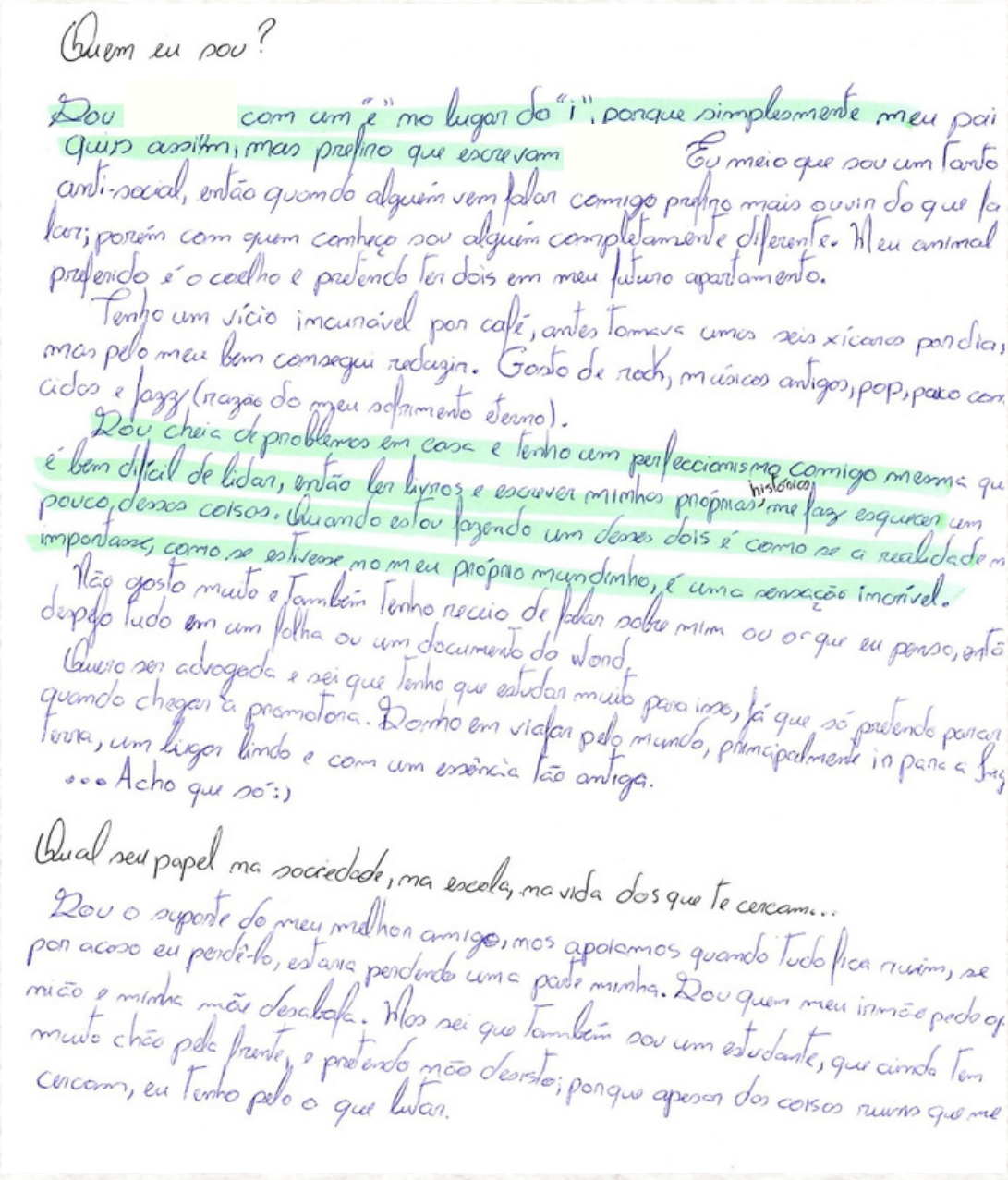
> A militarização das escolas da rede de educação básica no Brasil não é recente. No entanto, diante da eleição em 2018 de um candidato a presidente com estreitas ligações militares, observou-se junto ao Ministério da Educação uma preocupação especial com o desenvolvimento de um programa educacional que prevê a participação das Forças Armadas, polícias e corpos de bombeiros militares na gestão do ensino básico brasileiro. Deste modo, em 2019 o programa Cívico-Militares começou a ser estruturado visando

> implementar 54 escolas por ano, em um total de 216 escolas estaduais e municipais de modelo cívico-militar até o ano de 2023, em pelo menos 23 estados da federação. Logo, não resta dúvida que se está diante de um fenômeno de militarização do ensino básico, o que tem gerado várias discussões sobre a veracidade das justificativas para adesão deste novo modelo educacional e os possíveis impactos para a educação básica (SILVA, LAUERMANN, 2020).

Segundo pesquisas realizadas nos sites das secretarias de educação do Estado do Amazonas e do Município de Manaus, atualmente temos em Manaus dez escolas sob administração de militares e o número de pais com interesse em matricular seus filhos nessas instituições cresce cada vez mais. A escola onde a pesquisa é realizada atende estudantes de diferentes Zonas, porém em sua grande maioria concentra-se nos bairros próximos localizados na Zona Leste. Muitos dizem gostar do ensino militarizado, outros veem a escola como uma espécie de punição por parte dos pais.

Quero ressaltar que o foco desta dissertação não está em se colocar contra ou a favor da militarização das escolas, mas sim em refletir sobre como o ambiente exerce poder sobre os corpos que ali transitam, sobre a liberdade destes (ou a não liberdade) e o processo de docilização que as sujeitas passam, muitas vezes sem percebê-los.

No que se refere às estudantes-artistas participantes desta pesquisa, temos estudantes dos 9° anos do Ensino Fundamental na faixa etária de treze à quatorze anos. São adolescentes como qualquer outras, cheias de sonhos e questionamentos a respeito de si e do mundo que as cercam. No início do nosso caminhar, fiz para elas aquela clássica pergunta "quem sou eu?" apresento a você, querida leitora, algumas das respostas recebidas.



Quem eu sou?

Dou com um "e" no lugar do "i", porque simplesmente meu pai quis assim, mas prefiro que escrevam Eu meio que sou um tanto anti-social, então quando alguém vem falar comigo prefiro mais ouvir do que falar; porém com quem convivo sou alguém completamente diferente. Meu animal preferido é o coelho e pretendo ter dois em meu futuro apartamento.

Tenho um vício incurável por café, antes tomava umas seis xícaras por dia, mas pelo meu bem consegui reduzir. Gosto de rock, músicas antigas, pop, pago com cidos e jazz (razão do meu sofrimento eterno).

Sou cheia de problemas em casa e tenho um perfeccionismo comigo mesma que é bem difícil de lidar, então leio livros e escrever minhas próprias histórias me faz esquecer um pouco desses coisas. Quando estou fazendo um desses dois é como se a realidade n importasse, como se estivesse no meu próprio mundinho, é uma sensação incrível.

Não gosto muito e também tenho receio de falar sobre mim ou o que eu penso, então despejo tudo em um folha ou um documento do Word.

Quero ser advogada e sei que tenho que estudar muito para isso, já que só pretendo passar quando chegar à promotoria. Sonho em viajar pelo mundo, principalmente in para a Fra França, um lugar lindo e com um essência tão antiga.

... Acho que só:)

Qual seu papel na sociedade, na escola, na vida dos que te cercam...

Sou o suporte do meu melhor amigo, nos apoiamos quando tudo fica ruim, se por acaso eu perdê-lo, estaria perdendo uma parte minha. Sou quem meu irmão e pede o mão e minha mãe desabafa. Mas sei que também sou um estudante, que ainda tem muito chão pela frente, e pretendo não desistir; porque apesar dos coisas ruins que me cercam, eu tenho pelo o que lutar.

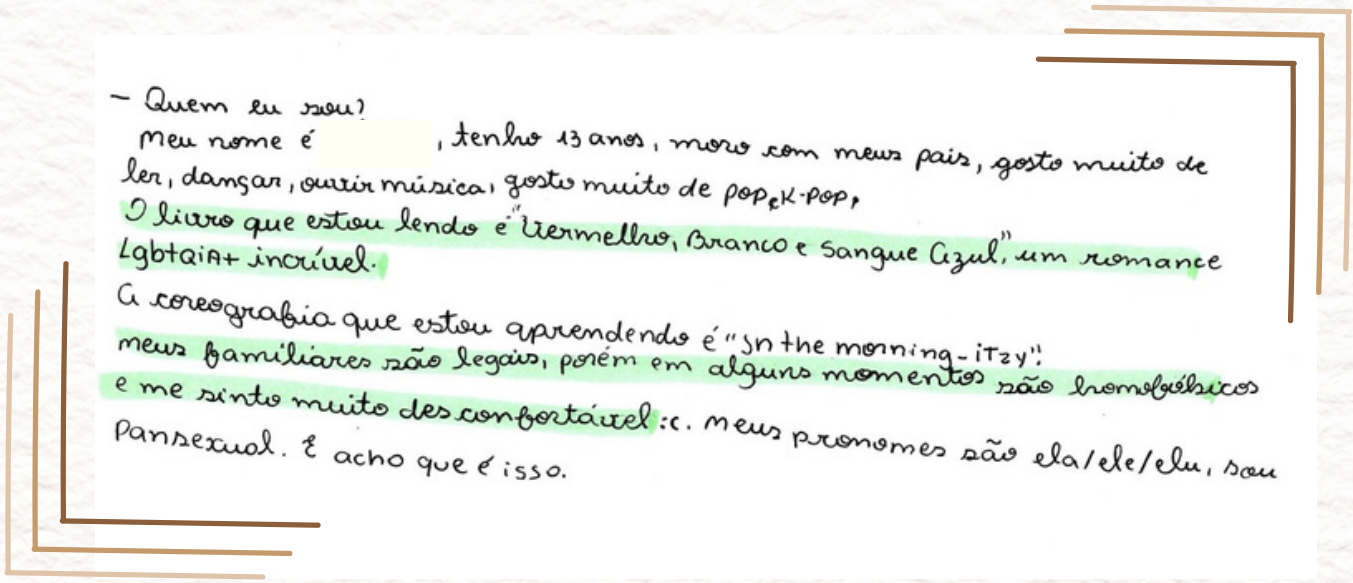
Quem eu sou?

*Sou ******, com um "e" no lugar do "i", porque simplesmente meu pai quis assim, mas prefiro que escrevam ******. Eu meio que sou um tanto antissocial, então quando alguém vem falar comigo prefiro mais ouvir do que falar, porém com quem eu conheço sou alguém completamente diferente. Meu animal preferido é o coelho e pretendo ter dois em meu futuro apartamento. Tenho um vício incurável por café, antes tomava seis xícaras por dia, mas pelo menos consegui reduzir. Gosto de rock, músicas pop parecidas com jazz (razão do meu sofrimento eterno). Sou cheia de problemas em casa e tenho um perfeccionismo comigo mesma que é bem difícil de lidar, então ler livros e escrever minhas próprias histórias me faz esquecer um pouco dessas coisas. Quando estou fazendo um desses dois é como se a realidade não importasse, como se estivesse no meu próprio mundinho, é uma sensação incrível. Não gosto muito e também tenho receio de falar sobre mim ou o que penso, então despejo tudo numa folha ou um documento Word. Quero ser advogada e sei que tenho que estudar muito para isso já que só pretendo parar quando chegar à promotoria. Sonho em viajar o mundo, principalmente ir para a Inglaterra, um lugar lindo e com essência tão antiga.*

...Acho que só :)

Qual seu papel na sociedade, na escola, na vida dos que te cercam...?

Sou o suporte do meu melhor amigo, nos apoiamos quando tudo fica ruim, se por acaso eu o perdesse, estaria perdendo uma parte minha. Sou quem meu irmão pede opinião e minha mãe desabafa. Mas sei que também sou estudante, que ainda tem muito chão pela frente e pretendo não desistir, porque apesar das coisas ruins que me cercam, eu tenho pelo o que lutar.



Quem eu sou?

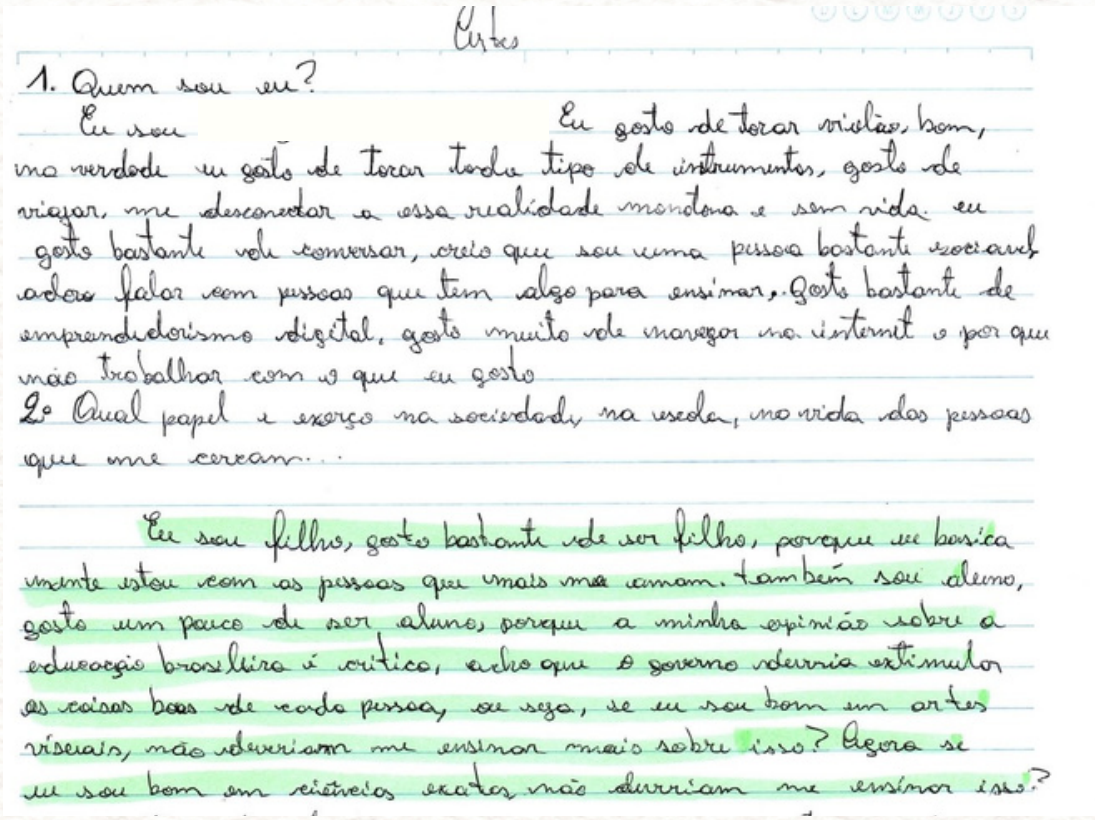
*Meu nome é *******, tenho 13 anos, moro com meus pais, gosto muito de ler, dançar, ouvir música, gosto muito de Pop e K-pop.*

O livro que estou lendo é "Vermelho, branco e sangue azul", um romance LGBTQIA+ incrível.

A coreografia que estou aprendendo é "In the Morning - Itzy".

Meus familiares são legais, porém em alguns momentos são homofóbicos e me sinto desconfortável :(meus pronomes são ela/ele/elu, sou pansexual. E acho que é isso.





Artes

1. Quem sou eu?

Eu sou ******. Eu gosto de tocar violão, bom, na verdade eu gosto de tocar todo tipo de instrumentos, gosto de viajar, me desconectar a essa realidade monótona e sem vida. eu gosto bastante de conversar, creio que sou uma pessoa bastante sociável adoro falar com pessoas que tem algo para ensinar. Gosto bastante de empreendedorismo digital, gosto muito de navegar na internet e por que não trabalhar com o que eu gosto

2º Qual papel e esforço na sociedade, na escola, na vida das pessoas que me cercam...

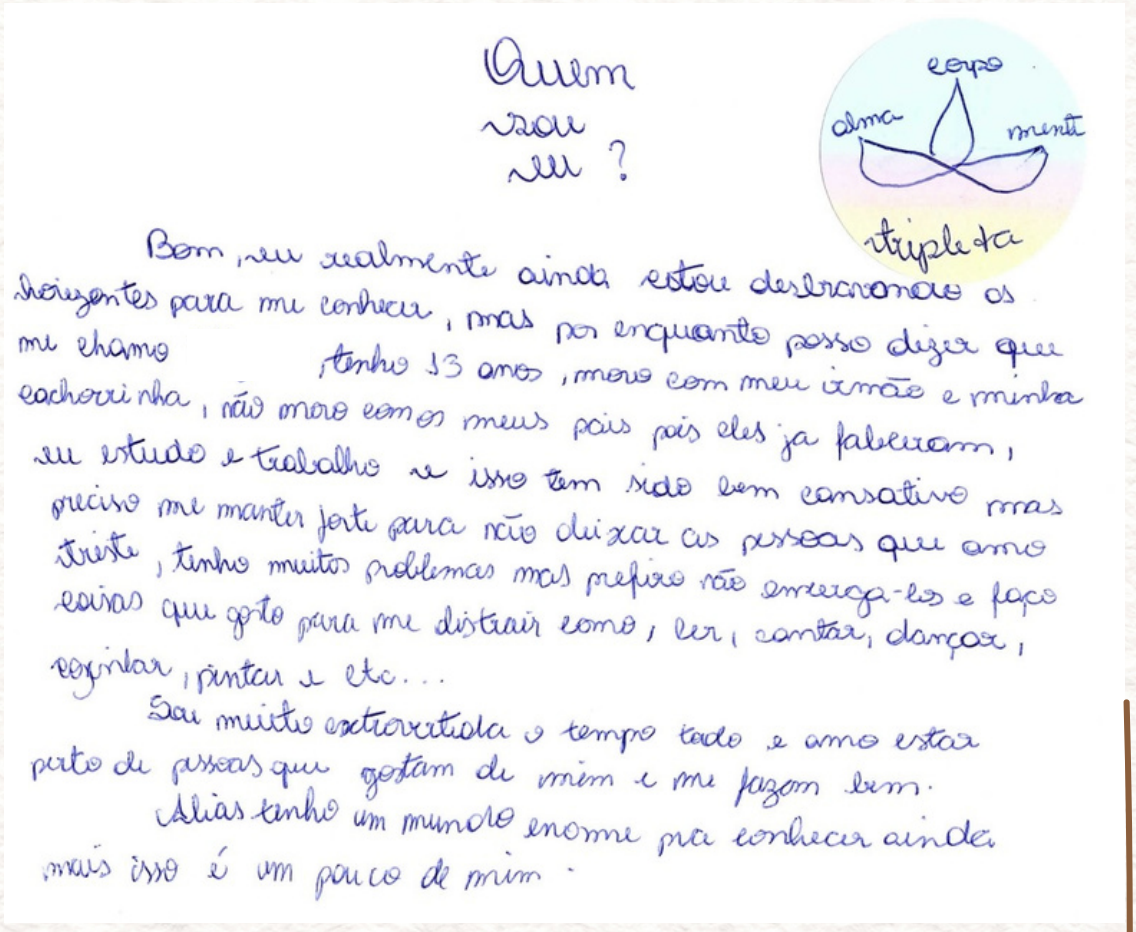
Eu sou filho, gosto bastante de ser filho, porque eu basicamente estou com as pessoas que mais me amam. também sou aluno, gosto um pouco de ser aluno, porque a minha opinião sobre a educação brasileira é crítica, acho que o governo deveria estimular as coisas boas de cada pessoa, ou seja, se eu sou bom em artes visuais, não deveriam me ensinar mais sobre isso? Agora se eu sou bom em ciências exatas não deveriam me ensinar isso?

Quem eu sou?

*Eu sou o ******. Eu gosto de tocar violão bom, na verdade, eu gosto de tocar todo tipo de instrumentos, gosto de viajar, me desconectar a nossa realidade monótona e sem vida, eu gosto bastante de conversar, creio que sou uma pessoa bastante sociável, adoro falar com pessoas que têm algo para ensinar. Gosto bastante de empreendedorismo digital, gosto muito de navegar na internet e porque não, trabalhar com o que eu gosto.*

Qual seu papel na sociedade, na escola, na vida dos que te cercam...?

Eu sou filho, gosto bastante de ser filho porque basicamente eu estou com as pessoas que mais me amam. Também sou aluno, gosto um pouco de ser aluno, porque a minha opinião sobre a educação brasileira é crítica, acho que o governo deveria estimular as coisas boas de cada pessoa. Ou seja, se eu sou bom em artes visuais, não deveriam me ensinar mais sobre isso? Agora se eu sou bom em ciências exatas, não deveriam me ensinar sobre isso?

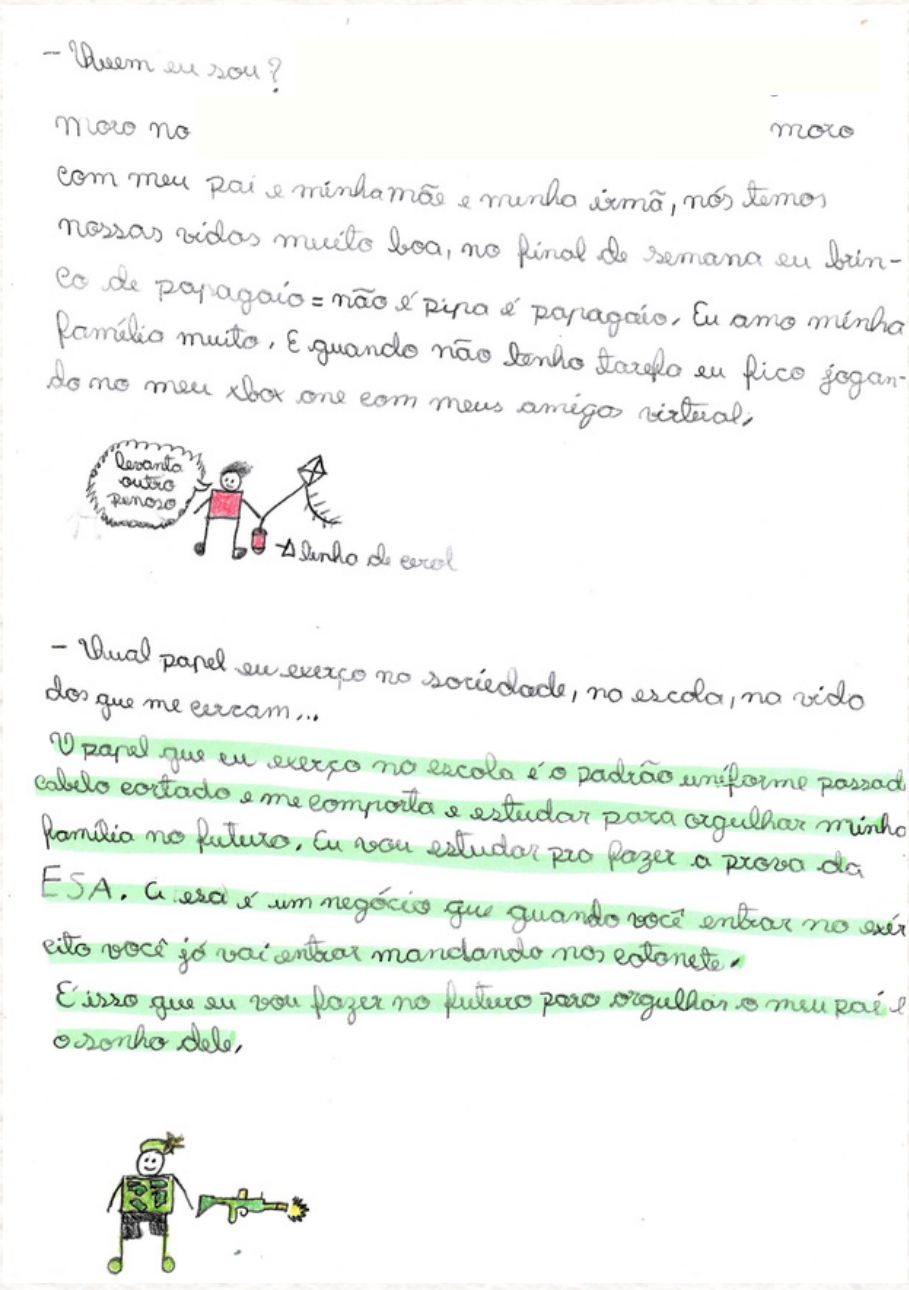


Quem eu sou?

*Bom, eu realmente ainda estou desbravando os horizontes para me conhecer, mas por enquanto, posso dizer que me chamo ********, tenho 13 anos, moro com meu irmão e minha cachorrinha, não moro com*

meus pois eles já faleceram. Eu estudo e trabalho e isso tem sido bem cansativo, mas preciso me manter forte para não deixar as pessoas que amo tristes, tenho muitos problemas, mas prefiro não enxergá-los e faço coisas que gosto para me distrair como ler, cantar, dançar, cozinhar, pintar etc.

Sou muito extrovertida o tempo todo e amo estar perto de pessoas que gostam de mim e me fazem bem. Aliás, tenho um mundo enorme para conhecer ainda. Isso é um pouco de mim.



Quem eu sou ?

*Eu sou **********, moro no **********. Eu moro com meu pai e minha mãe e minha irmã, nós temos uma vida muito boa, no final de semana eu brinco de papagaio – não é pipa, é papagaio. Eu amo minha família, muito. E quando não tem tarefa eu fico jogando meu x-box one com meus amigos virtuais.*

Qual seu papel na sociedade, na escola, na vida dos que te cercam...?

O papel qu eu exerço na sociedade é o padrão, uniforme passado, cabelo cortado, me comporto e estudo para orgulhar minha família no futuro. Eu vou estudar para fazer a prova da ESA. A ESA é um negócio que quando você entrar no exército você já vai entrar mandando nos catonete. É isso que eu quero fazer no futuro para orgulhar meu pai, é o sonho dele.



E você, querida leitora, quem é?
Qual papel (ou papéis) exerce na sociedade?

Débora Frota Chagas (2016), uma professora de Teatro do Ceará que também se dedica a práticas libertadoras no espaço opressor das escolas cívico- militares, traz em um dos seus artigos uma fala sobre a educação pautada na indisciplina, atitude essa que vai de contraposição ao lema que perdura muitas escolas cívico-militares na qual a disciplina está à frente da educação. Me enxergo muito em suas falas, na busca de procurar meios que não sejam grosseiros e conflituosos para exercermos nossas práticas e proporcionarmos às nossas estudantes momentos de reflexões, criações e fruições artísticas. Chagas (2016) diz:

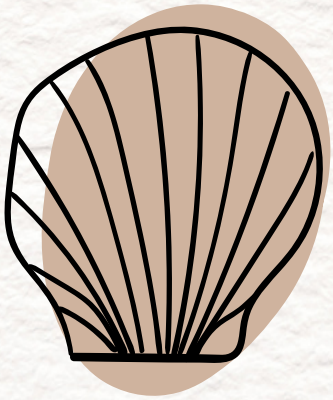
> Falar de indisciplina requer uma delimitação de sentidos que a palavra pode apresentar. Em uma escola onde o lema é "Aqui, aprende-se com disciplina", trabalhar a partir da indisciplina pode gerar uma representação de que não há aprendizado, mas os processos artísticos tratados de forma crítica e reflexiva apresentam uma série de ações e criações que inevitavelmente produzem conhecimentos estéticos (CHAGAS, 2016, p. 03).

Aprender a partir da indisciplina requer coragem para lidar com as possíveis dificuldades que podem atravessar nosso caminho. A aula de Arte já é vista por muitos como a aula da baderna ou até mesmo da brincadeira. Mostrar para a escola que desprender-se das regras, do tradicional e deixar o corpo livre para se expressar também é um modo de produzir conhecimento, é um caminho que temos trilhado dia a dia nas escolas enquanto professoras de Arte.

Sobre a relação com a escola...

Eu gosto da escola, apesar de no início ser um pouco difícil se acostumar com as regras e comandos, eu gosto daqui. Eu me sinto segura e acolhida pelos meus colegas da turma, a gente acaba sendo como uma família e se ajuda bastante. (MARIA LUA, estudante-artista participante da pesquisa)





Tem algumas coisas que eu não acho que seria necessário, às vezes eu queria ter mais liberdade de fazer coisas diferentes, de usar uma cor diferente, um acessório que demonstre mais um pouco quem sou eu, mas não pode porque tem que ser padrão, mas a escola é assim e era um dos sonhos do meu pai que eu entrasse aqui porque não é bagunçado. (MARIA CONCHA, estudante-artista participante da pesquisa)



A escola 'pra' mim é normal, apesar de ter mais regras que as outras escolas, eu acho que aqui o ensino é mais forte porque não tem tanta bagunça como eu sei que tem em outros lugares. Tem pessoas que são legais, mas também tem pessoas que não são, que riem das outras, que fazem brincadeiras sem graça e são preconceituosas, mas eu acho que isso tem em todo lugar. (MARIA LOBO, estudante-artista participante da pesquisa)

A escola por si só já é um ambiente que exerce poder sobre os que estão dentro de seus muros, se tratando de uma escola cívico-militar esse exercício de poder pode ser ainda maior e educação pautada no medo por vezes acompanha as estudantes que se acostumam a obedecer aos comandos sem ter um espaço de reflexão a respeito destes, que são condicionadas a sentar, levantar, abrir caderno, copiar, calar... e dentre todos esses comandos que diariamente elas recebem, sobra pouquíssimo tempo para se expressar.

E sabemos que nossas estudantes têm muito a falar!

Registros da performance "O que carrego comigo?" que será apresentada nos próximos capítulos.





PERMISSÃO PARA ENTRAR NO RECINTO, SENHORA!

Uma breve discussão sobre o que nos é ou não permitido... enquanto mulheres.



> *O mundo é como é, não como gostaríamos que fosse: é preciso mudá-lo para que seja!*
> *(Boal, 2009, p. 59)*

É assim que cada estudante se apresenta durante as aulas todas as vezes que necessitam adentrar a sala de aula.

Permissão... desde pequenas somos ensinadas a pedir permissão, somos informadas que há coisas que nos são permitidas e há também aquelas às quais não podemos fazer. O nosso corpo desde o nascimento anseia por viver, viver sem bloqueios, por experimentar e não necessariamente só o que nos é permitido. Em seu livro A estética do Oprimido, Boal nos fala de um corpo que acorda para o novo. Esse corpo chega ao mundo e chora, chora por não saber falar nossas palavras. chora por sentir a necessidade de se comunicar com o que há aqui fora. Em meio a sons, ruídos, estímulos visuais,

esse corpo chora. Depois desse choque inicial, esse corpo vai aprendendo que certos estímulos levam a certas atitudes e para sobreviver ao mundo, ele o percebe, o associa e o transforma.

Ainda neste livro, Boal (2009) nos apresenta a ideia de dois pensamentos, o sensível e o simbólico e sobre estes, ele nos fala que:

> O Pensamento Sensível penetra unicidades ao sentir, gostar, cheirar, ver e ouvir, enquanto o Pensamento Simbólico inventa conjuntos ao fabricar palavras: mar, mal, amor, sal, açúcar, vinagre, política, esquerda, direita... (BOAL, 2009, p. 93).

Para compreendermos melhor a sociedade necessitamos dos dois tipos de pensamentos, o simbólico para que haja comunicação entre sujeitas e o sensível para que nos tornemos participantes ativas no meio em que vivemos e não meros consumidoras do que nos é apresentado.

O ambiente escolar deve instigar os dois tipos de pensamentos, mas isso de fato acontece? A escola é esse lugar que dá asas ou um lugar que inibe o voo? Uma das crônicas que mais gosto do Rubem Alves é justamente essa que fala sobre as escolas que são asas e as escolas que são gaiolas.





Registro da performance "O que carrego comigo?"

que será apresentada nos próximos capítulos.

> Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas! Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle.

> Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência do pássaro é o voo. As escolas que são asas não amam os pássaros engaiolados, o que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro do pássaro. O voo não pode ser ensinado, só pode ser encorajado (ALVES, 2012, p. 29 e 30).

Enquanto estudante, passei por algumas instituições que tiveram a sua devida importância no meu processo de aprendizagem, mas a escola também foi um lugar de dor e, vendo hoje minhas estudantes, percebo que a escola ainda é este lugar de sofrimento. Foucault nos traz a relação entre a escola e a prisão, desse espaço que uniformiza, vigia e aprisiona. Dói não compreender o que é ensinado, o porquê de ser ensinado, dói ser calada e não ter espaço para expressar livremente as opiniões. Como educadoras, às vezes acabamos esquecendo ou deixando de segundo plano o fato de que:

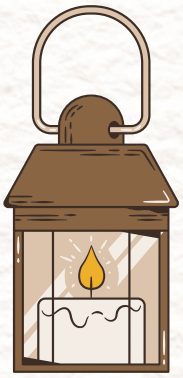
> Nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo (hooks, 2017. p. 25).

bell hooks, Boal e Rubem Alves apostam na liberdade como fator primordial na vida da sujeita cidadã-estudante e é nesse tipo de educação que eu acredito, na liberdade de aprender e escolher suas próprias ações. Boal dedica alguns capítulos de seu livro A estética do oprimido (2009) para falar sobre o que as mídias fazem com as sujeitas, sobre o impacto que as indústrias do som, da palavra e da imagem têm sobre nossas vidas. Estas muitas vezes são quem ditam como devemos ser e agir. Para que não fiquemos à mercê destas indústrias e percamos nossa autonomia enquanto sujeito precisamos aprender a usá-las a nosso favor.

É dever do cidadão-artista, usando os mesmos canais de opressão mas com sinal trocado – palavra, imagem e som –, destruir os dogmas da arte e da cultura mostrando que todos os seres humanos são artistas de todas as artes, cada um do seu jeito. São produtores de cultura e não apenas boquiabertos consumidores da cultura alheia. (BOAL, 2009, p.75-76)

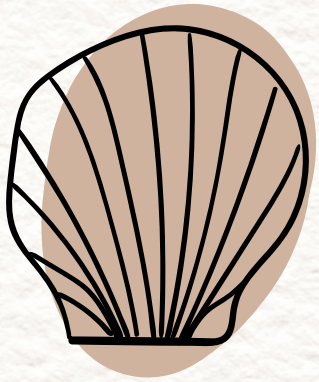


Sobre a relação com as mídias sociais...



É um ambiente que eu gosto de estar, costumo postar bastante coisas que eu gosto, os lugares que eu vou, o que 'tô' fazendo, é por onde eu converso com meus amigos, onde conheço mais sobre as coisas, bandas, séries... (MARIA LUZ, estudante-artista participante da pesquisa)

É importante porque ajuda bastante a conhecer mais sobre as coisas, dá pra fazer amizades com pessoas distantes e conhecer outros costumes. Sigo muitas páginas sobre a vida em outros países, lugares onde ainda quero ir um dia. Mas sei que também é um ambiente onde tem muita maldade, então precisa ter cuidado com o que estamos fazendo, com quem estamos falando, essas coisas. (MARIA CONCHA, estudante-artista participante da pesquisa)





Gosto de passar o tempo olhando as redes sociais, conversar e ler sobre as coisas. Estamos falando aqui sobre as máscaras que muitas pessoas colocam quando estão na internet, algumas usam pra fazer maldade. Teve um caso de uma colega que passou por isso, pelo cyberbullying, ficavam falando coisas horríveis 'pra' ela, faziam fakes e contavam mentiras. É bem ruim quando é usado para essas coisas. (MARIA LOBO, estudante-artista participante da pesquisa)

É um espaço onde convivo, mas às vezes é um espaço ruim.. Fiz meio que uma limpeza das minhas redes sociais, nas pessoas que seguia porque as vezes a gente segue um monte de gente diferente, gente que mostra só o lado bom da vida, que acabam fazendo a gente se sentir estranha porque nem sempre estamos bem. (MARIA LUA, estudante-artista participante da pesquisa)





Tem muitos perfis nas redes sociais que comecei a seguir, são na maioria de mulheres reais, que não tem vergonha de mostrar como elas são, que falam também sobre as dificuldades, não passam uma visão de mulher perfeita, que tem o corpo perfeito, sempre feliz. Eu particularmente ficava me sentindo muito pra baixo quando entrava nas redes sociais e só via um monte de gente diferente, com um corpo e uma vida que não tenho, que não tem a ver comigo. (MARIA FLOR, estudante-artista participante da pesquisa)

A partir do momento em que deixamos de consumir o que essas indústrias nos impõem, passamos a ter autonomia e liberdade quanto a nós mesmas. É preciso que nós percebamos que somos artistas, que podemos escolher o que consumir e que podemos produzir nossa própria arte.

Essa autonomia da sujeita deve ser alimentada desde sempre, principalmente no ambiente escolar. Para mim não existe lugar mais apropriado para exercer essa liberdade, para expressar nossas ideias e experimentar coisas diferentes, pensar coisas diferentes. Mas, infelizmente o ambiente escolar não tem cumprido com esse papel de incentivar pensamentos diferentes, exemplo disso é a maneira como a escola se porta em relação aos estudantes que não se identificam como feminino ou masculino, esses são por vezes ignorados e o que se faz é esperar essa "fase" (como muitos costumam chamar) passar, enquanto isso, os que deveriam se sentir acolhidos e ouvidos, recebem em mais um espaço, frieza e distanciamento. O que vemos por vezes é um lugar onde se quer padronizar ao máximo cada sujeita, sem levar em conta a sua subjetividade. Fazê-las pensar o mesmo pensamento, no mesmo momento e simplesmente aprender o que é ensinado para que possa ser repetido quando preciso. Sobre a falta de autonomia da sujeita-estudante, Rubem Alves nos escreve em uma de suas crônicas:

> As crianças são ensinadas. Aprendem bem. Tão bem que se tornam incapazes de pensar coisas diferentes. Tornam-se ecos das receitas ensinadas e aprendidas. Tornam-se incapazes de dizer o diferente. Se existe uma forma certa de pensar as coisas e de fazer as coisas, por que se dar ao

> trabalho de se meter por caminhos não explorados? Basta repetir aquilo que a tradição sedimentou e que a escola escola ensinou [...] Assim, aprende-se para não precisar pensar. Sabendo-se a receita, basta aplicá-la quando surge a ocasião (ALVES, 1994, p. 22 e 23).

Como foi mostrado, o ambiente como um todo, seja ele escolar ou não, age para que percamos a autonomia frente ao nosso próprio processo. Foucault (2014, 2014, p. 134) chama isso de docilização dos corpos, que é o que acontece quando se exerce sobre o corpo "uma coerção sem folga, mantê-lo ao mesmo nível da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo!.

bell hooks, em seu livro "Ensinando a Transgredir", traz de início uma reflexão sobre o tipo de educadora que ela procura ser e que, mesmo sem muitos exemplos desse estilo durante sua formação, para ela é um dos pontos principais ser essa agente que transforma suas estudantes, que as possibilita experiências de fato significativas. Compartilho muito do pensamento da autora, sobretudo quando a mesma diz sobre a importância de sermos essas “apresentadoras” do mundo e das diferenças que nele há.

> Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora (hooks, 2017, p. 63).

Estar atendo às pluralidades das nossas estudantes é um exercício diário e difícil, pois fomos ensinadas de forma a enxergar o todo, sem um olhar para as nossas singularidades e, sair dessa bolha e ser a diferença exige esforço para não cairmos nesse lugar de uniformizar nossas estudantes. A busca por um ensino de Arte libertador deve ser o nosso foco, a busca por um ensino que dê possibilidades para criação e proporcione um ambiente onde elas se sintam à vontade para se expressar.



CORPOS DÓCEIS, CORPOS ÚTEIS



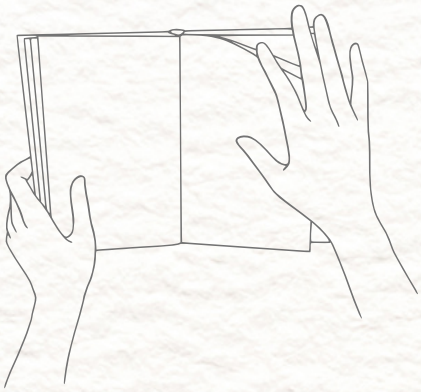
No nosso corpo encontramos nossa identidade, por meio dele expressamos quem somos e do que gostamos. Nem sempre temos autonomia sobre nosso corpo, sendo mulher essa autonomia é ainda menor. Há uma reprovação sobre os corpos e uma certa exigência para que estes estejam dentro dos padrões que a sociedade dita como "normal". O que foge dos padrões é considerado anormal e por isso sofre consequências por ser como é. O corpo torna-se então instrumento de poder e manipulação, os que estão dentro do que é aceito passam a representar os que não estão.

> Houve, durante a Época Clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontramos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada ao corpo – ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam (FOUCAULT, 2014, p. 134).

Somos constantemente manipuladas pelas indústrias do som e da imagem e guiadas pelo caminho da não aceitação. Por esse ser um forte instrumento de poder, é necessário que esteja vulnerável e maleável. A escola é um dos primeiros lugares onde ocorre esse processo de controle sobre o corpo. Em seu artigo, Claudia Vianna e Daniela Finco (2009) nos falam que:

> Muitas vezes, instituições como família, creches e pré-escolas orientam e reforçam habilidades específicas para cada sexo, transmitindo expectativas quanto ao tipo de desempenho intelectual considerado "mais adequado", manipulando recompensas e sanções sempre que tais expectativas são ou não satisfeitas (VIANNA e FINCO, 2009, p. 273).

Somos desde muito cedo apresentadas a estereótipos que devemos seguir, esses relacionados ao feminino e o masculino. Nos é permitido relacionar-se apenas com aquilo que está dentro do nosso nicho de menina e menino, sendo extremamente censuradas ações que saiam do dito "normal". Por meio do controle e da disciplina, os corpos são uniformizados, o que torna mais fácil o processo da dominação, pois um corpo dominado, é um corpo útil que responde corretamente aos estímulos feitos por aqueles que os controla. Foucault (2014) diz:



> É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. [...] Nesses esquemas de docilidade, em que o século XVIII teve tanto interesse, o que há de tão novo? Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações (FOUCAULT, 2014, p.167)

Por meio das limitações, proibições e obrigações impostas, o corpo reage da maneira que o opressor deseja. Muitas vezes, por já ter interiorizado o medo, esse corpo reage a um simples estímulo e se vigia constantemente para não ser punido. A vigilância constante busca não deixar brechas para que esses corpos possam se expressar, não abrir espaço para que esses reflitam, tornando-os meros receptores do que os que estão com o poder acreditam ser o certo.

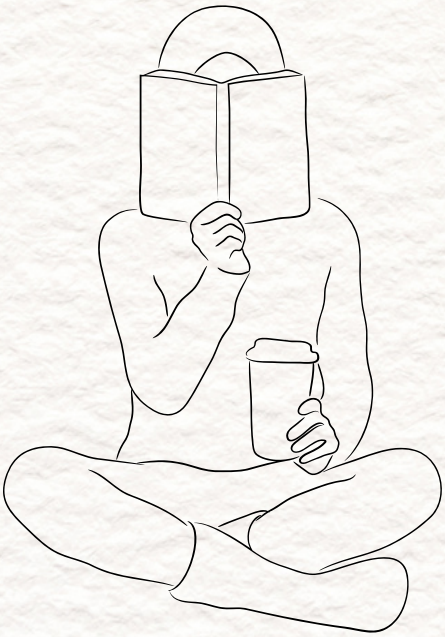
Desde pequena eu corto meu cabelo bem curtinho, e eu realmente gosto muito desse corte, me sinto de alguma forma mais livre. Porém, isso é mal visto por algumas pessoas e quando entro na sala de aula, no início do ano letivo, sempre ficam olhando e dá pra sentir o julgamento das pessoas, como se o meu corte de cabelo definisse alguma coisa, como se por não ter um cabelo grande, eu fosse menos mulher (MARIA FLOR, estudante-artista participante da pesquisa).

...

das inúmeras vezes que tive meu corpo feminino invadido e invalidado, uma eu não esqueço. em uma situação de abuso sexual eu juntei forças e estava pronta para falar, mas o abusador me convenceu de que seria uma atitude ruim, que eu causaria mal com isso e aquilo me acompanhou por tanto tempo... demorou até eu entender que eu não causaria mal, que eu não tinha culpa... lamento por essa ser uma situação que não é atípica. para todas que tiveram que se calar pelo medo, o meu grande pesar (Aline Vasconcelos, artista-pesquisadora).

A escola é muitas das vezes o primeiro e único lugar no qual as estudantes podem se relacionar abertamente com outras adolescentes, é onde trocam-se experiências, onde se tem aquelas conversas importantes e esclarecedoras com sua melhor amiga no corredor, é nesse espaço que elas podem se perceber e construir suas identidades, onde se olha para o corpo, busca conhecê-lo e explorá-lo e é exatamente por essas descobertas que a escola mantém a vigilância sobre as estudantes. Mas, isso não as impede de continuar.

As identidades que vamos construindo ao longo do nosso caminhar não são estáticas, elas fluem e se modificam de acordo com as experiências que vamos nos permitindo ter. Guacira Lopes Louro (2014) fala que:



> Tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento [...] portanto, são passíveis de transformação (LOURO, 2014, p.31).

Apesar de essa construção ser constante e pessoal, a escola por vezes não respeita esse processo e acaba caindo em um lugar dicotômico e fechado em que existe apenas o masculino e o feminino, sendo esses imutáveis e o primeiro exercendo soberania sobre o segundo.

As relações dicotômicas são um campo perigoso de se estar já que não dá abertura para outras perspectivas e mantém certa rivalidade entre os dois polos. Para Guacira Lopes Louro (2014):

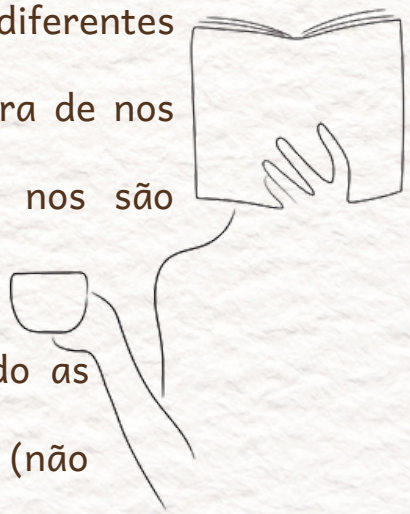
> No 'jogo das dicotomias' os dois polos diferem e se opõem e, aparentemente, cada um é uno e idêntico a si mesmo. A dicotomia marca, também, a superioridade do primeiro elemento (LOURO, 2014, p.35).



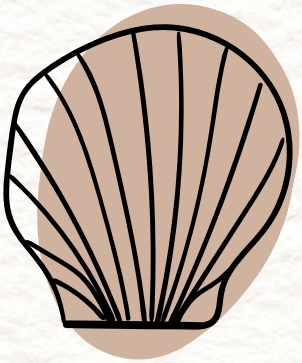
Na escola, desde pequenas somos apresentadas a dois mundos, o masculino e o feminino e a ideia de que apenas esses dois pontos existem e de que o que se difere destes é anormal perdura até que tomemos conhecimento e nos sejam dadas possibilidades de conhecer também o que difere da norma. Guacira Lopes Louro (2014) diz que:

> Uma das consequências mais significativas da desconstrução dessa oposição binária reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente (LOURO, 2014, p.38).

Enquanto meninas, somos educadas de maneiras diferentes dos meninos, essas diferenças vão desde a maneira de nos comportarmos, perpassa pelas brincadeiras que nos são apropriadas e chega ao âmbito do ensino ao pararmos para analisar que para as meninas é cobrado as melhores notas sempre, enquanto aos meninos (não todos) as notas medianas são aceitáveis e justificáveis.



Sobre a relação do que se espera do menino e da menina...



Lá em casa é sempre minha mãe que faz as coisas, o almoço, arruma a casa e ainda trabalha. Vejo também que meu irmão não ajuda muito, a louça, por exemplo, ele quase nunca lava e fica tudo bem. (MARIA CONCHA, estudante-artista participante da pesquisa)

Sobre a sala de aula, às vezes parece que nós meninas somos mais cobradas no sentido de tirar boas notas e se comportar. Minha mãe cobra muito mais de mim do que dos meus irmãos sobre isso. (MARIA LUZ, estudante-artista participante da pesquisa)





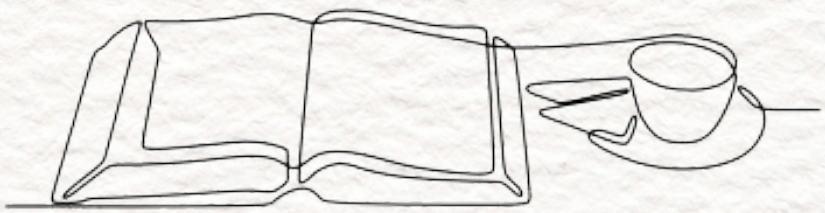
Eu acho muito errado essa coisa de falar que isso é de menino e isso é de menina, que menina faz isso e menino aquilo, menina brinca de casinha 'pra' aprender desde cedo a cuidar da casa e da família e menino brinca na rua. Acho isso injusto, precisamos mudar. (MARIA LUA, estudante-artista participante da pesquisa)

Quando pensamos nas brincadeiras que nos são apresentadas, nos deparamos mais uma vez com a diferença de tratamento entre meninas e meninos, as brincadeiras das meninas são sempre mais calmas, envolvem o cuidado e busca o aprendizado ou desenvolvimento de alguma habilidade (na maioria das vezes doméstica ou maternal). Aos meninos é permitido brincadeiras mais agitadas, como correr, construir coisas, bater, socar (não é à toa que os meninos adoram brincadeiras de brigas). O que acontece quando a menina quer brincar de bater, correr e o menino quer brincar de boneca? É nesse momento, quando nos deparamos com o que foge da norma que ocorrem os processos de impedimento, no qual os corpos começam a ser docilizados para mantê-los dentro dos padrões aceitáveis segundo a sociedade.

> Romper a dicotomia poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos/as, presente no conceito "gênero". Na verdade, penso que o conceito só poderá manter sua utilidade teórica à medida que incorporar esses questionamentos. Mulheres e homens, que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas e hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representadas/os ou reconhecidas/os como "verdadeiras/verdadeiros" mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita concepção binária (LOURO, 2014, p. 38)

Como educadora e agora como uma mulher que tem se dedicado a estudar sobre as relações de gênero, eu percebo em minha trajetória as tantas vezes que fui silenciada no ambiente escolar, às vezes que me escondia para desviar de brincadeiras feitas por meninos, brincadeiras que na grande maioria das vezes envolviam o meu corpo e me faziam buscar apagá-lo de alguma forma por meio de roupas maiores e mais largas. Buscando na memória, eu não recordo de nenhuma situação em que houve intervenção por parte das educadoras do ambiente em relação a isso, talvez pelo fato de ser um comportamento já naquela época habitual, sendo da norma masculina fazer piadas, chamar atenção, ser mais agitado.

Acredito que essa busca de chamar atenção por parte dos meninos, essa agitação e o gosto por fazer apontamento à respeito dos corpos das estudantes tem base no querer conhecer e estabelecer vínculo com o outro sexo e, como esse contato é desde sempre barrado, usa-se de manobras para desviar os olhares vigiantes daqueles que defendem severamente a dicotomia masculino-feminino, e por consequência, a ideia de que os dois são polos opostos que não devem se relacionar, a não ser que o primeiro esteja em soberania do segundo.



Jeffrey Weeks apud Guacira Lopes Louro (2014) nos dizem que:

> O ato de cruzar a fronteira do comportamento masculino ou feminino apropriado (isto é, aquilo que é culturalmente definido como apropriado) parece, algumas vezes, a suprema transgressão (WEEKS apud LOURO, 2014, p. 84).

Dessa forma, acredito que a busca por manter essa relação dicotômica e distanciada entre o masculino e feminino está firmada no medo do que pode acontecer caso esses dois se relacionam, nas mudanças que essa troca pode acarretar nos comportamentos das meninas e dos meninos. Por parte de grande parcela da sociedade, sobretudo branca e masculina, não há entendimento de que

> A identidade de gênero não é, assim, formada pelo fato do indivíduo ter nascido macho ou fêmea, isto é, não estaria ligada ao biológico, mas às relações estabelecidas entre o sujeito e seu meio social. Em suma, a identidade de gênero é configurada tendo em vista as relações de interdependência estabelecidas entre o indivíduo e a sociedade (PEREIRA, 2015, p. 66)

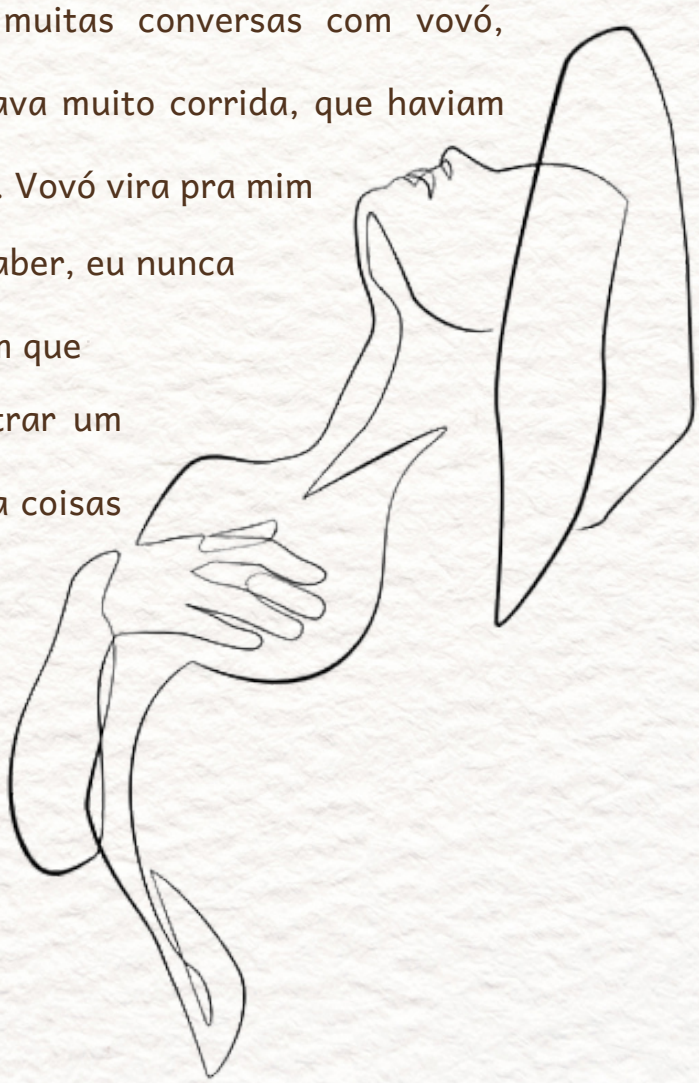
Esse cenário é ainda mais alarmante ao avaliarmos as situações enfrentadas por aquelas e aqueles que fogem dos padrões normativos heterossexuais, para essas e esses a escola é um ambiente de forte opressão e anulações que fazem com que "jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes indesejados ou ridículos" (LOURO, 2015, p. 72).

Esta é uma realidade presente na escola onde a pesquisa é desenvolvida, há aquelas estudantes que fogem do padrão heteronormativo, que estão passando por um processo de se reconhecer enquanto meninas trans, lésbicas ou pessoas não binárias. É triste e preocupante pensar que a escola e a maioria das profissionais que dela fazem parte, não estão preparadas para lidar com casos como esses e acabam por vezes ferindo ainda mais aquelas que já são feridas diariamente pela sociedade que vivemos.

Poder estudar hoje sobre gênero e levar para a sala de aula essa discussão me faz pensar que estamos caminhando, a passos lentos, mas estamos caminhando. Ver minhas alunas tendo consciência das dores daquelas que as cercam e percebendo que podem fazer a diferença na vida umas das outras ao acolher, escutar, compreender e defender, me faz pensar que estamos no caminho certo e que juntas somos mais fortes.

QUANDO O CORPO DA MULHER DEIXA DE SER LIVRE

Saindo um pouco do contexto escolar (mas não tanto), enquanto mulher eu começo a me questionar sobre os processos de vigilância e subjugamentos que meu corpo foi sofrendo ao longo do tempo. A maioria de nós meninas crescemos ouvindo falas do tipo “mas isso não é coisa de menina”, “se tu não aprender, não vai encontrar marido”, “mulher precisa de um homem ao lado”... Lembro-me de uma vez numa das muitas conversas com vovó, estávamos falando sobre a faculdade que estava muito corrida, que haviam muitos trabalhos, essas coisas de universitária. Vovó vira pra mim e fala “se eu fosse da tua idade e tivesse teu saber, eu nunca iria querer ficar me matando de estudar, tu tem que arrumar um emprego, ter seu salário, encontrar um marido, isso sim!”. Eu refuta quando ela falava coisas desse tipo, mas entendia também que faz parte de um pensamento da época em que ela foi criada e que bom que hoje nós conseguimos enxergar as coisas de outras formas, temos a possibilidade de ser quem queremos ser.



Nós mulheres já nascemos com os papéis que iremos seguir em nossas vidas muito bem desenvolvidos dentro do que nossa sociedade insiste em ditar como "normal". Guacira Lopes Louro (2014) nos fala que:

> Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar… através do aprendizado de papéis, cada um/uma deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas (LOURO, 2014, p. 28).

Desde cedo, esses papéis nos são apresentados e é esperado que os sigamos rigorosamente. Enquanto mulheres, já nos primeiros brinquedos e brincadeiras que temos contato, nos é ensinado sobre o cuidado pelas bonecas (aqui representando os futuros filhos), sobre o zelo pelos afazeres domésticos, a passividade, calmaria, ingenuidade, delicadeza, todos esses atributos que é esperado que uma mulher tenha.

É ditado por parte da sociedade que assumamos três papéis principais, o de uma boa filha, o de uma boa esposa e por último, o de uma boa mãe. Quando você foge à regra, ou até mesmo quando muda o ordem desses papéis, você é julgada como errada, o exemplo a não ser seguido. Vemos constantemente exemplos dessas falas de julgamento quando fugimos do padrão estabelecido, em comentários como:

Se tu não cuidar das coisas da casa, como vai manter o casamento?

Nossa, nem casou e já tem filho!

Na tua idade já tinha era dois filhos.

Tá ficando pra titia, precisa arrumar logo um marido!

Agora que casou só faltam os filhos, né?



Nos atentemos ao último papel que devemos interpretar, o de mãe. Em nossa sociedade é ditado que sejamos mães um dia, isso nos é ensinado desde pequenas durante as brincadeiras de cuidar, proteger, criar... Quando crescemos e por alguns fatores pessoais não nos vemos com esse interesse em gerar uma criança, em criar um filho, a sociedade fica em choque e não aceita uma decisão que diz respeito somente a cada uma de nós.



Como assim você não quer ter filhos?

Você vai se arrepender um dia!

E quando você estiver mais velha, quem vai cuidar de você?

Esses são alguns dos questionamentos que nós mulheres ouvimos diariamente. Não temos controle do nosso próprio corpo, ele é visto por muitos como meio de gerar outra vida, com o único propósito de procriar. Das necessidades das mulheres, seus desejos e anseios, se falava bem pouco. Hoje, esta é uma realidade que apresenta algumas mudanças, ainda que tenhamos um longo caminho pela frente, mas já começamos a vislumbrar um futuro onde de fato tenhamos a propriedade dos nossos corpos e deixemos de ser mal vistas quando nossas ações e desejos não condizem com o que a sociedade espera que façamos.

O nosso corpo anseia por ser livre, por ser do jeito que é. Mas nós mulheres somos desde cedo ensinadas a temer nosso próprio corpo, nossos gostos, nossa sexualidade, nosso eu. Mulher tem que ser meiga, gentil, não pode falar alto, não pode gesticular muito, precisa ser doce, amável, se fingir de burra para não intimidar o sexo masculino, mostrar fragilidade para poder dar abertura para ser ajudada por alguém do sexo masculino, mulher não fala sobre prazer, na verdade o prazer da mulher não importa... São tantas "regras" que nos são impostas que mesmo sem querer, acabamos por vezes interiorizando-as e reproduzindo sem perceber.

Se hoje me encontro nesse lugar de pesquisadora, é porque outras tantas mulheres tiveram que vir antes de mim e lutar por esse direito. A todas elas, meu muito obrigada! Seguimos juntas nessa luta por "visibilizar aquelas que, historicamente e linguisticamente, haviam sido negadas ou secundarizadas" (LOURO, 2014, p. 41).



Enquanto mulher tive meu corpo usado diversas vezes, tive meu corpo violado com palavras, olhares e atos. Após cada ato de violência a gente vai se podando para tentar não passar por aquela situação novamente, é uma roupa que você deixa de usar porque sabe que terão olhares maldosos lhe encarando, é um caminho que você deixa de fazer por medo do que pode acontecer, é aquela vez que você queria falar algo, que tinha uma opinião, mas preferiu calar-se para se poupar.





Terceiro contATO

selMARIA ou

O CÉU AZUL DE MARIA

talvez o que nos faça continuar é essa certeza de que após toda tempestade, o céu azul vai abrir e nos iluminar

pelo menos é isso que me faz seguir...



Maria Luz (estudante-artista participante da pesquisa)

são exatamente 20:37h do dia 19 de outubro de 2022, tenho até amanhã para encaminhar para a minha banca a dissertação para a qualificação. Em conversas com minha orientadora, falamos algumas vezes sobre como posso fazer para inserir mamãe mais profundamente nesse capítulo que traz seu nome como título e como contextualizo sua história também... isso tem se mostrado mais difícil do que imaginei. então, vou tentar escrever como se fosse uma carta para você, cara leitora...



Mamãe e eu nunca fomos do tipo melhores amigas, o talvez se dê pelo fato de eu ter morado com vovó até os nove anos e só depois ter tido uma vivência mais profunda com a minha mãe. Selmaria foi um erro do escrivão quando foram digitar o nome dela, era pra ser Selmara, mas por um "i", ficou Selmaria. Ela veio de Lábrea com a vovó aos três anos de idade, me teve aos dezoito anos e como muitas mães que precisam se desdobrar para dar uma vida digna aos seus, mamãe trabalhava muito, saia cedo e chegava tarde todos os dias...

Em casa, não tínhamos muita proximidade e, depois do momento que falei para ela sobre as situações de abusos que vinha sofrendo, se fez um grande abismo entre nós.

Aí você deve tá se perguntando "então, por que você a homenageia nesse capítulo?" Bom, apesar de tudo, de certa forma eu entendo seu lado, o lado de uma mulher que cresceu sem pai, que teve que começar a trabalhar com longas jornadas para sustentar a casa e que aos dezenove anos se viu em um casamento e se acostumou a esse, talvez até por medo de como a sociedade reagiria caso divorciasse. Sabemos que sempre pesa mais para o lado da mulher.

Eu entendo mamãe e torço para que um dia ela seja livre!

Hoje em dia, a gente se abraça quando se encontra. Toda vez que isso acontece eu fico ainda sem jeito por ser algo novo. Mas, meus olhos se marejam e meu coração fica quentinho porque isso é tudo que eu sempre quis... ser próxima... dizer que ama... abraçar... sentir-se querida apesar de tudo que nos aconteceu.

Querida leitora,

neste capítulo iremos falar sobre as criações artísticas e pedagógicas desenvolvidas junto às estudantes-artistas participantes da pesquisa. Trarei aqui registros de processos das estudantes realizados no ano de 2021, quando estas estavam no 8°ano. Além das cinco estudantes-artistas que nos acompanham com seus comentários desde o início da escrita desta dissertação, você encontrará também registros dos demais estudantes das turmas que serão identificados pelas suas iniciais. Os encontros foram realizados durante as aulas do componente curricular de Arte, no qual eu ministro. O tempo foi um dos maiores desafios encontrados visto que temos meros 48 minutos a cada semana, isso não nos permite aprofundar alguns exercícios, a dinâmica em sala de aula é diferenciada, precisando ser mais sucinta em alguns momentos para manter o foco das estudantes e realizar a atividade proposta no tempo que temos. Dessa forma, um jogo de conscientização do corpo, por exemplo, que na graduação dura horas, na sala de é realizado em cinco ou sete minutos, tempo que conseguimos manter a concentração.

De fato o nosso céu não é sempre azul, às vezes faz-se necessário olharmos por outra óptica, pintarmos ele para que fique como precisamos que esteja. Trazendo essa analogia para dentro da escola, pensamos que a escola nem sempre é o ambiente que precisamos que ela seja, por isso, aos pouquinhos precisamos ir modificando-a para que seja para nós espaço de liberdade, onde possamos ser nós mesmas, nos descobrir e vivenciá-la livremente.

primeiras cri(AÇÕES)

Nossos encontros seguiram uma sequência que apresentarei abaixo, em que aos poucos fomos conhecendo e experimentando o Teatro do Oprimido. Aqui, trarei os planos de aula que me serviram como um caminho para seguir, as criações das estudantes-artistas e relatos retirados dos nossos protocolos/diários de bordo.

Em seu livro Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas (2005), Boal nos apresenta uma ideia de sistematização de encontros para a conversão do espectador em ator que consiste em quatro etapas:

> PRIMEIRA ETAPA – Conhecimento do corpo: sequência de exercícios em que se começa a conhecer o próprio corpo, suas limitações, suas possibilidades, suas deformações e suas possibilidades de recuperação.
>
> SEGUNDA ETAPA – Tornar o corpo expressivo: sequência de jogos em que cada pessoa começa a se expressar unicamente através do corpo, abandonando outras formas de expressão mais usuais e cotidianas.

> TERCEIRAETAPA – O teatro como linguagem: aqui se começa a praticar o teatro como linguagem viva e presente [...].
>
> QUARTAETAPA – Teatro como discurso: forma simples em que o espectador-ator apresenta o espetáculo segundo suas necessidades de discutir certos temas ou de ensaiar certas ações (BOAL, 2005, p.188)

Seguimos a proposta da sistematização de Boal, com algumas modificações adaptando-as para a nossa realidade de uma aula de 48 minutos por semana.

Ao todo, tivemos oito encontros iniciais nos quais juntas refletimos e realizamos experimentos artísticos a partir do Teatro do Oprimido. Após esses oito encontros, passamos a organizar nossa ação artística na escola. Inicialmente, realizamos uma aula para apresentar o TO, falar sobre seu criador, Augusto Boal e debatermos sobre alguns conceitos que esse método de pesquisa e transformação nos apresenta.


Os en
con
tros

Encontro 01: o Teatro do Oprimido

1° momento: chegança

- Jogo do "Boa tarde" em várias formas
- Apresentar nosso plano do 3° bimestre e como vamos prosseguir em cada aula.

O jogo consiste em dizer "Bo tarde" para a pessoa ao lado com diferentes sotaques, idiomas, intensidades...

2° momento: conhecendo o Teatro do Oprimido

- Deixar espalhado pela sala citações dos livros de Boal que exemplifiquem o Teatro do Oprimido.
- Cada dupla ou trio escolhe uma citação e diz o que esta lhe faz pensar.
- Projetar no data-show slides sobre a vida de Augusto Boal.

3° momento: a árvore do Teatro do Oprimido

- Explicar sobre a árvore do Teatro do Oprimido.
- Pintá-la e colocar ao redor dela palavras que tenham marcado o nosso encontro.

4° momento: saideira

- Música... dançar pela sala...

Querida leitora, em nosso primeiro encontro para trabalharmos o Teatro do Oprimido em sala de aula, retirei dos livros de Boal dez citações e as espalhei pelo nosso espaço. Propus que as estudantes caminhassem pela sala e lessem as citações, depois elas deveriam se juntar em duplas ou trios e escolher uma das frases para realizar um momento de reflexão e depois partilhar com as demais colegas de classe. As frases dispostas foram as que seguem abaixo:

"ARTE NÃO É ADORNO, PALAVRA NÃO É ABSOLUTA, SOM NÃO É RUÍDO E AS IMAGENS FALAM" (BOAL, 2009, P.03)

"AS IDEIAS DOMINANTES EM UMA SOCIEDADE SÃO AS IDEIAS DAS CLASSES DOMINANTES, CERTO, MAS POR ONDE PENETRAM ESSAS IDEIAS?" (BOAL, 2009, P.15)

"CONHECER A VERDADE É NECESSÁRIA PARA TRANSFORMÁ-LA" (BOAL, 2009, P.17)

"NÃO BASTA CONSUMIR CULTURA: É NECESSÁRIO PRODUZI-LA. NÃO BASTA GOZAR DA ARTE: NECESSÁRIO É SER ARTISTA! NÃO BASTA PRODUZIR IDEIAS: NECESSÁRIO É TRANSFORMÁ-LAS EM ATOS SOCIAIS, CONCRETOS E CONTINUADOS (BOAL, 2009, P.19)

"ARTE É VOCAÇÃO HUMANA, É O QUE DE MAIS HUMANO EXISTE NO SER"

(BOAL, 2009, P.138)

"SER HUMANO É SER ARTISTA!" (BOAL, 2009, P.19)

"O QUE A POÉTICA DO OPRIMIDO PROPÕE É A PRÓPRIA AÇÃO!" (BOAL, 2005, P.182)

"O TO É O TEATRO DO OPRIMIDO , PARA O OPRIMIDO E SOBRE O OPRIMIDO"

(BOAL, 2009, P.185)

"NÃO SE TRATA APENAS DE CONHECER A REALIDADE, MAS DE TRANSFORMÁ-LA EM OUTRA MELHOR." (BOAL, 2009, P.185)

"O TEATRO É UMA ARMA E É O POVO QUEM DEVE MANEJÁ-LA!" (BOAL, 2005, P.182)

Como toda primeira aula, de início tiveram aquelas que ficaram no canto, apenas ouvindo o que estava sendo conversado em roda. Iniciei explicando a proposta que o Teatro do Oprimido traz de transformação da realidade, de visibilizar aquelas que são ocultadas, de dar protagonismo às sujeitas que são oprimidas diariamente e possibilidades para estas conseguirem sair deste lugar de opressão.

Selecionei três das falas que tivemos nesse nosso primeiro encontro e partilharei com você, querida leitora.

Os estudantes C. D. e J. comentaram sobre sua frase:

"Arte é vocação humana, é o que de
mais humano existe no ser"

A gente conversou que essa frase lembra as aulas sobre arte rupestre, que desde aquele tempo as pessoas sentem necessidade de se expressar por meio da arte e que mesmo que a gente não seja o melhor artista, não cante e nem toque, o fato de gostarmos da arte, de escutar música, assistir filmes já mostra que temos essa vocação para a arte, como diz a frase.

As estudantes C.A., J. S. escolheram a frase abaixo:

"Não se trata apenas de conhecer a realidade,
mas de transformá-la em outra melhor."

Pelo que nós entendemos, o que Boal queria era que a gente usasse o teatro para tentar mudar a realidade. Sabemos que existe muita coisa ruim acontecendo ao nosso redor, há pessoas sofrendo, com fome, apanhando, tudo isso a gente sabe, tudo é nossa realidade, mas como fazemos para mudar isso? Como a gente muda por meio do teatro?

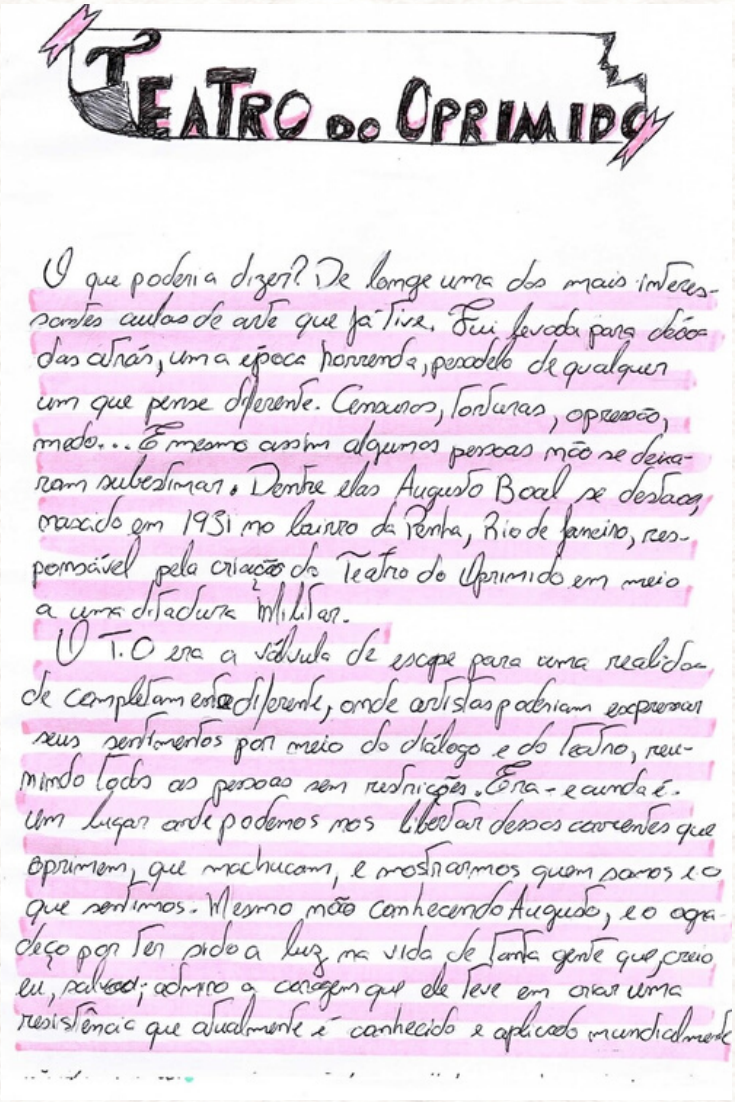
Por fim, os estudantes A., T., R. comentaram sobre sua frase:

"As ideias dominantes em uma sociedade são as ideias das classes dominantes, certo, mas por onde penetram essas ideias?"

Vivemos numa sociedade que impõe as coisas pra nós, onde os que tem mais dinheiro e status determinam como os mais pobres e esquecidos devem seguir suas vidas. Vemos isso nos padrões que são exigidos, por exemplo. As meninas sofrem o tempo todo com isso porque é determinado como elas devem ser, no caso magras, altas e loiras. Mas nem todo mundo é assim e isso não é ruim. Nós achamos que essas ideias penetram muito mais hoje em dia por meio das redes sociais, as informações surgem mais rápido e aos montes.

Enquanto professora e pesquisadora, acredito muito na potência que existe no Teatro do Oprimido, sobretudo quando trabalhado em sala de aula. As nossas estudantes possuem um potencial enorme de mudança numa sociedade que na maioria das vezes as negligenciam e oprimem pelos mais diversos canais. Não é raro escutarmos falas que tratam as jovens com desmerecimento, que digam que "jovens não querem nada com a vida", mas a verdade é diferente, nossas jovens querem muita coisa da vida, querem o direito de escolha, de ser ouvidas e de terem suas opiniões validadas.

A seguir, você encontrará o relato de uma das estudantes sobre nosso primeiro encontro.


TEATRO DO OPRIMIDO

O que poderia dizer? De longe uma das mais interessantes aulas de arte que já tive. Fui levada para décadas atrás, uma época horrenda, pesadelo de qualquer um que pense diferente. Censuras, torturas, opressão, medo... E mesmo assim algumas pessoas não se deixaram subestimar. Dentre elas Augusto Boal se destaca, nascido em 1931 no bairro da Penha, Rio de Janeiro, responsável pela criação do Teatro do Oprimido em meio a uma ditadura militar.

O T.O era a válvula de escape para uma realidade completamente diferente, onde artistas poderiam expressar seus sentimentos por meio do diálogo e do teatro, reunindo todas as pessoas sem restrições. Era - e ainda é - um lugar onde podemos nos libertar dessas correntes que oprimem, que machucam, e mostrarmos quem somos e o que sentimos. Mesmo não conhecendo Augusto, eu agradeço por ter pido a luz na vida de tanta gente que, como eu, sofreu; admiro a coragem que ele teve em criar uma resistência que atualmente é conhecido e aplicado mundialmente

"O que poderia dizer? De longe uma das mais interessantes aulas de artes que já tive. Fui levada para décadas atrás, uma época horrenda, pesadelo de qualquer um que pense diferente. Torturas, opressão, medo... E mesmo assim algumas pessoas não se deixaram subestimar. entre elas Augusto Boal se destacou, nascido em 1931 no bairro da Penha, Rio de Janeiro, responsável pela criação do Teatro do Oprimido em meio a uma ditadura militar.

O TO era a válvula de escape para uma realidade completamente diferente, onde artistas poderiam expressar seus sentimentos por meio do diálogo e do teatro, reunindo todas as pessoas sem restrição. Era – e ainda é – um lugar onde podemos nos libertar dessas correntes que oprimem, que machucam, e mostrarmos quem somos e o que sentimos. Mesmo não conhecendo Augusto, eu o agradeço por ter sido a luz na vida de tanta gente que creio eu, salvou; admiro a coragem que ele teve em criar uma resistência que atualmente é conhecido e aplicado mundialmente".



O Teatro do Oprimido possui uma potência enorme e por ser um tipo de teatro que retrata a realidade, ele consegue chegar mais profundamente às estudantes e elas enxergam essas capacidades de reflexão e mudança que o TO possibilita. É um importante aliado nosso enquanto arte-educadoras na busca por um ensino e aprendizagem significativos.

Encontro 02: meu corpo

1° momento: chegança

- Música ambiente.
- Aquelas que se sentirem a vontade podem tirar os sapatos.
- Caminhar pelo espaço buscando sentir o seu corpo.

2° momento: meu corpo, meu querido corpo

- Todas sentadas ocupando os espaços da sala de aula.
- Propor um jogo de reconhecimento e conscientização do seu corpo.
- Massagear os pés, pernas, braços, ombros, barriga, rosto, orelhas, cabeça... respirar... respirar...

3° momento: desmecanizando-se

- Jogos que promovam a desmecanização dos corpos.

Andar pelo espaço de diferentes formas e em diferentes planos.
A cruz e o círculo (Jogos para atores e não atores, pág. 112).
A menor superfície (Jogos para atores e não atores, pág. 115).

A cruz e o círculo (Jogos para atores e não atores, pág. 112).

Nesse jogo, pede-se que os estudantes façam um círculo com a mão direita. Depois, uma cruz com a mão esquerda. O terceiro passo é juntar os dois e fazer o círculo e a cruz ao mesmo tempo.

O jogo consiste em estudar posições que e variações que permitam as estudantes tocar o menos possível no chão. A passagem de uma posição para a outra deve ser feita muito lentamente, a fim de estimular todos os músculos que intervêm na posição e permitir ao estudante observar-se.

A menor superfície (Jogos para atores e não atores, pág. 115).

4º momento: saideira

- Música... dançar pela sala...

Nessa aula, a proposta foi de olharmos para o nosso corpo e buscar senti-lo. Esse corpo que nem sempre recebe o carinho e a atenção que realmente merece. Esse corpo que carrega marcas do que vamos vivendo, carrega as violências que ele sofre na busca pela perfeição de um corpo que muitas vezes não é real. Guacira Lopes Louro (2021) comenta:

> [...] investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos (LOURO, 2021, p. 17).

Na busca por se adequar a esses padrões que a sociedade nos impõe, por vezes vamos deixando de ser nós mesmas, nos esforçando ao máximo para caber nesse lugar (sobretudo esteticamente falando) que nos é exigido. Como eu seria sem todas essas exigências? Seria mais livre? O que eu deixaria de fazer? O que eu tenho e carrego em mim que de fato é meu e eu gosto? E o que eu suporto só para ser aceita?

Quando propomos uma aula que fuja do que é realizado diariamente, quando possibilitamos um espaço de liberdade em nossa sala de aula, nós percebemos melhor a singularidade das nossas estudantes e ao realizarmos exercícios de conscientização do nosso corpo e mente, percebemos o quão mecanizados nossos atos e ações são.

Para a estudante M.G.:

> "Foi interessante parar 'pra' pensar um pouco no meu corpo, em como eu sinto ele, como está minha relação com ele. Eu nunca senti de verdade, assim pegando no pé, massageando a barriga, eu gostei. No início foi meio estranho, mas depois com as luzes apagadas e a música, consegui focar e aproveitar o exercício.

O modelo que temos no ambiente escolar, de uma aula seguida da outra, de mudarmos a cada 48 minutos, não permite que sintamos nossos corpos e o percebamos ao longo do dia. A possibilidade de parar, respirar e ter uma atenção especial para nós mesmas, mesmo que sejam meros três minutos é de extrema importância para o seu bom funcionamento. E isso reflete na nossa mente, pois sabemos que os dois caminham sempre juntos.

Querida leitora,

Proponho para você um momento para buscar sentir seu corpo, entrar em contato com ele. Você pode deitar ou ficar sentada se preferir, colocar uma música que lhe traga sentimos bons, de paz, calmaria... Fechar os olhos e ir se conscientizando de cada parte do seu corpo...

Como estão seus pés, sua perna, sente algum desconforto? Você pode ir tocando com as pontas dos dedos em seu corpo e sentindo a energia passar por todo seu ser... Vai massageando os pontos que achar necessário até chagar na seu rosto, sinta sua bochecha, sua boca, seus ouvidos, olhos, massageie seu couro cabeludo e finalize esfregando suas mãos e colocando-as em seu coração.

Encontro 03: corpo expressivo

1º momento: chegança

- Jogo "O escultor toca o modelo" (Jogos para atores e não atores, pág. 201), ou como é mais conhecido "Escultor e escultura".

Nesse jogo, pede-se que os estudantes façam duplas e escolham uma pessoa para ser escultor e outra para ser escultura. A professora falará alguns sentimentos e os escultores terão que tocar os corpos das esculturas e moldá-las para reproduzir por meio da linguagem corporal aquele sentimento sugerido.

2º momento: EXPRESSAR

- Sequência de jogos que trabalhem a expressividade do corpo.

Corrida em câmera lenta (Jogos para atores e não atores, pág. 125).

Roda de ritmo e movimento (Jogos para atores e não atores, pág. 147).

Anda, para e justifica (Jogos para atores e não atores, pág. 159)..

Corrida em câmera lenta (Jogos para atores e não atores, pág. 125).

Nesse jogo, ganha o último a chegar. Os alunos deverão atravessar a sala de aula numa espécie de corrida movendo-se o mínimo possível. Os dois pés jamais poderão tocar o chão ao mesmo tempo.

As estudantes formam um círculo, uma delas vai até o centro e executa um movimento qualquer, acompanhado de um som. Todas as outras estudantes reproduzem o mesmo movimento e som o mais sincronicamente possível.

Roda de ritmo e movimento (Jogos para atores e não atores, pág. 147).

Anda, para e justifica (Jogos para atores e não atores, pág. 159).

As estudantes caminharão pela sala. De tempos em tempos, a professora dirá "Para!" e pedirá a cada uma das estudantes que justifique sua postura dizendo alguma coisa que faça sentido.

3º momento: vários corpos ocupam o espaço

- Jogo "Os escultores fazem únicas esculturas" (Jogos para atores e não atores, pág. 203).
  Espaço: praia, shopping, zoológico.

Nesse jogo, os escultores deverão relacionar suas esculturas e reproduzir com elas um só modelo uniforme, procurando dar-lhe um sentido, compondo a situação proposta pela professora.

4º momento: saideira

- Apagar a luz da sala... movimentar o corpo no ritmo da música deixando seu corpo se expressar e ocupar o espaço.

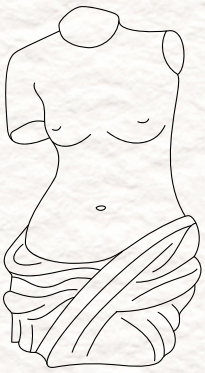
A proposta desta aula foi de trabalharmos a expressão dos corpos e a criatividade por meio de jogos teatrais. Abaixo, trago os registros dos protocolos das estudantes a respeito deste nosso terceiro encontro:



Achei os jogos que a professora fez bem legais, é uma maneira divertida de aprender e experimentar o teatro. Eu sou meio tímida, mas consegui fazer as coisas, não fiquei com muita vergonha, me senti confortável e feliz (estudante AG.).

Achei interessante, é um meio de aprender e fazer teatro brincando. Tem que usar a imaginação e isso não é tão simples, mas acho que consegui (estudante M.E.).





Aulas como essas ajudam a sair da rotina, dá mais ânimo porque a gente passa horas na sesma: senta, levanta, copia, responde... quando tem algo diferente é muito bom (estudante RY.).

Os jogos são importantes aliados na sala de aula, por meio deles trabalhamos diversos campos do nosso corpo e mente. Percebo minhas estudantes se soltando, permitindo criar, deixando a vergonha de lado e mostrando suas visões acerca dos temas e propostas trazidas em cada jogo.

Encontro 04: teatrando

1º momento: chegança

- Jogo "Sem deixar nenhum espaço vazio na sala" (Jogos para atores e não atores, pág. 190 e 191).

Todos os estudantes deverão caminhar pela sala de maneiras e velocidades diferentes de forma que seus corpos estejam de maneira mais ou menos equidistantes. Quando a professora disser "Para", os estudantes devem observar o ambiente da sala de aula e visualizar se estão completando o espaço.

2º momento: encenando

- Formar 4 grupos em sala de aula.
- Propor a criação de quatro cenas a partir de temáticas trazidas pelos grupos.
- As cenas devem iniciar com a imagem estática, como se fosse uma fotografia e terminar do mesmo modo.

Ensaios...

Apresentações...

3º momento: saideira

- Em roda, todas colocam as mãos umas sobre as outras e repetem juntas:

Eu coloco minha mão sobre a sua para que possamos fazer juntas aquilo que eu não sei fazer sozinha.

No encontro anterior trabalhamos bastante com estátuas, imagens e fotografias. A proposta desta aula é juntarmos o que já fora realizado com a nossa nova didática: criar cenas a partir dessas imagens estáticas.

Iniciamos formando quatro grupos em sala de aula e para ajudá-las a ter uma base para criarem as cenas, pedi para que cada grupo respondesse em um papel três perguntas que serviriam para guiar as criações:

1. QUEM?

AQUI AS ESTUDANTES DIZEM QUEM SÃO AS PERSONAGENS QUE APARECERÃO NA CENA, PODE DEFINIR CADA UMA OU UM GRUPO. EX.: UMA FAMÍLIA OU UMA MÉDICA, UMA PACIENTE E UMA ENFERMEIRA.

2. ONDE?

NESTE PONTO, O GRUPO DEFINE ONDE ESSAS PERSONAGENS ESTÃO. EX.: EM UM HOSPITAL, EM UM PARQUE, EM OUTRO PLANETA.

3. O QUÊ?

EM 'O QUÊ', O GRUPO DEFINE O QUE ESSAS PERSONAGENS ESTÃO FAZENDO. EX.: PROCURANDO A CURA PARA DETERMINADA DOENÇA OU ESTÃO EM UMA SITUAÇÃO DE CONFLITO NA SALA DE AULA.

Após os quatro grupos responderem as três perguntas, passei recolhendo os papéis e fiz um sorteio no qual cada grupo ficou com a proposta da cena do outro.

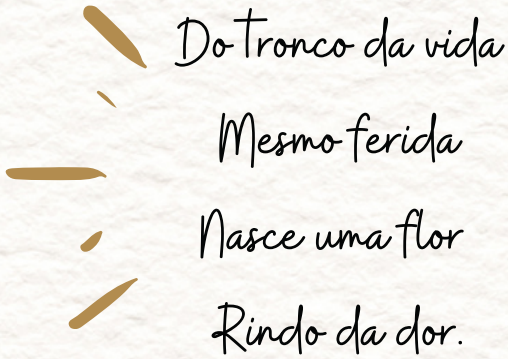
Os grupos então tiveram quinze minutos para criarem as cenas, nesse momento utilizamos a área externa da escola para facilitar a comunicação e dar mais espaço para a criação artística dos mesmos.

Passados os quinze minutos, nos reunimos em uma parte da área externa e realizamos as apresentações.

Encontro 05: listando opressões

1º momento: chegança

- Colocar som ambiente com o mantra da Pastoral da Juventude e, enquanto isso, as estudantes caminham pelo espaço.



2º momento: roda de conversa

- Pergunta norteadora: Quais opressões vivenciamos ou observamos no nosso dia a dia?
- Dividir a turma em cinco grupos, cada grupo irá ficar com um tipo de opressão e realizará uma pesquisa sobre a temática.
- No próximo encontro, estes grupos deverão apresentar as informações encontradas sobre a opressão trabalhada por cada um.

3º momento: saideira

- Jogo "Deitado de costas, completamente relaxado" (Jogos para atores e não atores, pág. 167).

As estudantes põe as mãos sobre o abdômen, expele todo o ar dos pulmões e lentamente inspira, enchendo o abdômen até não poder mais; expira em seguida; repete lentamente esses movimentos diversas vezes.



Nesse encontro, após já termos realizado uma série de jogos para nos conhecermos melhor e aprimorar nosso relacionamento enquanto turma, buscando assim criar um coletivo que se entende melhor, se sente mais confortável para se expressar e é mais unido, começamos a abordar questões referentes às opressões que sofremos ou observamos no nosso dia a dia, dessas conversas surgiram as seguintes temáticas:

Desigualdade social

Homofobia

Machismo

Violência contra a mulher

Racismo

Gordofobia

Intolerância religiosa

Assédio

Bullying

Xenofobia

Após listarmos essas opressões que nos cercam, debatemos sobre maneiras de trabalharmos esses assuntos. No primeiro momento, a proposta foi de dividir a sala em grupos e selecionar para cada um a temática que iria abordar. A partir disso, estes grupos deveriam conduzir rodas de conversas a respeito das opressões trabalhadas, podendo utilizar slides para essa condução ou outros instrumentos de explanação de dados e conceitos sobre o assunto abordado. Além disso, estes grupos deveriam fazer uso de perguntas norteadoras para melhor conduzir com o restante da turma durante as rodas de conversas.

O encontro então seguiu essa dinâmica, cada grupo se reuniu e começou a realizar pesquisas na internet sobre seu tema e a debatê-los entre si.

Querida leitora, pensemos agora nas tantas opressões que observamos ou vivenciamos ao longo do nosso dia a dia... você pode listá-las mentalmente ou escrevê-las em um papel.

Encontro 06: compartilhando informações

1º momento: chegança

- Música de fundo, as estudantes caminham pela sala e buscam se conectar com seus corpos, sentir o que lhes cercam, silenciar-se...

2º momento: vamos falar sobre opressão

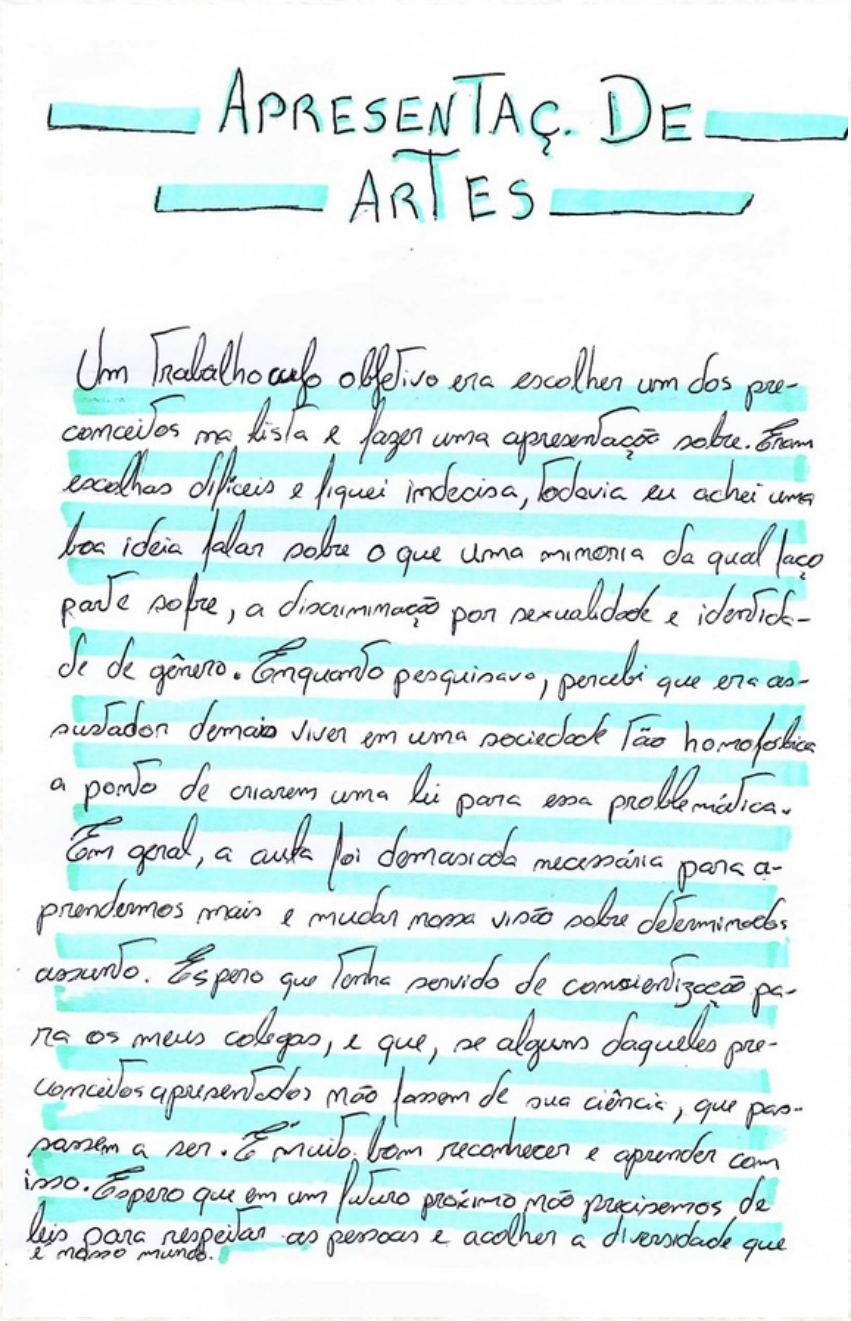
- Os cinco grupos apresentam as informações que colheram durante suas pesquisas e as apresentam para os demais grupos.
- As apresentações podem ser da maneira que acharem melhor, com slide, cartaz, cartões, uma roda de conversa guiada...

3º momento: próximo caminhar

- Após a explanação da sua temática, cada grupo irá criar uma obra artística (vídeo, cena, performance, dança) no qual trabalhe a temática da opressão pesquisada.
- Estas criações serão exibidas e/ou apresentadas no encontro seguinte.
- Explicar a dinâmica do nosso próximo encontro.

4º momento: saideira

- Formar roda, cada estudante deve falar uma palavra que simbolize nosso encontro da semana.



Apresentaç. De Artes

Um trabalho cujo objetivo era escolher um dos preconceitos na lista e fazer uma apresentação sobre. Eram escolhas difíceis e fiquei indecisa, todavia eu achei uma boa ideia falar sobre o que uma minoria da qual faço parte sobre, a discriminação por sexualidade e identidade de gênero. Enquanto pesquisava, percebi que era assustador demais viver em uma sociedade tão homofobica a ponto de criarem uma lei para essa problemática. Em geral, a aula foi demasiada necessária para aprendermos mais e mudar nossa visão sobre determinado assunto. Espero que tenha servido de conscientização para os meus colegas, e que, se alguns daqueles preconceitos apresentados não forem de sua ciência, que passem a ser. É muito bom reconhecer e aprender com isso. Espero que em um futuro próximo não precisemos de leis para respeitar as pessoas e acolher a diversidade que é nosso mundo.

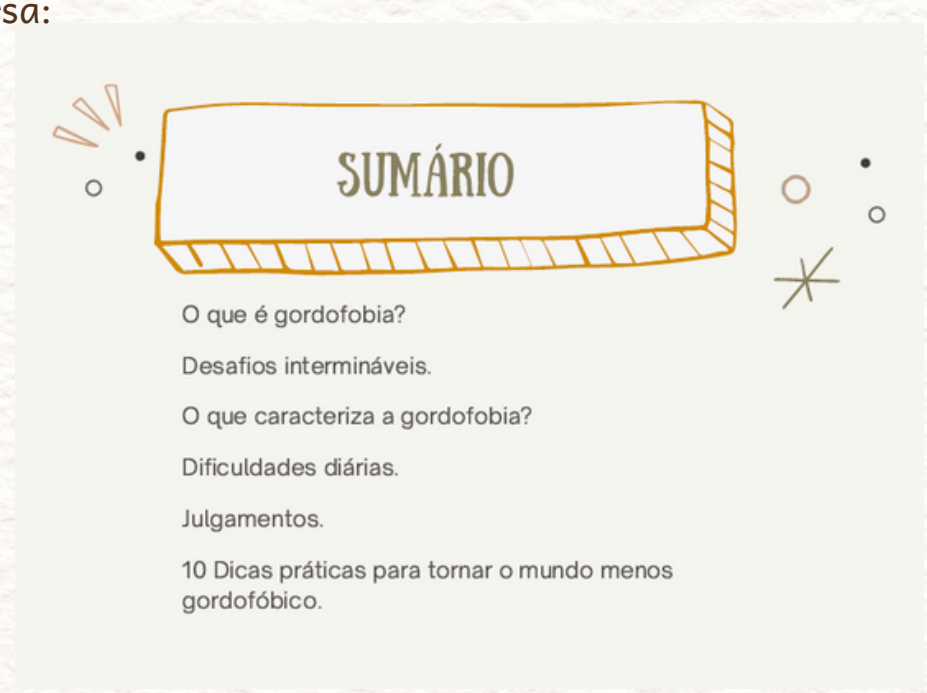
"Um trabalho cujo objetivo era escolher um dos preconceitos na lista e fazer uma apresentação sobre. Eram escolhas difíceis e fiquei indecisa. Todavia, eu achei uma boa ideia falar sobre uma minoria da qual eu faço parte, a discriminação por sexualidade e indenidade de gênero. Enquanto pesquisava, percebi que era assustador demais viver em uma sociedade tão homofóbica a ponto de criarem uma lei para essa problemática.

Em geral, a aula foi demasiada necessária para aprendermos mais e mudarmos nossa visão sobre determinado assunto. Espero que tenha servido para conscientização dos meus colegas, e que, se algum daqueles preconceitos apresentados não forem de sua ciência, que possam ser. É muito bom reconhecer e aprender com isso. Espero que em um futuro próximo não precisemos de leis para respeitar as pessoas e acolher a diversidade que é nosso mundo".

Querida leitora, neste momento, irei compartilhar com você três trabalhos realizados pelos grupos, o primeiro traz uma reflexão acerca da gordofobia, o segundo fala sobre a violência contra a mulher e o terceiro segue a mesma temática do segundo, mas tendo em foco o ambiente virtual de um jogo on-line.



A escola é um retrato da sociedade em que vivemos e, infelizmente vivemos em uma sociedade gordofóbica. Em sala de aula não é tão raro os casos de gordofobia que acontecem, estes por vezes vem camuflados de "brincadeiras" entre as próprias colegas de classe. Trazer essa temática para debate faz-se importante por propiciar às estudantes um momento de reflexão acerca de suas atitudes. O grupo em questão buscou apresentar alguns pontos para nos ajudar durante nossa conversa:



Durante a apresentação, algumas estudantes partilharam relatos sobre o tema.

> Muitas pessoas acham que ser gorda é uma ofensa, é sinônimo de ser feio e relaxado, isso está totalmente errado. Parece que é difícil entender que os corpos são diferentes, que nem todo mundo é alto, magro e de cabelo loiro e liso e que bom que somos assim, ser diferente é o que nos torna especial e único (estudante SA.).

Toda essa opressão que as pessoas gordas passam é muito triste e causa muito mal para a mente e o corpo. Tenho amigas que sofrem de bulimia, que fazem dietas extremas, ficam sem comer para serem mais aceitas pelos outros, isso me deixa triste. Se as pessoas respeitassem e não fossem cruéis, isso não aconteceria (estudante DU.).



10 DICAS PRÁTICAS PARA TORNAR O MUNDO MENOS GORDOFÓBICO

1. Não fiscalize.
2. Gorda não é ofensa.
3. Evite expressões gordofóbicas.
4. Pense em espaços e produtos que atendam as pessoas gordas.
5. Empregue pessoas gordas.
6. Não critique a forma como as pessoas gordas se vestem.
7. Não estereotipe a sexualidade das mulheres gordas.
8. Não tenha vergonha de se relacionar com uma mulher gorda.
9. Não ria das pessoas gordas.
10. Não dê ibope para programas gordofóbicos.

Ao final da apresentação compartilhamos alguns perfis do Instagram que falam sobre corpos reais e lutam contra gordofobia, concordamos que esse pode ser um meio de provocar reflexão sobre a temática, utilizando as mídias sociais de modo que não oprima ainda mais. Seguem os perfis compartilhados:

@alexandrismos

@betaboechat

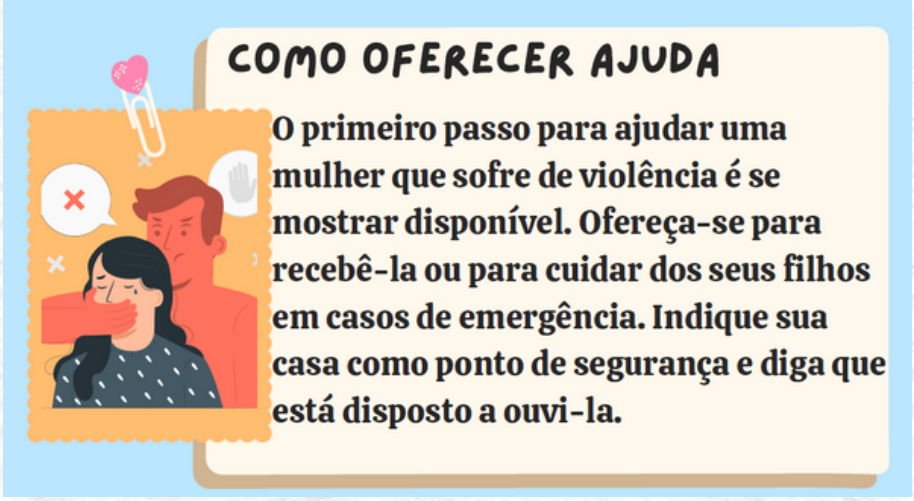
@movimentocorpolivre

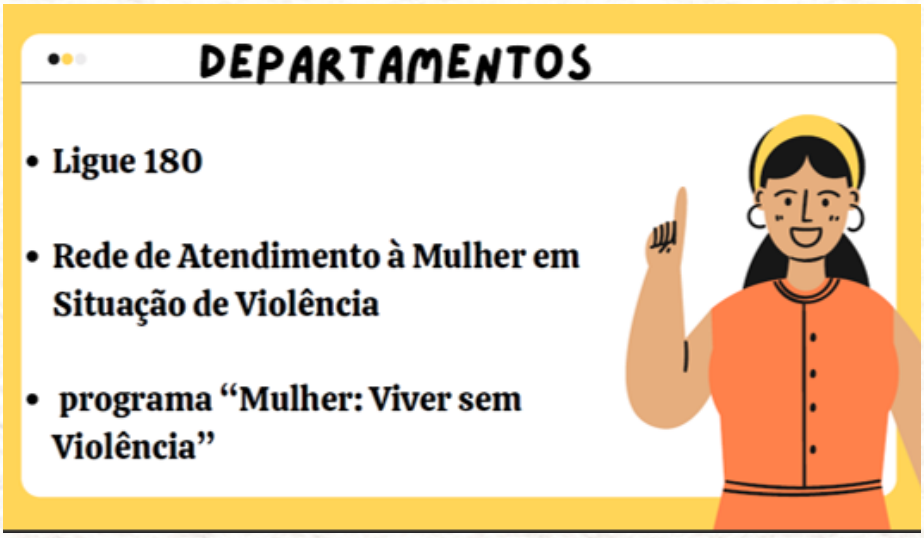
@caiorevela

O segundo grupo trouxe para a turma informações a respeito da violência contra a mulher, com dados, os tipos de violência e ações que podem ser realizadas para lutar contra essa opressão.









Nos atentemos a alguns dados sobre a violência contra a mulher no Brasil. Waiselfisz (2015) nos traz que:

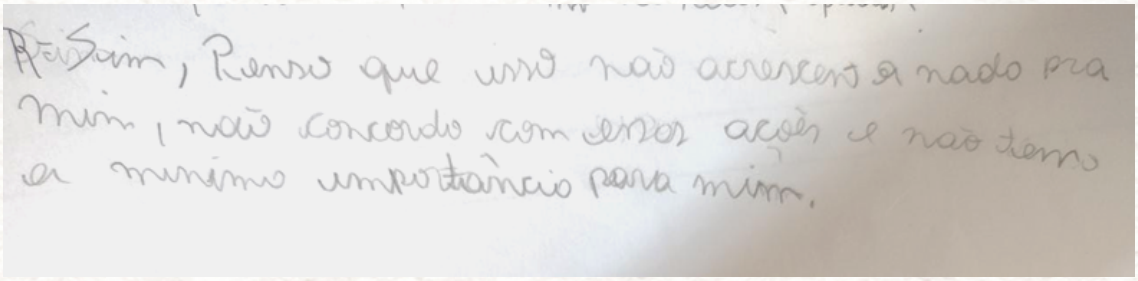
> Segundo o Mapa da Violência: Homicídios de Mulheres, o Brasil é, infelizmente, o 5º país mais perigoso do mundo para as mulheres viverem: os casos que chegam a ser denunciados apontam que a cada cinco minutos uma mulher é agredida (e em 70% dos casos, o agressor é o próprio parceiro), e treze mulheres são mortas por dia (quase cinco mil mulheres por ano). Uma pesquisa também aponta que 78% das mulheres de 16 a 24 anos já sofreram assédio em locais públicos. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública traz o estarrecedor número de 130,5 casos de estupro por dia em 2014 (47.646

> casos registrados), e sabe-se que diariamente são registradas cerca de 50 denúncias de abuso sexual no país. (Waiselfisz, 2015, p. 05)

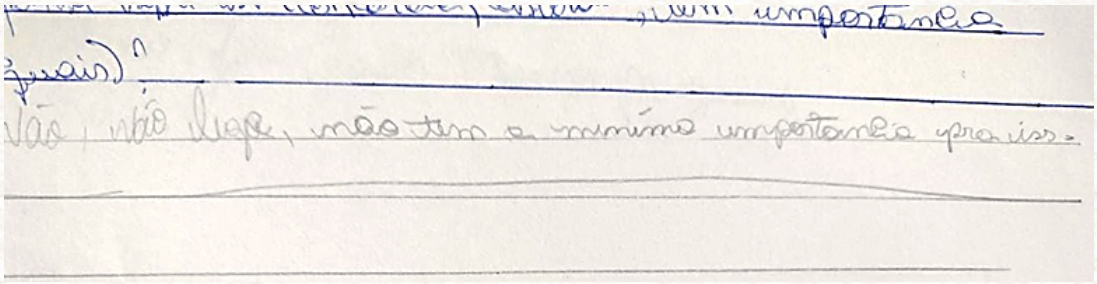
A temática sobre a violência contra a mulher faz-se necessária de ser trabalhada em sala de aula, pois esta é uma realidade que todas enfrentamos, seja dentro ou fora dos muros da escola. É importante conscientizarmos nossas estudantes sobre como agir em casos de violência, como se mostrar aberta a acolher àquelas que nos confiam suas histórias e buscam em nós abrigo. É importante, sobretudo, dialogar com os nossos estudantes sobre os papéis que eles também exercem nessa luta contra a violência.

No início de todo o processo de pesquisa, antes mesmo de começarmos nossos encontros sobre o Teatro do Oprimido, em uma de nossas aulas nós conversávamos sobre o feminismo e sua importância na vida das mulheres. Me chocou bastante a visão que muitos dos estudantes homens tinham a respeito do movimento feminista, alguns chegaram até a se mostrar contra. Depois de abrirmos para dialogar como coletivo, percebemos que muito disso é um discurso raso e replicado do que eles ouvem por aí, em casa, na rua, nas mídias. As estudantes presentes comentaram sobre a importância do movimento feminista, os avanços que a luta de muitas mulheres trouxe para a nossa vida e esse momento de

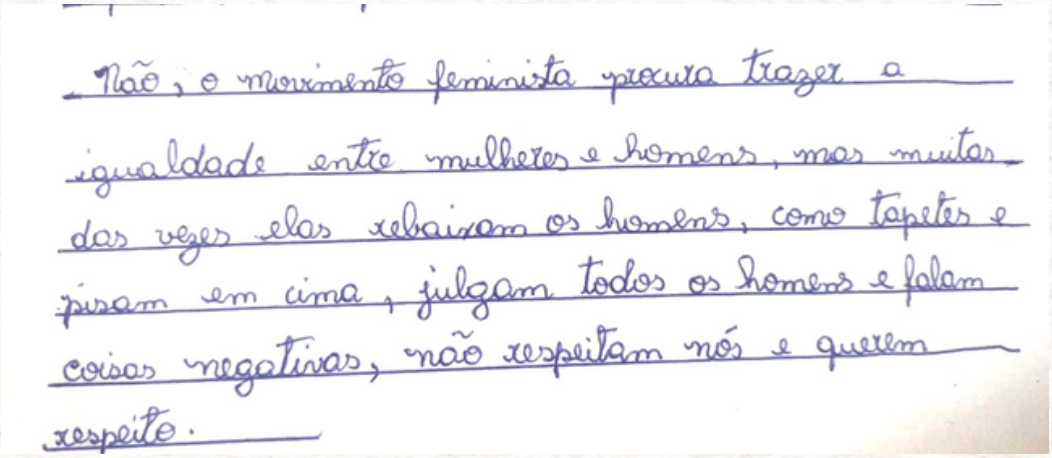
ouvir a voz das próprias meninas foi muito importante para os que estavam presentes. Abaixo, alguns desses relatos:



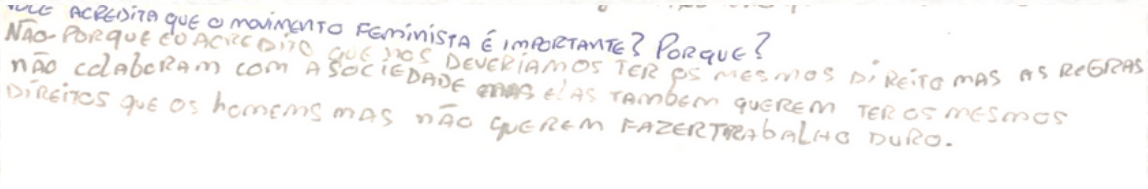
"Penso que não acrescenta nada pra mim, não concordo com essas ações e não tem o mínimo de importância pra mim".



"Não ligo, não tem a mínima importância pra mim".



"Elas rebaixam os homens, como tapetes e pisam em cima, julgam todos os homens e falam coisas negativas, não respeitam e querem respeito".



"Eu acredito que nós deveríamos ter os mesmos direito [...] elas querem ter os mesmos direitos que os homens, mas não querem fazer trabalho duro".

Ler esses relatos hoje me faz pensar na nossa querida e já conhecida bell hooks que traz em seu livro "O feminismo é para todo mundo" (2022) uma fala que cabe perfeitamente aqui. Ela diz:

> Repetidas vezes, homens me falam que não têm a menor ideia de o que as feministas querem. Acredito neles. Acredito na capacidade que eles têm de mudar e crescer. E acredito que, se soubesses mais sobre o feminismo, não teriam mais medo dele, porque encontrariam no movimento feminista esperança para sua própria libertação das amarras do patriarcado (hooks, 2022, p. 14)

Por vezes, a sociedade e o ambiente familiar de não possibilita espaços onde os meninos possam refletir a respeito de suas masculinidades, em como eles foram formados por um a sociedade extremamente machista e patriarcal que, querendo ou não, mostra a sua face nas atitudes do dia a dia. Como se desconstrói a masculinidade tóxica que moldou grande parte dos nossos meninos? Se nós, mulheres que lutam diariamente contra o machismo e sexismo, às vezes temos atitudes machistas, quiçá àqueles que foram moldados desta forma.

Acredito que o ambiente escolar é um importante aliado nessa desconstrução e, como educadoras, também é um dever intermediar reflexões acerca de temáticas como essas, pois elas permitem uma vida em comunhão entre homens e mulheres na busca por uma sociedade livre do patriarcado. bell hooks (2022, p. 31) nos alerta que "sem ter homens como aliados na luta, o movimento feminista não vai progredir".

O Teatro do Oprimido é um excelente método a ser adotado para propiciar reflexões como esta, pois ele também está fundamentado na busca por uma sociedade em que todas possam viver em harmonia, livre de opressões.



Por último, apresento para você, querida leitora, a proposta do terceiro grupo de refletirmos a respeito da violência contra a mulher dentro do ambiente virtual, nesse caso, de jogos on-line.

Antes da apresentação do grupo, eu nunca havia parado para pensar nas opressões que nossas meninas sofrem nesses espaços, em como este é mais um - dos muitos - lugares onde somos diminuídas apenas por sermos mulheres.

Esta é uma realidade diferente para mim, pois não costumo vivenciar esse espaço. Mas, hoje em dia, com todas as tecnologias disponíveis, vemos cada vez mais nossas jovens imersas na vida virtual. É triste pensar que até nos jogos on-line nossas alunas presenciam situações de violência. Elas são silenciadas, excluídas e até ridicularizadas.

Este grupo trouxe para nós um pouco da vida das personagens presentes no jogo do Free Fire, são personagens mulheres que sofreram algum tipo de violência e sua história é contada dentro do jogo:

free fire

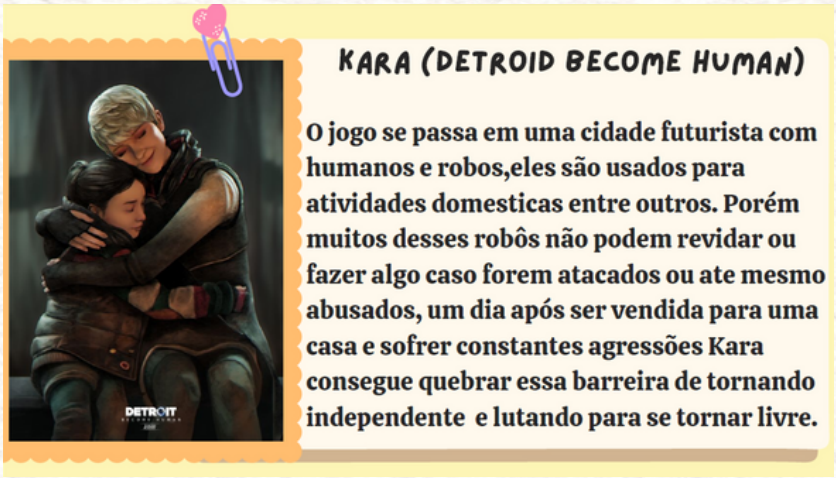
As lojas de Apps definem o Free Fire como:

Um jogo de tiro e sobrevivência mundialmente famoso disponível no celular. Cada partida dura cerca de 10 minutos e te coloca em uma ilha para enfrentar 49 jogadores na luta pela sobrevivência. Os jogadores

chegam ao mapa de avião e podem escolher quando saltar de paraquedas. Como sobreviver? Permaneça na zona segura o máximo possível e explore o terreno ao máximo: dirija veículos rápidos, esconda-se nas trincheiras ou encontre seus oponentes no campo aberto. Procure pelo melhor equipamento e não tenha piedade, o objetivo é um só: sobreviver até o último instante.

Disponível em: Free Fire – Apps no Google Play









Enquanto professora destas estudantes, me deixa feliz perceber que elas levam os conteúdos e assuntos por nós abordados em sala de aula para fora do contexto escolar. Me faz perceber que há de fato uma aprendizagem significativa, que possui relação com o dia a dia delas.

Quanto a presença feminina nos ambientes virtuais dos jogos on-line, percebe-se que há sim forte presença do machismo, isso dá-se pelo fato de esse ser um ambiente que reflete a nossa sociedade real que é machista e misógina. Por outro lado, começamos a perceber pequenos passos dessa indústria dos jogos virtuais para melhor inserir as meninas nesse espaço, uma busca por políticas que de fato tragam consequências para estes atos de violência no ambiente virtual. Fernanda Cipollini Santana et al (2022) em seu artigo sobre a presença das mulheres nos jogos virtuais, nos traz que:

> Os jogos eletrônicos foram produzidos com a intenção de agradar ao público-alvo masculino, o que envolveu desde os modelos de personagens, indumentárias e características dos jogos em geral. No início da indústria dos videogames, havia poucas representações femininas nos jogos e, quando representadas, eram tidas como frágeis (OLIVEIRA, 2022, p. 121)

Não é necessário fazer parte dos grupos que vivem nesses ambientes de jogos virtuais para perceber que estes são feitos para agradar aos homens. Pensemos nas personagens femininas que em geral são mostradas de uma maneira estereotipada e sexualizada com o intuito de atrair o público masculino.

Mas nem só nas vestimentas e ações das personagens encontramos registros da hostilidade sofrida pelas meninas neste espaço. Embora elas sejam presença forte neste ambiente, por vezes, são levadas a se identificar como masculino para poder ser levada mais a sério pelos colegas que com elas jogam. Há na internet um movimento chamado #MyGameMyName, que busca trazer à tona a discussão sobre os assédios sofridos pelas mulheres no ambiente dos jogos virtuais. Nele, encontramos relatos de mulheres gamers que falam sobre suas vivências nesse espaço. (mygamemyname.com)

Encontro 07: criAÇÕES artísticas

1º momento: chegança

- Jogo "Ninguém com ninguém" (Jogos para atores e não atores, pág. 1631).

Nesse jogo, pede-se que os estudantes façam um círculo com a mão direita. Depois, uma cruz com a mão esquerda. O terceiro passo é juntar os dois e fazer o círculo e a cruz ao mesmo tempo.

2º momento: criAÇÕES

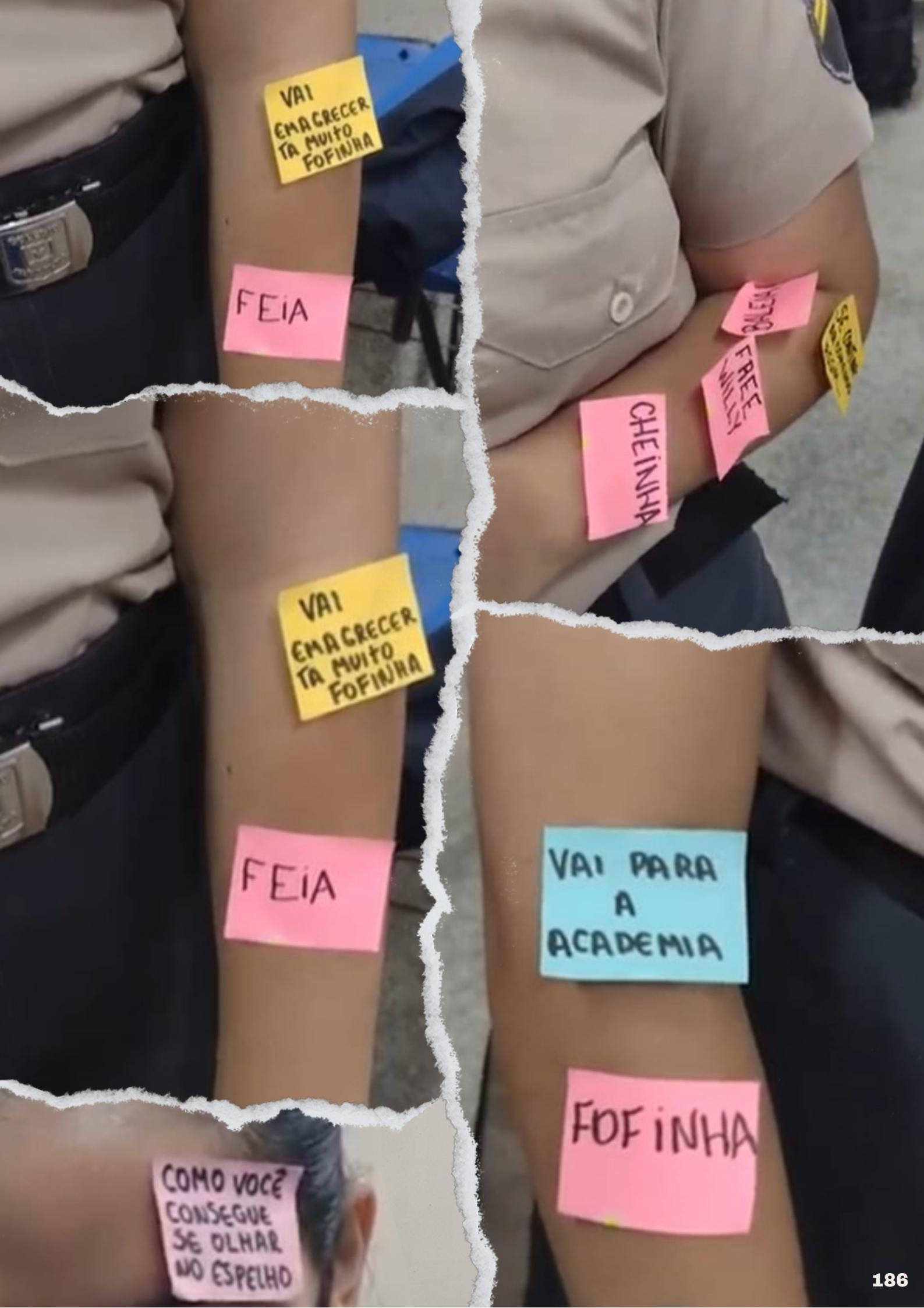
- Os cinco grupos apresentam as criações que prepararam.

3º momento: reflexões

- Roda de conversa com partilha sobre as obras que foram apresentadas, as impressões que as estudantes tiveram e ideias para futuras criações em conjunto.

4º momento: saideira

- Colocar música de fundo, todas devem caminhar pelo espaço e abraçar quem for encontrando na sua frente.


VAI EMAGRECER TA MUITO FOFINHA
FEIA
CHEINHA
FREE WILLY
VAI EMAGRECER TA MUITO FOFINHA
FEIA
VAI PARA A ACADEMIA
FOFINHA
COMO VOCÊ CONSEGUE SE OLHAR NO ESPELHO

Após o processo das rodas de conversas com as estudantes, foi proposto uma exposição da temática (opressão) trabalhada por meio de alguma expressão artística. Assim, tivemos algumas ações, encenações e criações audiovisuais que trarei para apreciarmos e analisarmos juntas.

Abaixo, alguns registros da ação realizada pelas alunas do 8° ano. A proposta aqui era colocar nos banheiros femininos algumas caixas contendo materiais de higiene básica e outras com cartinhas e mensagens de empoderamento. Sobre a proposta trazida aqui, uma das alunas diz:

"Nós queríamos ajudar a diminuir as barreiras que muitas vezes são impostas entre nós mulheres, essa ideia de que precisamos umas ser melhores que as outras, essa rivalidade feminina que a sociedade impõe. Nós entendemos que passamos pelos mesmos problemas, por opressões apenas pelo fato de sermos mulheres, por isso, precisamos nos unir, ser um refúgio para as que precisam, ter empatia entre nós"

(S.L - estudante-artista participante da pesquisa)

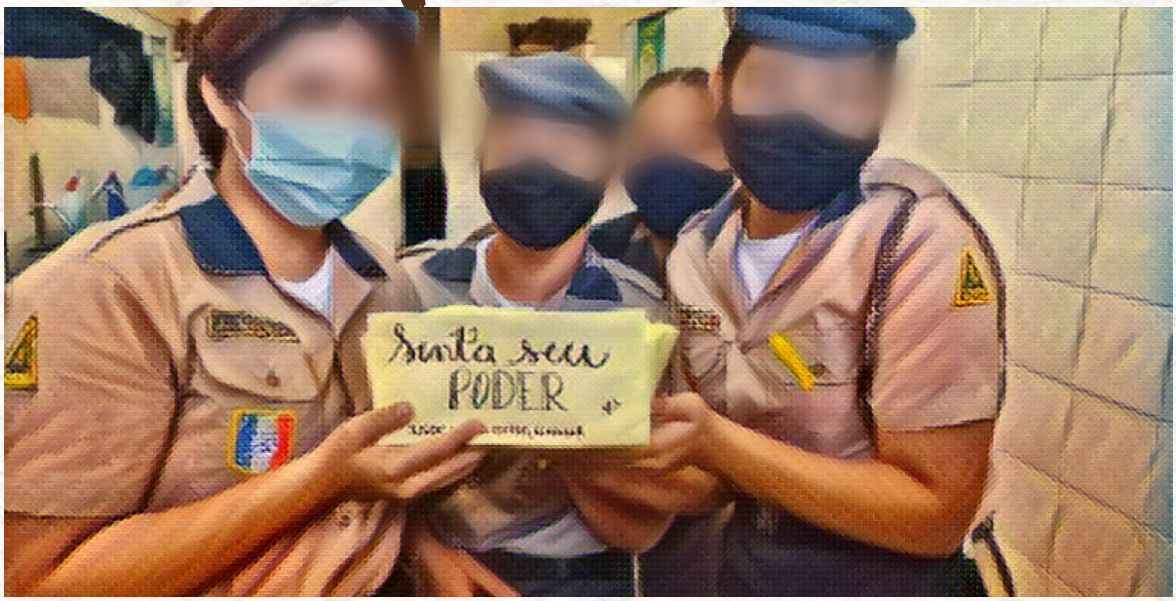




sinta seu



poder



Enquanto professora, fiquei bastante satisfeita e orgulhosa de todo o processo desenvolvido junto às estudantes-artistas ao longo de nossos encontros sobre o Teatro do Oprimido. Tivemos riquíssimas discussões a respeito das opressões que nos cercam e no desenrolar das aulas, notei em minhas estudantes certo descontentamento acerca de muitas realidades que enfrentamos e a vontade de modificá-la.

Vejo que conseguimos chegar ao ponto que o Teatro do Oprimido nos instiga, de sermos agentes de transformação e assumirmos o papel de protagonistas em nossas histórias.

Esse protagonismo, sobretudo o protagonismo feminino continua no próximo capítulo quando será apresentada a continuação desse processo e o entrelaçar das vivências que tivemos nos encontros do Teatro do Oprimido e da Performance que estava próximo de atravessar nosso caminho.





Quarto com ATO

NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PERFORMER

tinha uma performer

no meio do caminho

Querida leitora.

Chegamos ao nosso último capítulo. Espero que tenha sido um caminho prazeroso para você até aqui :)

Resolvi dedicar este capítulo ao compartilhamento da ação performática desenvolvida pelas estudantes_artistas chamada de "O que carrego comigo?".

Começo trazendo para você como deu_se esse encontro com a Performance (agora em sala de aula). Vamos lá?



Sequência dos encontros ou encontro 08: performance como linguagem

Atravessadas pela linguagem da performance que fazia presença na minha vida enquanto artista e começara a reverberar nas minhas práticas docentes, nos reencontramos agora no 9° ano para darmos continuidade ao processo iniciado no segundo semestre de 2021. Enquanto coletivo, relembramos o que havíamos realizado no ano anterior, que ainda tinham ações que gostaríamos de desenvolver, havia uma vontade de expor de alguma forma para as demais turmas da escola as reflexões que tivemos após nossos processos de encontros.

A partir daí surgiu a proposta de criarmos uma intervenção artística que mais tarde fora chamada de performance.

Neste capítulo, trarei para você, cara leitora, relatos de como deu-se a construção da performance que desenvolvemos juntas.

atravessiamo

Encontro com o acaso

A performance nos encontrou no meio do processo, embora esta já estivesse definida como um assunto a ser abordado no semestre em questão, não estava nos planos realizar uma ação performática em sala de aula. Essa foi uma surpresa - um acaso - que deixou a pesquisadora que vos fala extremamente feliz com o processo que estávamos gerando.

Quando se trata de uma obra de arte, neste caso uma performance, não é tão fácil definirmos em qual momento exato tivemos o anseio por esta criação, qual foi aquele segundo em que você, ou vocês quando se trata de um coletivo, pensaram: é por aqui que vamos seguir. Cecília Salles comenta sobre isso em seu livro "Gesto inacabado" (2011):

> Admite-se, portanto, a impossibilidade de se determinar com nitidez o instante primeiro que desencadeou o processo e o momento de seu ponto final. É um processo contínuo, em que regressão e o e progressão infinitas são inegáveis. Essa visão foge da busca ingênua pela origem da obra e relativiza a noção de conclusão (SALLES, 2011, p.26)

A performance que realizamos juntas partiu dos anseios que possuíamos enquanto mulheres, das opressões que sofremos em nosso dia a dia e dos debates que realizamos em sala de aula. Não há um dia específico que nos encaminhou para esse momento, assim como não há também, um final para o processo realizado. De certo não estamos mais juntas construindo, mas as reflexões e sentimentos que tivemos ao longo desse tempo caminhando, permeiam nosso ser e de alguma forma mudaram nossa visão sobre as dores das outras e de como nos enxergamos.

Sobre o encontro com a performance



Das performances que conhecemos no início das aulas, a que mais me chamou atenção foi a "Bombril", da Priscila Rezende (que veremos nas próximas páginas). Ver as mulheres andando no meio da rua, sentarem e começarem a esfregar os seus cabelos nas panelas foi algo que me fez pensar no tanto de falas preconceituosas que mulheres pretas ouvem durante as suas vidas e como a gente às vezes fala coisas desse tipo como se fosse brincadeira, mas não é. (MARIA LUA, estudante-artista participante da pesquisa)

Nós já havíamos feito peças em sala de aula com temas das opressões no oitavo ano, mas eu nunca tinha ouvido falar de performance, ou se ouvi, não sabia direito o que era. Quando fomos assistindo e lendo sobre algumas performances, eu achei muito massa a artista se permitir, confiar, ver até onde vai seu limite, isso me deixou com uma pulguinha atrás da orelha como se eu quisesse saber como é. (MARIA FLOR, estudante-artista participante da pesquisa)



A gente conversou na sala de aula que a performance fala sobre assuntos importantes para nós, que tenham a ver com nossa vida. Acho que se fosse fazer uma performance seria sobre as dificuldades de viver bem hoje em dia, ter saúde mental com tanta coisas ruim acontecendo todo dia. (MARIA LOBO, estudante-artista participante da pesquisa)

A performance em sala de aula

Atualmente, têm crescido no espaço acadêmico o estudo da performance e os conceitos de pedagogia da performance e professor-performer. Com isso, muitas pesquisadoras se dedicam a trabalhar a linguagem da performance em sala de aula, sobretudo nas escolas públicas.

A performance é uma linguagem artística que tem seu início por volta da década de 1970, apresentando-se como uma nova linguagem que buscava a quebra de paradigmas, novas formas de pensar e fazer arte, valorizando o produto, mas sobretudo, o processo vivenciado pelos performers (ICLE, 2017).

A performance tem sua intersecção com a educação a medida que estas educadoras que também são performers adentram o espaço escolar da sala de aula e veem esse espaço também como um espaço artístico, de criação e fruição. Naira Ciotti (2013) diz que:

> O professor-performer, caracterizado nesse momento, propõe uma pedagogia sobre questões da arte contemporânea na qual a performance se inscreve. Consequentemente, em nossas escolas tão precárias em termos de material para sensibilização dos alunos, o professor de arte que tem essa maneira alternativa de ensinar pode conseguir resultados

> valiosos para provocar mudanças na percepção dos alunos (CIOTTI, 2013, p. 120).

Durante a pesquisa que aqui relato, pude experienciar em sala de aula o que a Naira nos fala. De fato, a performance é uma importante aliada dentro deste ambiente, a partir dela, conseguimos alcançar lugares que possivelmente uma aula tradicional não alcançaria. O poder transformador que a performance traz é capaz de sensibilizar, comunicar e transformar.

A performance está atrelada aos corpos e, como conversamos anteriormente, esses corpos sofrem com as opressões e restrições cotidianamente nos espaços escolares, a performance está também neste lugar de desestabilizar o espaço, de modificá-lo a partir do corpo e romper com as sequências que nos são impostas. O corpo na ação performática é chamado a movimentar-se.

Nas próximas páginas, apresentarei para você, querida leitora, a ideia da performance realizada junto às estudantes-artistas tendo como ponto de partida a temática do gênero e inseguranças vivenciadas por elas.

Vamos lá?

Os caminhos para a performance "O que eu carrego comigo?"

A partir das conversas que tivemos em sala de aula, dos trabalhos desenvolvidos a respeito das opressões que vivenciamos em nosso dia a dia, surgiu a proposta de realizar na escola uma ação artística. Nesse momento, apresentei pra as estudantes-artistas a ideia de realizarmos uma performance, como esse era um assunto que ainda não havíamos abordado em sala, haja vista que o mesmo estava previsto para o 4º bimestre, precisamos adiantar os planos.

Na aula seguinte, levei para as estudantes-artistas o texto da Eleonora Fabião "Performance e teatro e performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea", que me fora apresentado no componente Performance e Gênero. Juntas, nós lemos e discutimos o inicio do texto no qual Eleonora nos apresenta "17 histórias de performances ou 17 cenas verbais" e os outros dois tópicos "Se 'corpo' é tema e é meio, faz-se necessário perguntar: o que é corpo?" e "Uma frase: uma frase solta: uma frase nem tão solta assim: uma frase-pipa".

Por nosso tempo ser resumido, não nos atemos ao texto completo, mas a fragmentos deste que nos ajudaram a compreender a ação performativa. Após a leitura e discussão dos textos, apresentei para elas algumas performers femininas e suas obras. Sendo elas:





ALINE LUPPI GROSSI, SOUL DESSAS/ BEIJA EU.

Investiga as existências das corporeidades gordas e as relações em social por meio da performance. Entendendo a performance como modo de existência, diariamente sendo arte, atrito. Ser em constante transformação dos espaços cotidianos, provocadora de olhares e afetos que encontrou na performance uma forma de transbordar as inquietações desse corpo político.

https://alineluppigrossi.wixsite.com



TANIA ALICE, ENSINA-ME A FAZER ARTE.

ENSINE-ME A FAZER ARTE consiste em uma intervenção na rua, em escola ou empresa, seguida de um espetáculo de teatro participativo para o espaço teatral tradicional ou alternativo, destinado ao público em geral. Na primeira parte do trabalho, a artista permanece durante duas horas com duas cadeiras e o cartaz "ENSINE-ME A FAZER ARTE" em algum espaço da cidade ou no local onde o espetáculo é realizado (escola, empresa...), convidando os transeuntes a sentar para responder à pergunta "O que um artista deve fazer hoje?". Na segunda parte, as

as respostas recolhidas na rua são elaboradas cenicamente e acrescentadas à outras respostas coletadas em várias cidades de diversos países e continentes, configurando o espetáculo performativo “Ensine-me a fazer arte” (duração: 1h30).

http://taniaalice.com



ANA TEIXEIRA, ESCUTO HISTÓRIAS DE AMOR.

Ação realizada em espaços públicos de vários países, entre os quais, Alemanha, Itália, Espanha, França, Chile, Canadá, Brasil, Portugal e Dinamarca.

Sentada ao lado de um cartaz que anunciava, no idioma local, o título da ação, a performer tricotava uma lã vermelha, enquanto esperava pessoas que quisessem me contar uma história. Uma câmera, ao longe, registrava a ação. Em alguns lugares, ninguém falou coma artista; em outros, diversas histórias foram compartilhadas. A videoinstalação conta com um som único, editado com vozes em diferentes idiomas e outros ruídos cotidianos dos espaços públicos. Inaudíveis, as histórias de amor permanecem guardadas no barulho das ruas e na trama do tricô vermelho.

http://anateixeira.com



PRISCILA REZENDE,

BOMBRIL.

Na performance Bombril, realizada originalmente no ano de 2010, por um período de aproximadamente 1 hora, a artista esfrega uma determinada quantidade de objetos de material metálico, e usualmente de origem doméstica, com seus próprios cabelos. Bombril, além de uma conhecida marca de produtos para limpeza e de uso doméstico, faz parte de uma extensa lista de apelidos pejorativos, utilizados em nossa sociedade para se referir à uma característica do indivíduo negro, o cabelo.

http://priscilarezendeart.com



MARINA ABRAMOVIC,

CASA COM VISTA

PARA O MAR.

A IDEIA

Essa performance nasce do meu desejo de ver se é possível usar a simples disciplina diária, regras e restrições para me purificar. Posso transformar meu campo em energia? É possível para este campo de energia transformar transformar o campo de energia do público?

CONDIÇÕES PARA A INSTALAÇÃO VIVA: ARTISTA

Duração do trabalho: 12 dias
Comida: sem comida
Água: grandes quantidades de água mineral pura
Falar: sem falar
Cantar: possível mas imprevisível
Escrever: sem escrever
Ler: sem ler
Dormir: 7 horas
Ficar em pé: ilimitado
Sentar: ilimitado
Deitar: ilimitado
Banho: 3 vezes ao dia

CONDIÇÕES PARA A INSTALAÇÃO VIVA: PÚBLICO

Usar o telescópio, permanecer em silêncio e estabelecer diálogo de energia com a artista.

(BERSTEIN, 2013, p. 132)



Após conhecermos as performers e obras citadas, passamos a nos perguntar sobre o que gostaríamos de falar, quais assuntos mexem com nós enquanto mulheres e sentimos necessidade de colocarmos em foco por meio de nossos corpos? Combinamos de formar um grupo de trabalho, com estudantes-artistas das diferentes turmas dos 9º anos, àquelas que se sentissem a vontade de performar, deveriam reunir-se para fecharmos como se daria a nossa ação performática.

16 de setembro de 2022

Nosso primeiro encontro fora da sala de aula (no refeitório) para conversarmos sobre a performance que iríamos realizar. Fechamos o coletivo em seis estudantes-artistas, sendo elas:

Maria Flor, Maria Luz, Maria Concha, Maria Lobo, Maria Lua e Maria Cor.

Durante nosso momento juntas relembramos um pouco do que fizemos no ano passado ao estudarmos sobre o Teatro do Oprimido, dos trabalhos sobre as opressões que sofremos e vivenciamos. Nossas Marias começaram a expor um pouco das opressões que sofriam, das dificuldades de ser Maria, do que de fato falava com cada uma. Nesse momento, decidimos que para cada Maria, haveria um peso, alguma coisa que as faziam sofrer, que lhes tirava a liberdade. Cada uma foi para casa com a proposta de refletir sobre o que gostaria de falar.

Maria Cor não pôde nos acompanhar no pós performance, pois precisou se ausentar da escola durante uns dias para cuidar da saúde, por esse motivo, ela não aparece nos comentários anteriores.

16 de setembro de 2022

Nosso segundo encontro para definirmos a performance. Nos encontramos desta vez no jardim da escola. Neste mesmo dia, dois meninos colegas da turma, pediram para se juntar à nos, conversamos em coletivo e definimos que tudo bem a participação deles. Fechamos aqui a temática que cada uma iria trazer. Surgiram então:

Insuficiência, transfobia, transtornos alimentares, abuso, dependência emocional, luto, brigas na família, preconceito.

19 de setembro de 2022

Nos reunimos neste dia para fechar como se daria a ação performática, decidimos que cada estudante-artista iria caminhar pela escola carregando uma pedra que simbolizaria a dificuldade que esta enfrentava, o peso que carregava. As meninas sugeriram que escrevêssemos em seus corpos palavras que simbolizassem esse peso. Decidimos a data que se daria a nossa ação performática, dia 22 de setembro de 2022 :)

20 de setembro de 2022

Neste dia, tive uma conversa com a pedagogia da escola para informar o que iríamos realizar no dia 22 de setembro de 2022, expliquei como se daria a performance, como as meninas estariam vestidas e como elas iriam transitar pelo espaço escolar. Pediram para eu que transcrevesse as informações em forma de um mini projeto e enviasse para ciência da coordenação, mas de antemão, informaram que não haveria nenhum problema em realizarmos nossa ação performática. (O projeto encaminhado encontra-se na sessão de anexos, p. 232 à 234).

21 de setembro de 2022

Junto à alguns estudantes, saímos pelo jardim da escola para procurar pedras que seriam utilizadas na performance.






22 de setembro de 2022

Dia da nossa performance.

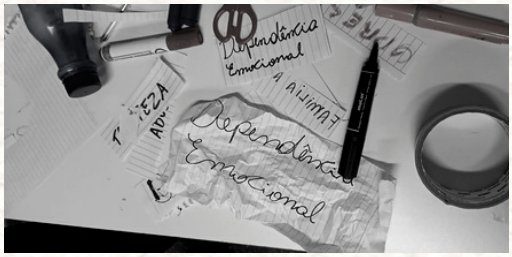
A aula começa às 13h e nesse dia cheguei na escola por volta das 12:30h para começarmos a organizar, nos reunimos na sala do 9º ano 4 e conversei com o restante da turma explicando o que iria acontecer. Dividimos algumas tarefas, como registrar a performance, acompanhar as estudantes artistas e estar presente nos dois momentos em que aconteceriam nossa ação performática.

Na escola há dois intervalos, o primeiro para as turmas do pavilhão 01, que compreendem estudantes dos 6° e 7° anos. O segundo intervalo, do pavilhão 02 acontece 48 minutos depois e dele participam as turmas dos 8° e 9° anos.

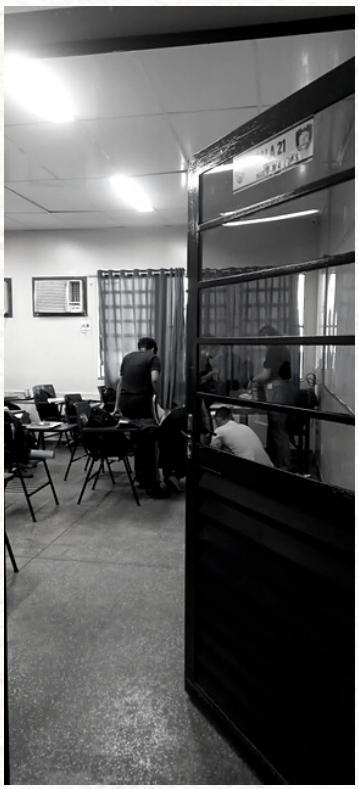
Combinamos de fazer a performance durante estes dois intervalos e transitar pela área do refeitório, quadra e área externa onde as

estudantes costumam ficar socializando neste tempo. Foi pedido que cada estudante escolhesse a pedra que iria carregar durante a performance e escrevessem nelas palavras que tinham a ver com o que cada uma iria tratar.

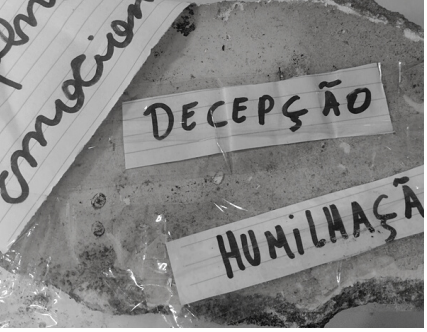


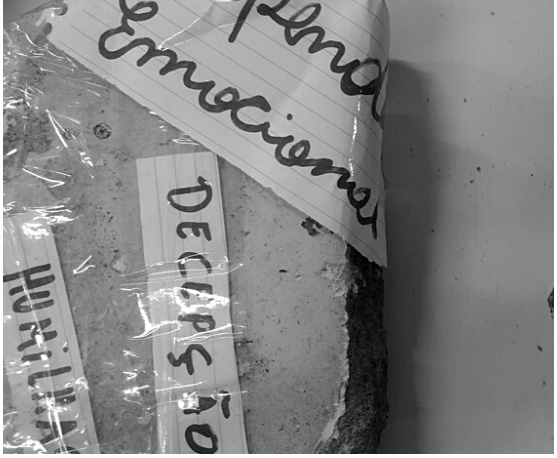




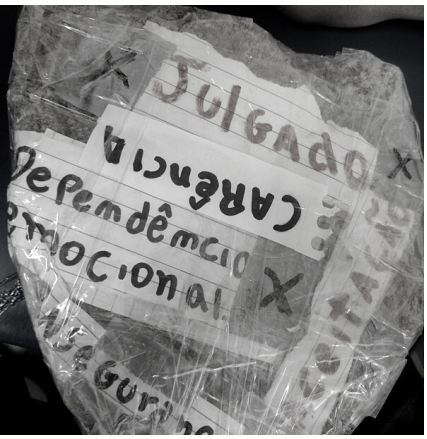


Após a escolha da pedra e a composição desta com palavras e frases, as estudantes-artistas se reuniram no banheiro feminino para se vestirem e maquiarem. Nesse momento, dois estudantes do 9º ano 4 perguntaram se poderiam participar também, nós concordamos que sim. No banheiro feminino, umas ajudavam as outras, elas trocavam ideias do que poderiam escrever em seus corpos, em como o figurino ficaria melhor, foi bonito ver a união delas. A cima, deixei o QR Code de um compilado de vídeos deste momento e nas próximas páginas há registros fotográficos da preparação para a performance.


DECEPÇÃO
HUMILHAÇÃ

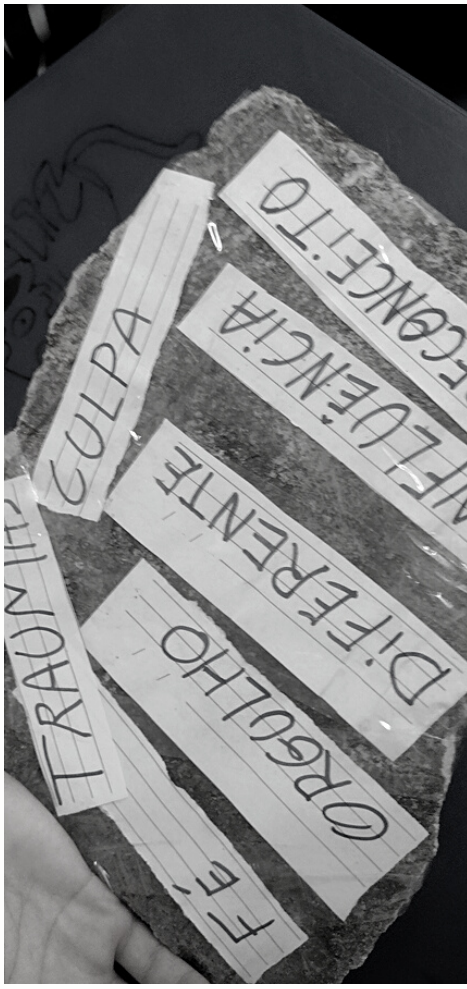



ABUSO
ESTUPR

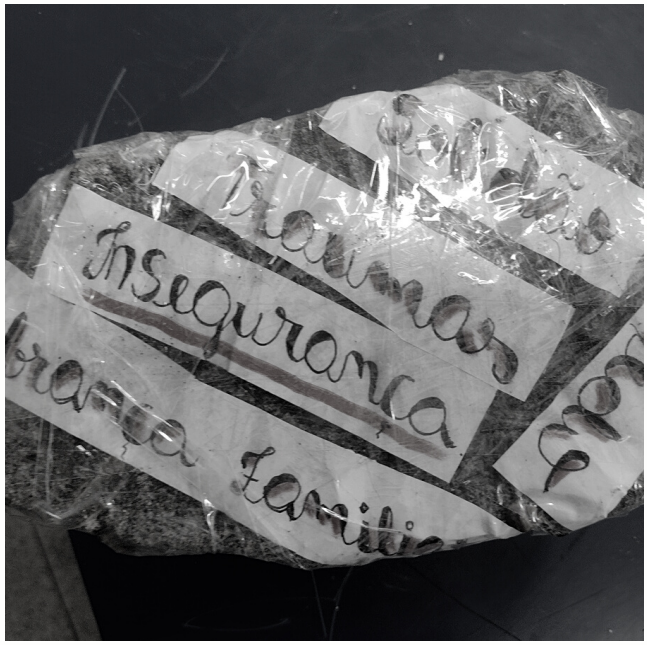

JULGADO
CARÊNCIA
DEPENDÊNCIA
EMOCIONAL

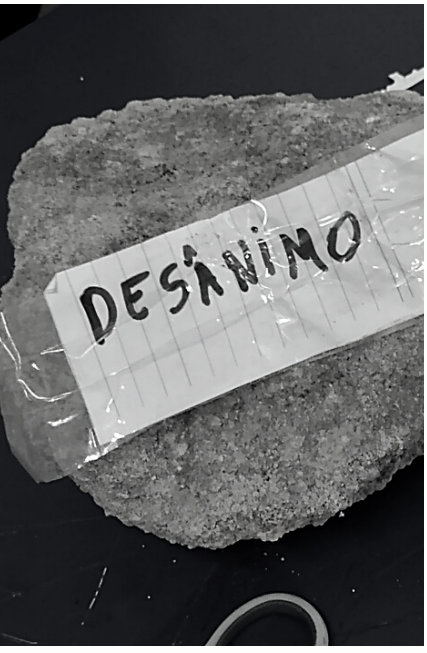


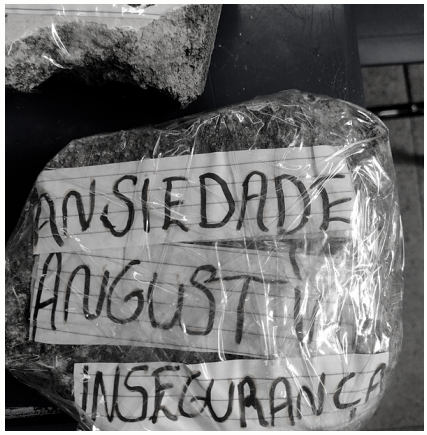

RELACIONCEITO
FAMILIA

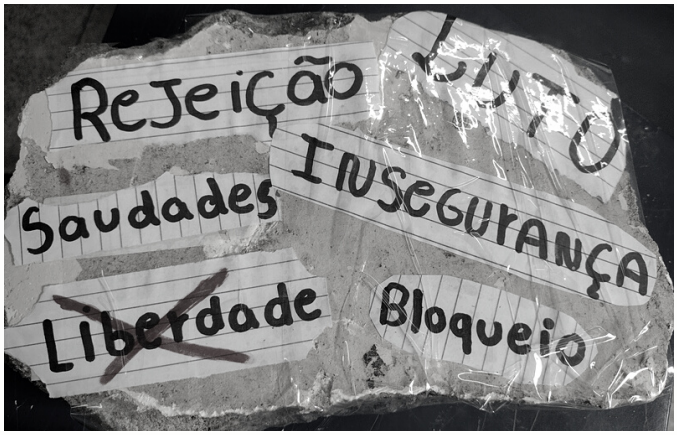

CONCEITO
INFLUÊNCIA
DIFERENTE
CONSELHO
FÉ
CULPA
TRAUMA


ANGÚSTIA
Desgosto
Saudade
Amargura
INDECISÃO
Desespero

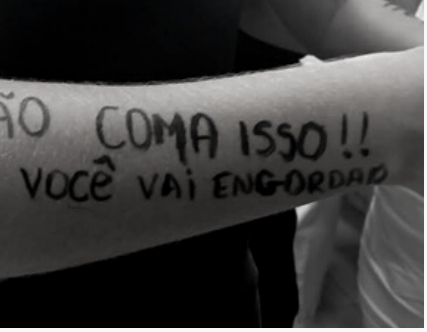

Insegurança


DESÂNIMO


ANSIEDADE
ANGUSTI
INSEGURANÇA


Rejeição
LUTO
Saudades
INSEGURANÇA
Liberdade
Bloqueio




ÃO COMA ISSO!!
VOCÊ VAI ENGORDAR

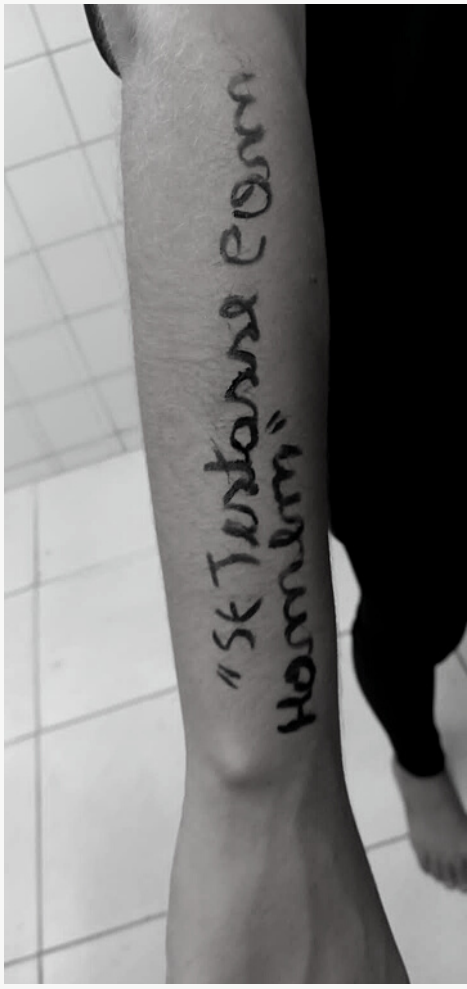

NÃO COMA!!


PRECISO
VOMITAR

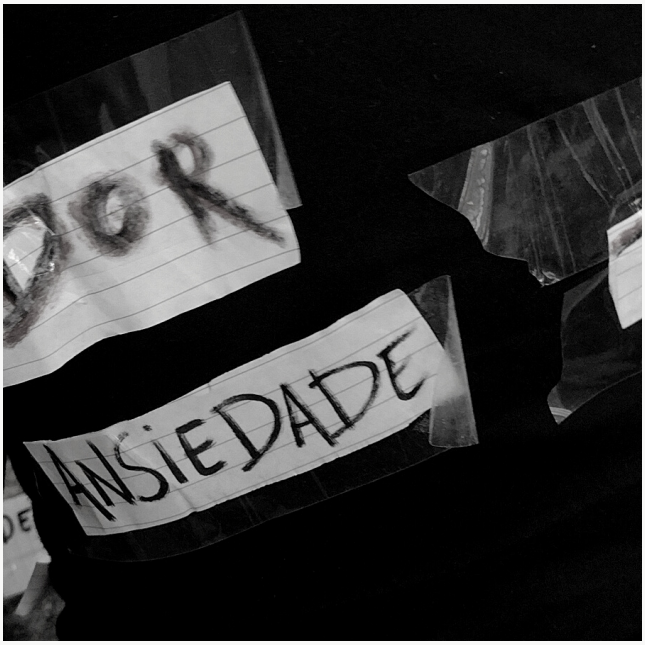

SER
PERFEITA

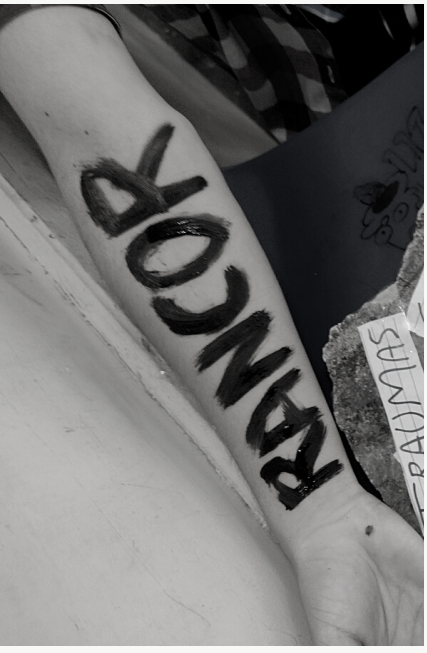

PUF

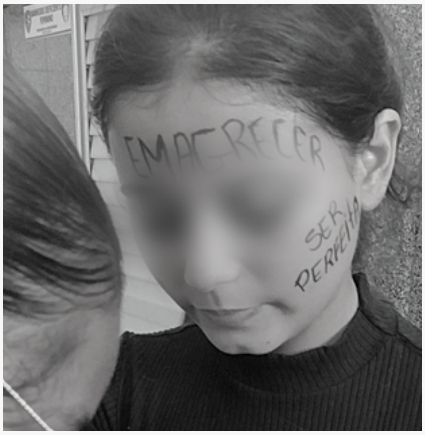

Fiufiu


"Se Juntarmos a nossa "


GORDA!!


DOR
ANSIEDADE


RANCOR
TRAUMAS


EMAGRECER
SER
PERFEITA


TRAUMAS


~~ETICIA~~

Após as estudantes-artistas e os estudantes-artistas se arrumarem, nos reunimos na sala de aula para darmos alguns encaminhamentos de como se daria nossa ação performática e aguardarmos a campa bater para o primeiro intervalo. Enquanto isso, nossas performers estavam se concentrando.

Antes de iniciarmos, disse a elas que aproveitassem o momento, que transitassem pelo espaço da escola e fizessem o que sentissem vontade, se quisesse falar com as demais estudantes, poderiam falar, se quisesse somente caminhar caladas, não havia problemas.

A campa bateu às 14:36h e saímos do segundo pavilhão em direção a área externa próximo da quadra e ao refeitório. Você pode acompanhar um pouco do que foi nossa performance no vídeo abaixo :)

Algumas estudantes-artistas, buscando se sentir mais seguras durante a performance, optaram por andar juntas, umas em dupla, em trio ou quarteto. De início percebemos que foi difícil manter a seriedade, haviam muitas risadas, conversas, mas aos poucos elas foram se encontrando neste espaço.

Quando assistimos aos vídeos, notamos que algumas tinham um texto pronto que falavam para o público, como uma forma de se apresentar e apresentar seu peso, sua dor. Abaixo trago algumas dessas falas:

"Eu mandei mensagem pra ele e ele como sempre só visualizou, eu falei que eu amava ele, eu preciso dele 'pra' viver. O que eu faço?"

"Vocês acreditam que me impediram de comer de novo aquela comida que eu gostava? Minha mãe falou que eu ia engordar e que homem não gosta de mulher gorda".

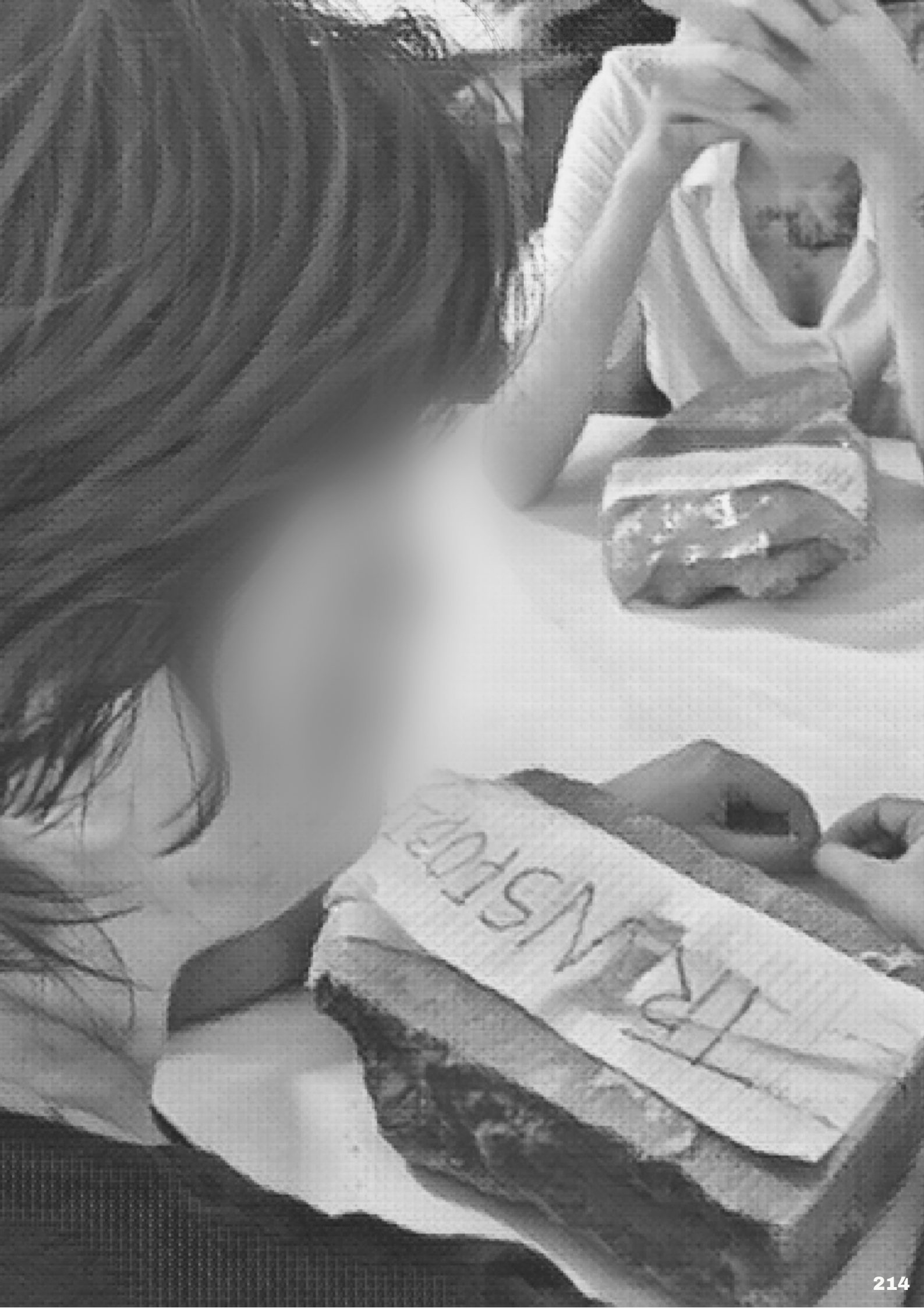
"Eu preciso emagrecer, 45kg não é o suficiente".

"Eu só quero respeito, só respeito".

"Meu nome é Rafael, eu mereço ser considerado um menino porque eu sou um menino".

"A minha faixa etária de vida é de 26 anos. Isso é respeito 'pra' vocês?".




TRANSFOR







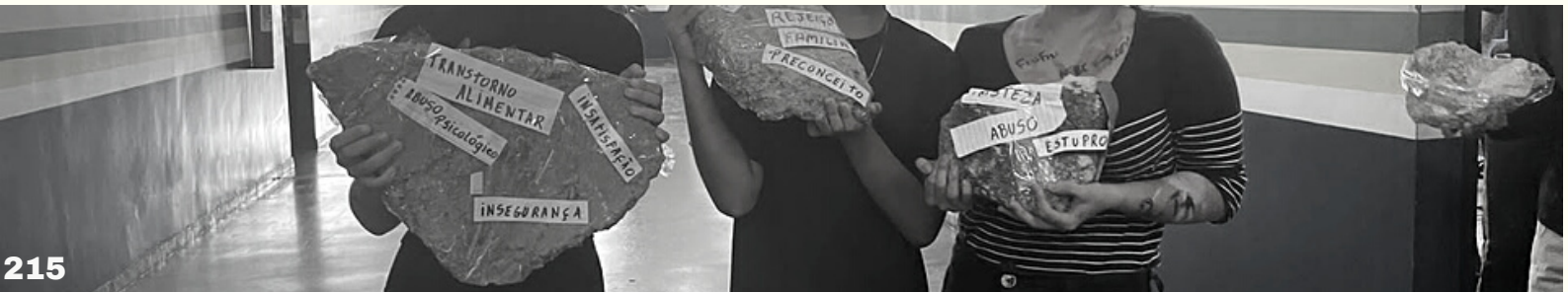

DECEPÇÃO
HUMILHAÇÃO


EMAGRECER

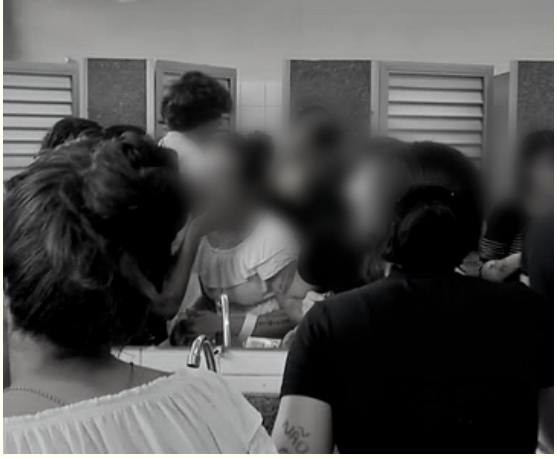







TRANSTORNO ALIMENTAR
ABUSO PSICOLÓGICO
INSATISFAÇÃO
INSEGURANÇA
REJEIÇÃO FAMILIAR
PRECONCEITO
ABUSO
ESTUPRO


Opressões
Emocional

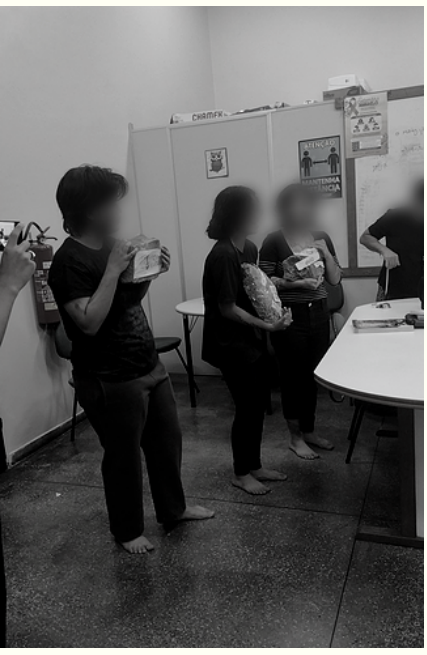




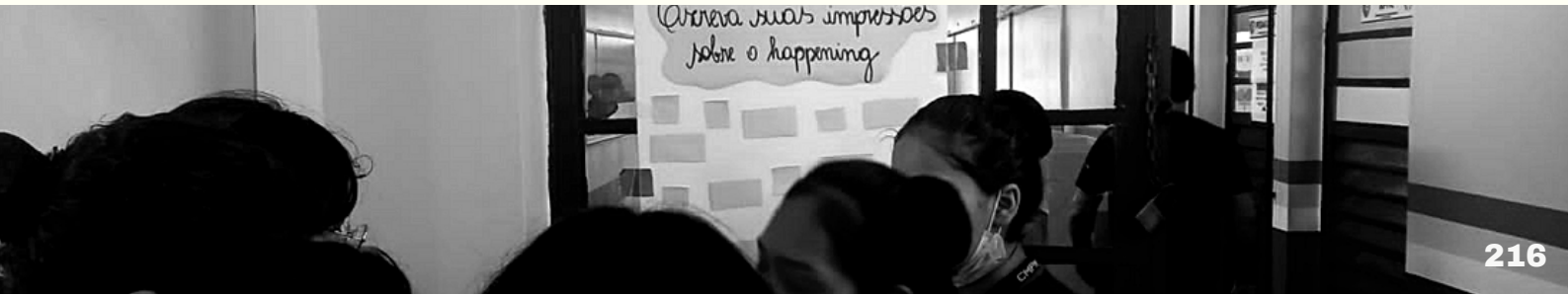

SOLIDÃO








TURMA
2021


Escreva suas impressões
sobre o happening


SOLIDÃO

Nossa performance aconteceu como previsto durante os dois intervalos do turno vespertino. Ao final do segundo intervalo, as estudantes-artistas reuniram-se na mesa do refeitório e enquanto comiam seu lanche, conversavam sobre o que havia acontecido e começaram a criar o início de uma cena onde todas estavam numa espécie de terapia e partilhavam suas histórias. Havia ali muito potencial criativo e o início de quem sabe uma peça teatral delas falando sobre elas mesmas. Infelizmente, nosso tempo foi curto e não conseguimos aprofundar a ideia. Você pode acompanhar um pouco do que foi esse momento a partir do QR Code abaixo.

Finalizada a nossa proposta performativa, retornamos para a sala do 9º ano 4 e nos reunimos numa grande roda para partilharmos nossas impressões e sensações. Este foi um momento muito especial para a turma, pois a mesma se olhou de maneira mais íntima. As estudantes e os estudantes ali presentes partilharam suas histórias, suas angústias, dores e alegrias. Conhecer a história da outra e permitir que a outra também conheça a sua história fortaleceu muito os laços e serviu como uma espécie de suporte em que uma pôde perceber que tinha a outra ali ao seu lado.

De fato, experienciar a performance em sala de aula com as estudantes e possibilitar a elas espaço de criação artística foi um dos momentos mais marcantes para mim enquanto arte-educadora. Vê-las propor ideias, criarem juntas e se permitirem me fez perceber a riqueza que a performance traz para nossas práticas docentes dentro da escola. Icle (2017) comenta que:

> A interseção da performance com a educação nos possibilita pensar para além daquilo que tem sido tematizado como fracasso ou sucesso escolar, sugerindo uma forma de organização pautada pela experiência coletiva (ICLE, 2017, p. 01).

Eu sempre acreditei na escola como esse lugar de experimento, onde eu penso também na prática, na qual eu aprendo praticando. Infelizmente, durante meu ensino básico não tive oportunidades para tal, mas, ver hoje em dia a possibilidade que tenho de levar esses momentos para minhas estudantes faz muita diferença. Como professora e artista, é nesse momento que me encontro, momento em que minha prática artística casa com a prática docente e eu vejo que estou em um caminho que me faz ser uma arte-educadora melhor.

Isso também é perceptível pelas estudantes que se sentem à vontade para experienciar. Levar práticas diferenciadas e significativas para a sala de aula deveria ser o objetivo de todo professor, sobretudo de nós, arte-educadores. Em Por uma pedagogia performativa (2017), Icle nos fala dessa importante interação entre professores e estudantes para a prática performática.

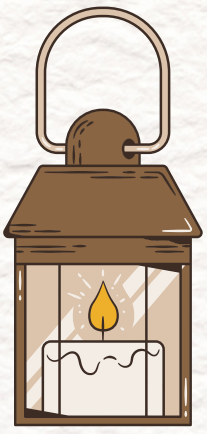
> Participar de momentos de ensino-criação, em que professores e estudantes se colocam como performers, trabalhando colaborativamente, pode gerar o momento de suspensão em que o tempo-espaço escolar é reinventado a partir da subjetividade e da ação dos participantes (ICLE, 2017, p. 24).

Em nossa performance realizada na escola, pudemos perceber essa suspensão de tempo-espaço escolar que Icle comenta. Um simples transitar de maneira diferente do comum pelos espaços escolares já causa um grande impacto naquele lugar. Recordo aqui uma situação que tivemos durante o preparo para performance, enquanto as estudantes se arrumavam no banheiro feminino, um estudante foi até lá para que elas o ajudassem a maquiar e escrever algumas palavras em seu corpo. Acontece que a presença de meninos no banheiro feminino não é

permitida e uma das policiais percebeu sua presença e já estava o encaminhando para o setor responsável pelas advertências quando fui até lá e expliquei o que estava acontecendo. Mesmo com toda minha explicação ainda houve resistência e a solicitação de que ele não entrasse mais no banheiro feminino.

Nossas escolas não são preparadas para a performance, para o que modifica a estrutura diária daquele ambiente. Isso é motivo para deixarmos de fazer performance? De maneira nenhuma. É nessas rupturas de padrões de senta, levanta, bate continência, arruma o uniforme, coloca a boina, entre tantas outras regras que nossas estudantes têm já impregnadas em seus corpos, que vamos encontrando meios de habitar nesse espaço de maneira singular.

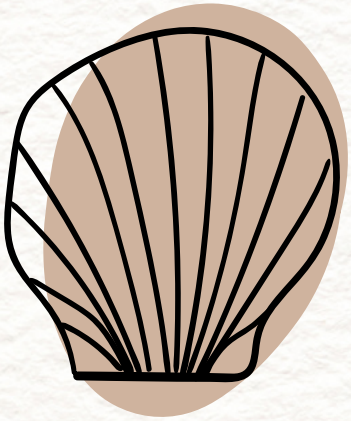
Sobre a experiência de ser estudante-artista-performer



Eu nunca tinha feito nada parecido com isso e não costumo me expor muito, ainda mais na escola. Quando a professora nos chamou e explicou o que a gente mais ou menos iria fazer, eu e as meninas topamos porque é uma disciplina que gostamos e gostamos também das performances que conhecemos. No início eu não tinha ideia de que seria lago forte, que eu ia me sentir a vontade para falar de coisas que são minhas, que me acompanham todos os dias e me magoam.

Eu me senti a vontade ali com as meninas e os meninos que depois se juntaram a gente, meio que era um personagem, mas era eu. (MARIA LUZ, estudante-artista participante da pesquisa)

A performance 'O que eu carrego comigo' foi muito bacana de participar, ver como as outras pessoas da escola reagiam vendo a gente passar pelos corredores daquele jeito. Eu realmente me entreguei, escrevi coisas no meu corpo que me pesam mesmo, toda essa carga que a sociedade, a família joga na gente. Eu hoje sofro com isso, mas ninguém sabia, poder partilhar assim acho que me fez bem . (MARIA CONCHA, estudante-artista participante da pesquisa)





A performance mexeu muito comigo, no geral não sou de aparecer muito e quando falamos sobre os pesos que carregamos foi mais forte ainda. Eu não consegui fazer tudo porque de verdade mexeu comigo, me pesou. O momento que tivemos depois, na hora de avaliar a performance me ajudou a melhorar, como se a gente naquele momento criasse um laço forte e se ajudasse. (MARIA LUA, estudante-artista participante da pesquisa)

Acessando o QR Code ao lado, você encontra o depoimento de um dos estudantes que realizaram a performance junto conosco :)

Gostei muito de participar da performance que fizemos e achei super importante, ainda mais no mês que fizemos, em setembro por causa da reflexão que esse momento traz sobre a saúde mental. Não tinha tido nada em relação a essa data e eu acho importante que alguma coisa seja feita porque não são um, nem dois colegas que conheço, que sofrem com transtornos de ansiedade, com depressão e outros. Ter espaço para falar sobre isso é importante e ajuda a gente a enxergar que não estamos sozinhas. (MARIA FLOR, estudante-artista participante da pesquisa)



A parte depois da performance me deixou muito emotiva. A gente já tinha feito tudo e nos reunimos me nossa sala para conversar sobre o que a gente tinha sentido e pensado. Acabou que virou uma grande sessão de terapia e nós pudemos abrir nossos coração naquela roda, coisa que a gente nunca tinha feito, porque assim, a gente estuda junto, mas não é com todo mundo que temos intimidade. Poder ouvir os colgas mais distantes, os mais calados foi bem legal. Eu me senti bem de contar minha história, senti que estava sendo ouvida. (MARIA LOBO, estudante-artista participante da pesquisa)

Chagamos ao fim do nosso último capítulo, querida leitora. Espero de coração que você tenha gostado do nosso caminhar juntas. Hoje, dia 15 de março de 2023 eu me percebo muito diferente da Aline que falava com você lá na página 10, sem saber bem por onde começar. Essa pesquisa de fato me mudou em vários aspectos da minha vida e a experiência que vivenciei junto às minhas estudante me ajudou a repensar práticas dentro e fora da sala de aula. Ainda temos alguns momentos juntas nas próximas páginas, mas desde agora agradeço a companhia :)



chegamos até aqui

> Celebro um ensino que permita as transgressões – um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação na prática da liberdade (bell hooks, 2017, 24).

Esta foi a continuidade de uma luta em favor de um ensino de arte que verdadeiramente seja libertador, que transgrida e permita às estudantes contato com práticas artísticas que as tornem mais críticas e conscientes de si e de sua presença neste mundo. Essa luta vai continuar com pesquisas e ações futuras junto às minhas estudantes, em sala de aula, lugar onde a transformação começa.

Durante esses dois anos desenvolvendo esta pesquisa de mestrado que você acompanhou, tive alguns encontros e desencontros. Tanto eu enquanto arte-educadora, quanto a pesquisa, passamos por transformações que me fizeram chegar até esse momento. O que teve início a partir da proposta de experienciar o Teatro do Oprimido em sala de aula tomou outros caminhos até se encontrar com a Performance e na Performance.



Junto às minhas estudantes-artistas eu pude ver na prática as transformações que ocorreram em sala de aula, nas vidas delas e na minha própria vida de professora e artista. Vi minhas estudantes mais reflexivas, tendo mais protagonismo sobre si e suas escolhas. Conseguimos juntas levantar questionamentos em sala de aula e no ambiente escolar como um todo a respeito de diversas temáticas que nos atingem, como por exemplo o racismo, a violência de gênero, a homofobia, a gordofobia, entre outros.

Hoje eu enxergo que dentre as várias tarefas que se entranham na nossa função de educadora, está a de contribuir para a formação social de nossas estudantes, em auxiliá-las na construção de suas personas mostrando a estas que apesar de hoje vivermos em uma sociedade que nem sempre é acolhedora e justa, é possível modificarmos ela aos poucos por meio de nossas ações.

Encontrei no Teatro do Oprimido e na Performance a possibilidade de levar para a sala de aula assuntos que diferem das propostas curriculares tradicionais que se preocupam muito mais com o quantitativo de conteúdos ministrados do que com a formação dessas jovens que acompanhamos dia a dia.

O gênero, presente nas discussões e construções artísticas durante toda a pesquisa mostrou-se uma importante temática a ser trabalhada com nossas jovens já que o ambiente em que elas estão inseridas, o escolar, é um forte espaço de construção de identidades de gêneros, em que elas se descobrem, se relacionam e trocam experiências que as fazem entender-se melhor.



O Teatro do Oprimido proporciona esse lugar no qual todas podem atuar, no qual a voz de todas é ouvida e levada em consideração. A Performance nos traz o espaço de criação artística a partir de nossos projetos poéticos, daquilo que fala com a gente.

Querida leitora, essa é uma junção poderosíssima em sala de aula. Nossas estudantes têm sede de ser ouvidas e vistas. Em minha trajetória enquanto arte-educadora é isso que pretendo continuar buscando, criar espaços seguros nos quais elas se sintam acolhidas e livres que para serem elas.

Hoje, me vejo continuando a realizar pesquisas em sala de aula tendo a Performance como base para discussões acerca da violência de gênero, contribuindo para que minhas estudantes tenham cada vez mais consciência do potencial que cada uma traz e que a partir das reflexões que realizamos em coletivo e das propostas que trazemos, podemos ir modificando aos poucos o ambiente em que vivemos, tornando-o mais acolhedor para com as diferenças e justo para as mulheres que terão suas vozes ouvidas, suas falas e corpos respeitados, como deve ser.

Constantemente me questionava e cobrava acerca da minha vida enquanto artista, que precisava estar mais inserida nesses espaços de criação, envolvida em espetáculos artísticos, mas nunca havia percebido de fato que a sala de aula também é meu ambiente de criação artística, que quando questiono, instigo e acompanho minhas estudantes em suas criações, também estou criando junto à elas. É justamente nesse espaço onde mais me sinto à vontade e no qual quero continuar a realizar minhas práticas e experimentos artísticos-performáticos.



O conceito de Professor-performer trazido por Icle (2017) me encontrou e é nele que pretendo continuar minhas práticas artísticas-pedagógicas, na possibilidade de criar esses espaços de interação entre minhas estudantes e eu para que juntas possamos pensar possibilidades de transformação.

É nessa educação que acredito, é esse ensino que me encanta e me faz buscar continuar sendo na vida das minhas estudantes essa educadora que instiga, busca dar voz, cria espaços para que estas possam refletir sobre suas vivências e a partir delas criar experimentos artísticos nos quais elas possam expor suas identidades e contar suas próprias histórias.

das fontes que bebi

ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. - 9ed.- Campinas, SP: Papirus, 2012.

_____. **A Alegria de Ensinar**. - 3ed.- Campinas, SP: ARS Poética Editora LTDA.

André, C. M.. (2017). **O QUE PODE A PERFORMANCE NA ESCOLA?**. Cadernos CEDES, 37(Cad. CEDES, 2017 37(101)). https://doi.org/10.1590/CC0101-32622017168671.

ASSUFRGS. **Escolas federais custam menos e têm desempenho superior que colégios militares.** Disponível em: https://www.assufrgs.org.br/2019/02/19/escolas-federais-custam-menos-e-tem-desempenho-superior-quecolegios-militares/. Acesso em: 18/07/2022.

BENEVIDES, Alessandra de Araújo; SOARES, Ricardo Brito. **Diferencial de desempenho das escolas militares: bons alunos ou boa escola?** 2015. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/documents/160445/960917/DIFERENCIAL_DE_DESEMPENHO_DAS_ESCOLAS_MILITARES.pdf/7ae9ef81-9687-46cb-b501-766ccef1cba2. Acesso em: 18 de julho de 2022.

BERSTEIN, Ana. **A casa com vista para o Mar de Marina Abramovi** c-Entrevista a Ana Berstein. Sala Preta, v. 3, p. 132-140, 2003.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido:** e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. **A Estética do Oprimido:** reflexões errantes sobre o pensamento do ponto de vista estético e não científico. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

_____. **Jogos para atores e não-atores.** 10ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2007.

BONATTO, Mônica Torres; ICLE, Gilberto. **Entre ensinar performance e ensinar teatro:** possibilidades para a educação escolarizada. Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003.

BRASIL. Decreto n.10.004 de 5 de setembro de 2019. Institui o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-022/2019/decreto/D10004.htm. Acesso em: 18 de julho de 2022.

BRIGHENTE, Mirian Furlan; MESQUITA, Peri. **Michel Foucault:** corpos dóceis e disciplinados nas instituições escolares. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação. Curitiba, PUC-PR, 2011.

CHAGAS, Debora Frota; LEITE, Raimundo Hélio. **Arte educação em escolas de educação militar:** poéticas de criação a partir da resistência e da desobediência. In: CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL, 26. 14-18 nov. 2016, Roraima (RR). Anais... Roraima (RR): UFFR, 2016. p.195-205.

CHAGAS, Debora Frota; LEITE, Raimundo Hélio. **Poéticas da aprendizagem em arte no Colégio da Polícia Militar do Ceará:** uma experiência triangular nos processos de criação e suas avaliações. In: CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL, 26., 14-18 nov. 2016, Roraima (RR). Anais... Roraima (RR): UFFR, 2016. p.1069-1079.

CHAGAS, Debora Frota et al. **4 passos para alçar voos:** Tecendo juventude, educação, arte e cultura de paz. Revista Iacá: artes da cena, v. 3, n. 2 (2020). DOI: http://dx.doi.org/10.18468/iaca.2020v3n2.p202-214. Disponível em: https://periodicos.unifap.br/index.php/iaca/article/view/5278/2553 Acesso em 27 jul. 2021.

CHAGAS, Debora Frota; FONTENELE, Jeísa Rodrigues. **Diário de bordo:** escritas poéticas de narrativas cotidianas. Revista Iacá: artes da cena, v. 3, n. 1 (2020). DOI: http://dx.doi.org/10.18468/iaca.2020v3n1.p205-216. Disponível em: https://periodicos.unifap.br/index.php/iaca/article/view/5278. Acesso em 27 jul. 2021.

CIOTTI, Naira. **O mestiço professor-performer.** Rebento, n. 4, 2013.

DA SILVA, Gabriela Tunes. **MILITARIZAÇÃO DAS ESCOLAS PÚBLICAS:** Análise do Desempenho Escolar, Disciplina, Segurança e Aspectos Legais. Abril, 2019. Câmara Legislativa do Distrito Federal Comissão de Defesa dos Direitos Humanos, Cidadania, Ética e Decoro Parlamentar Disponível em: https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2019/07/Estudo-sobre-Militariza%C3%A7%C3%A3o-dasEscolas-P%C3%BAblicas-1.pdf.. Acesso em: 18 de julho de 2022.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos:** mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. - 1 ed. - Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro:** poéticas e políticas da cena contemporânea. Revista de Artes Cênicas Sala Preta, n. 8, p.235-246, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009b..

FORTIN, Sylvie. **Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística.** Revista Cena, Porto Alegre, n. 7, fevereiro 2009, Editora: UFRGS, p. 77-88.

FORTIN, Sylvie; GOSSELIN, Pierre. **Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico.** In: ARJ-Art Research Journal / Revista de Pesquisa em Artes da ABRACE, ANPAP e ANPPOM. v. 1, n. 1, Jan./Jun. 2014. pp. 1-17.

GOLDBERD, RoseLee. **A arte da performance:** do futurismo ao presente. Martins Fontes: São Paulo, 2006.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir:** a Educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

_____. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras/bell hooks; tradução Bhuvi Libanio. - 18ª ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

ICLE. G, Bonatto MT, Pereira M de A. **Performance e Escola.** Cad CEDES [Internet]. 2017Jan;37(Cad. CEDES, 2017 37(101)). Available from: https://doi.org/10.1590/CC0101-32622017168676.

JAPIASSU, R. **Metodologia do ensino do teatro.** Campinas: Papirus, 2001.

LOPONTE, L. G. **Imagens do espaço da arte na escola:** um olhar feminino. Pro-Posições, Campinas, SP, v. 10, n. 3, p. 37–46, 2016. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644066. Acesso em: 23 jul. 2021.

LOURO,_GUACIRA LOPES. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Pedagogias da sexualidade.** In: LOURO, G. L. (Org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MOURA, Fábio da Silva et al. **As concepções epistemológicas dos docentes de arte de Manaus**. 2019.

NARDIM, Thaise Luciane. **Práticas de aprendizagem em arte da performance:** pesquisa docência -criação por uma intensionalidade inominável.2017.288f. Tese (Doutorado em Artes da cena) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 2017.

_____. (2022). **AFETOS ENTRE ATUAÇÃO E ENSINO:** olhar para Um Ator e uma performer em Palmas. Revista Da FUNDARTE, 52(52). https://doi.org/10.19179/rdf.v52i52.1140

NEVES, Jaqueline Correa das. ARAUJO, Marlova Neumann. ROCHA, Luciano Daudt da. **Militarização das escolas públicas brasileiras:** uma revisão de literatura. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 07, Ed. 03, Vol. 02, pp. 45-56. Março de 2022. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/militarizacao-das-escolas

PEREIRA, Fábio Hoffmann. **Configurações do ofício de aluno:** meninos e meninas na escola. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Sociologia da Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: 2015.

_____.**Pesquisa brasileira recente em gênero, infância e desempenho escolar. Educação, Gestão e Sociedade:** revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2179-9636, Ano 3, número 12, novembro de 2013

RACHEL, Denise Pereira. **Adote o artista não deixe ele virar professor:** reflexões em torno do híbrido professor performer. 2013. 166 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, 2013.

RIBEIRO, D. **Investigação baseada nas artes:** caminhos de metáfora e escrita performativa. Actas de, 2011.

RIBEIRO, Maria de Nazaré de Souza. **De leprosário a bairro:** reprodução social em espaços de segregação na Colônia Antônio Aleixo (Manaus- AM). 2011, 283fl. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

SABER DE MELLO, I.; AGUIAR, F. M. de; BELCHIOR SANTOS, J.; PEDROSO DE OLIVEIRA, L.; BITENCOURT, M. A. L. de; FRANZONI, T. **O que é escrita performativa?**. DAPesquisa, Florianópolis, v. 15, n. esp., p. 01-24, 2020. DOI: 10.5965/1808312915252020e0015. Disponível em: https://periodicos.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/17922. Acesso em: 21 jun. 2021.

SALLES, Cecilia A. **Gesto Inacabado:** processo de criação artística. 5.ed. revista e ampliada. São Paulo: Intermeios, 2011.

_____. **Crítica genética:** fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação. 3.ed. São Paulo: EDUC, 2008.

SANTANA, Fernanda Cipollini et al. **Mulheres Gamers:** uma análise da hostilidade enfrentada pelas mulheres em jogos virtuais. Cad. Gên. Tecnol., Curitiba, v. 15, n. 46, p. 120-138, jul./dez.2022.

SANTOS, Mateus Silva dos; CAREGNATO, Caroline. **Uma permanência na escola sob ameaça:** reflexões a respeito da desvalorização do ensino de Arte. DAPesquisa, v. 14, n. 22, p. 078-099, 2019.

SANTOS, C. M. dos; BIANCALANA, G. R. **Autoetnografia:** um caminho metodológico para a pesquisa em artes performativas. Revista Aspas, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 53-63, 2018. DOI: 10.11606/issn.2238-3999.v7i2p53-63. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/137980. Acesso em: 11 maio. 2021.

SANTOS, S. M. A. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica:** atores, perspectivas e desafios. Plural, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcso.2017.113972. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972. Acesso em: 12 maio. 2021.

SANTOS, I. F. **A PERFORMANCE NA ESCOLA:** EVIDENCIANDO LIMITES E POSSIBILIDADES. Revista NUPEART, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 14-26, 2017. DOI: 10.5965/2358092517172017014. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/10025. Acesso em: 13 fev. 2023.

SILVA, Matheus Estevão Ferreira; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. **A introdução dos papéis de gênero na infância:** brinquedo de menina e/ou de menino? Trama Interdisciplinar, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 127-140, set./dez. 2016.

SILVA, Vinicius Bezerra Vieira Da. **Empoderamento em cena:** conexões entre o teatro do oprimido e o debate sobre gêneros e sexualidades na educação. Anais V ENLAÇANDO... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30547>. Acesso em: 24/05/2021 10:48

SILVA, Renan Eduardo da; LAUERMANN, Marlene Tirlei Koldehoff. **Do fenômeno da militarização das escolas e seus impactos para a educação brasileira.** Potemkin – periódico científico do SINASEFE Litoral. Volume I, Número II. 2020. ISSN 2674-8762 (online). Acesso em 18 de julho de 2022.Link de acesso: https://www.potemkin.sinasefe-ifc.org/volume-i-numero-ii-2020/

VIANA C, Finco D. **Meninas e meninos na Educação Infantil:** uma questão de gênero e poder. Cad Pagu [Internet]. 2009Jul;(Cad. Pagu, 2009 (33)). Available from: https://doi.org/10.1590/S0104-83332009000200001.

WAISELFISZ, Julio Jacobo, **"Mapa da Violência 2015:** homicídio de mulheres no Brasil," Curadoria Enap, acesso em 30 de janeiro de 2023, https://exposicao.enap.gov.br/items/show/225 .

WOGRAINE, Evelyn Faria Dias. **Performances de gênero e Teatro do Oprimido:** desconstruindo velhas narrativas e propondo novas. Revista Estrita, Rio de Janeiro, n. 22, 2017. Disponível em https://doi.org/10.17771/PUCRio.escrita.28872. Acesso em 25 mai. 2021.

SITES

http://pj.org.br. (Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência Contra a Mulher: pela vida das companheiras), acesso em 22 de novembro de 2022, às 16:43h.

https://www.adufpb.org.br (Escolas federais custam menos e têm desempenho superior que colégios militares), acesso em 18 de julho de 2022. às 19:54h.

https://alineluppigrossi.wixsite.com, acesso em 17 de março de 2023, às 20:15h.

https://taniaalice.com, acesso em 17 de março de 2023, às 20:36h.

https://anateixeira.com, acesso em 17 de março de 2023, às 20:47h.

http://priscilarezendeart.com, acesso em 17 de março de 2023, às 20:58h.

Free Fire – Apps no Google Play, acesso em 22 de abril de 2023, às 08:43h

MÚSICAS E POESIA

Maria, Maria - Milton Nascimento. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=1bBD4f3MTc&ab_channel=MiltonNascimentoVEVO, Acesso em 15/06/2023, às 16:39h.

Dona Cila, Maria Gadú. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=nEjoPH2mLjw&ab_channel=MariaGad%C3%BA. Acesso em 15/06/2023, às 16:45h.

Quando eu flor, Dimas Lima. Disponível em https://www.pensador.com/autor/dimas_lima/. Acesso em 15/06/2023, às 16:48h.

Anexos



anexos

indíce anexos

Pág. 235 à 237 Projeto de pesquisa apresentado a direção da escola.

Pág. 238 à 241 Documentos Plataforma Brasil.

Pág. 240 à 242 Modelo Termo Livre Esclarecido apresentado aos pais e estudantes participantes da pesquisa.

Pág. 245 à 246 Plano semestral da disciplina de Artes para o 8º ano - 2021.

Pág. 247 à 249 Plano anual da disciplina de Artes para o 9º ano - 2022

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

[redacted]

[redacted]

PROFESSORA ENVOLVIDA: Aline Vasconcelos Barreto

APRESENTAÇÃO DO PROJETO **"TEATRO EM SALA DE AULA"**

PÚBLICO ALVO: Alunos do 8° ano do Ensino Fundamental II.

INTRODUÇÃO

Em 2020 fui aprovada no Mestrado Profissional em Artes, oferecido pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em parceria com a Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Este mestrado é coordenado pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e tem por objetivo proporcionar formação continuada a docentes de Artes da Educação Básica pública, propondo discussões sobre o papel do ensino da arte na escola e na comunidade.

A proposta que o Prof-Artes nos traz é de que realizemos uma pesquisa na escola em que atuamos e escrevamos sobre a experiência vivenciada junto aos estudantes. Com isso, por meio desse projeto busco realizar minha pesquisa no [redacted] com as turmas do 8° ano do Ensino Fundamental II em 2021 e continuar o trabalho com os mesmos alunos no ano seguinte quando estes estiverem cursando o 9° ano.

Na primeira parte desses encontros, iremos experienciar e conhecer elementos básicos do teatro e desenvolver processos criativos por meio de jogos teatrais, exercícios e criações coletivas e individuais. Na segunda parte iremos conhecer e realizar experimentos criativos sobre o Teatro do Oprimido, que é um método sistematizado por Augusto Boal que busca tornar os espectadores (no caso os alunos) protagonistas e por meio do teatro, refletir e agir para a transformação social.

O projeto se encontra em direção aos princípios, fins e objetivos do colégio no que diz respeito à:

- Compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família dos demais grupos que compõem a comunidade;
- Condenar qualquer tratamento diferenciado em virtude de convicção filosófica, política, religiosa, racial ou social;

- Proporcionar o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Além disso, por meio das práticas do Teatro do Oprimido e discussões realizadas com os participantes do projeto, busco também em parceria com os objetivos específicos da escola:

- Favorecer o desenvolvimento físico, intelectual, moral, emocional e (religioso) do educando, visando à sua perfeita integração na vida socioeconômica do País;
- Promover de forma harmônica e integral a educação da criança, do pré-adolescente e do adolescente;
- Proporcionar o desenvolvimento da criatividade do educando como elemento de autoexpressão;
- Favorecer o desenvolvimento do educando em ambiente que possa manifestar sentimentos e emoções de forma livre, respeitando o direito do próximo e da Instituição;
- Ministrar o ensino através de métodos e processos adequados, objetivando, além do aprendizado escolar, o preparo do educando para ser útil a si, a família e a Pátria;
- Promover ações que possibilitem uma convivência harmoniosa e propicie diálogo entre educador e educando.

OBJETIVO GERAL

Realizar processos criativos com os alunos do 8° ano utilizando o Teatro do Oprimido como base para criação artística.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Experienciar o Teatro do Oprimido em sala de aula relacionando os fundamentos teóricos às práticas propostas;
- Proporcionar espaço de reflexão, criação e fruição artística aos estudantes;
- Criar propostas de intervenção/sensibilização artística na escola;
- Despertar a criatividade e socialização;
- Oportunizar a troca de conhecimentos e vivências.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- **Sobre o grupo:** A proposta no segundo semestre de 2021 é trabalhar com os 8° anos 1, 2, 3, 4, e 5 nos tempos da aula de Arte.
- **Sobre os encontros:** Durante o segundo semestre de 2021, nossos encontros serão realizados durante as nossas aulas, entre os meses de julho à dezembro. Neles, teremos rodas de conversas, exercícios e jogos teatrais, processos de criação e fruição artística. Ao final, dependendo do processo que

vivenciarmos, teremos produtos artísticos para apresentar à comunidade escolar. Em 2022, trataremos mais afundo sobre o Teatro do Oprimido e criaremos propostas artísticas que podem ser intervenções, performances ou peças teatrais.

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

ATIVIDADES	07/2021	08/2021	09/2021	10/2021	11/2021	12/2021	03/2022	04/2022	05/2022	06/2022
Diagnóstico dos alunos dos 8º anos										
Atividades/aulas com os 8º anos sobre teatro										
Apresentação das intervenções artísticas criadas em sala de aula										
Encontros sobre o Teatro do Oprimido										
Apresentação final										

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O TEATRO DO OPRIMIDO E A PERFORMANCE COMO BASES PARA A DISCUSSÃO SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM SALA DE AULA: processos criativos com estudantes do Ensino Fundamental II de uma escola militar em

Pesquisador: Aline Vasconcelos Barreto

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 59315422.0.0000.5020

Instituição Proponente: Mestrado Profissional em Artes/ProfArtes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.536.618

Apresentação do Projeto:

Resumo:

Nessa pesquisa, busco utilizar o Teatro do Oprimido e a performance para trabalhar questões de combate à violência de gênero no contexto educacional e social de modo a contribuir para o debate da temática e realizar processos criativos-reflexivos de criação e fruição artística junto aos estudantes do 8º ano do Fundamental II, numa escola localizada na Zona Leste de Manaus. O contexto a que esta pesquisa está inserida se difere

das demais ao tratar de um ambiente que possui a rigidez de um colégio da polícia militar, o que me leva a criar estratégias para abordar temas de opressão em um lugar que por si só já é opressor. A metodologia utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa é a autoetnografia. No que tange o quadro teórico, utilizo Augusto Boal, Jorge Larossa, Sylvie Fortin e Guacira Lopes Louro. Quanto aos resultados esperados, pretende-se realizar uma exposição artística com os registros desses encontros realizados com os estudantes e os primeiros passos das criações artísticas que serão construídas.

Critério de Inclusão:

Ser aluno do 9º ano [redacted] ter participado do início das discussões sobre Teatro do Oprimido no 8º

ano do Ensino Fundamental.

Endereço: Rua Teresina, 4950
Bairro: Adrianópolis **CEP:** 69.057-070
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3305-1181 **E-mail:** cep.ufam@gmail.com

Critério de Exclusão:
Ter ingressado na escola no ano de 2022, assim não participando do início das discussões acerca do Teatro do Oprimido iniciadas em 2021, quando os alunos participantes estavam no 8º ano do Ensino Fundamental.

Objetivo da Pesquisa:
Objetivo Primário:
Descrever e analisar os processos criativos realizados com os estudantes do 9º ano utilizando o Teatro do Oprimido como base para criação
artística e debate acerca da discussão sobre violência de gênero no contexto educacional e social.
Objetivo Secundário:
Relatar o meu processo enquanto pesquisadora participante junto ao grupo; Experienciar o Teatro do Oprimido em sala de aula,
relacionando os fundamentos teóricos às práticas propostas; Proporcionar espaço de reflexão, criação e fruição artística aos estudantes sobre a
violência de gênero; Criar experimentos teatrais e promover sensibilizações artísticas na escola sobre a violência de gênero.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
Riscos:
Desconforto; Medo;Vergonha;Estresse; Quebra de anonimato.
Benefícios:
Promover debate sobre a violência de gênero na escola;Participar de processos de criações artísticas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
2 versão
Mestrado profissional em artes

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
CRONOGRAMA: adequado
ORÇAMENTO: adequado
FOLHA DE ROSTO: adequado
CRITÉRIOS DE INCLUSÃO: adequado

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO: adequado
TCLE Pais: adequado
TCLE participante: adequado
INSTRUMENTO DE COLETA: adequado
CV LATTES: adequado
TERMO DE ANUÊNCIA: ADEQUADO

Recomendações:

O pesquisador somente poderá iniciar a coleta de dados (pesquisa de campo), após analise e aprovaçãopelo CEP Este CEP/UFAM analisa os aspectos éticos da pesquisa com base nas Resoluções 466/2012-
CNS, 510/2016-CNS e outras complementares.
A aprovação do protocolo neste Comitê NÃO SOBREPÕE eventuais restrições ao início da pesquisa estabelecidas pelas autoridades competentes, devido à pandemia de COVID-19. O pesquisador(a) deve analisar a pertinência do início, segundo regras de sua instituição ou instituições/autoridades sanitárias locais, municipais, estaduais ou federais

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Em razão do exposto, somos de parecer favorável que o projeto seja APROVADO, pois o
pesquisador cumpriu as determinações da Res. 466/2012 e Res. 510.
É o parecer

Considerações Finais a critério do CEP:

O pesquisador deve enviar por notificação os relatórios parciais e final. (item XI.d. da resolução 466/2012-CNS), por meio da plataforma BRasil e manter seu cronograma atualizados, solicitando por emenda eventuais alterações antes da finalização do prazo inicialmente previsto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1910062.pdf	05/07/2022 15:01:55		Aceito
Outros	TCLE_RESPONSAVEIS.pdf	05/07/2022 14:50:56	Aline Vasconcelos Barreto	Aceito

Endereço: Rua Teresina, 4950
Bairro: Adrianópolis **CEP:** 69.057-070
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3305-1181 **E-mail:** cep.ufam@gmail.com

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ESTUDANTES.pdf	05/07/2022 14:41:25	Aline Vasconcelos Barreto	Aceito
Parecer Anterior	Parecer.pdf	15/05/2022 13:14:14	Aline Vasconcelos Barreto	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_CEP.pdf	15/05/2022 13:04:08	Aline Vasconcelos Barreto	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Aceite_institucional.pdf	14/05/2022 20:11:09	Aline Vasconcelos Barreto	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	14/05/2022 20:09:47	Aline Vasconcelos Barreto	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

MANAUS, 20 de Julho de 2022

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS LEGAIS

O(A) seu(sua) filho(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa O TEATRO DO OPRIMIDO E A PERFORMANCE COMO BASES PARA A DISCUSSÃO SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM SALA DE AULA: processos criativos com estudantes do Ensino Fundamental II de uma escola militar em Manaus/AM, cujo pesquisador responsável é Aline Vasconcelos Barreto. Os objetivos do projeto são experienciar o Teatro do Oprimido em sala de aula, relacionando os fundamentos teóricos às práticas propostas; proporcionar espaço de reflexão, criação e fruição artística aos estudantes sobre a violência de gênero e criar experimentos teatrais e promover sensibilizações artísticas na escola sobre a violência de gênero. O(A) seu(sua) filho(a) está sendo convidado por que esta pesquisa tem como participantes os alunos dos 9º anos do [redacted], na qual este é aluno matriculado(a).

O(A) Sr(a). tem de plena liberdade de recusar a participação do seu(sua) filho(a) ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que ele(a) recebe na devida escola.

Caso aceite participar a participação do seu(sua) filho(a) consiste em participar ativamente das rodas de conversas e construções artísticas realizadas em sala de aula, auxiliar na preparação e apresentação da performance final que consistirá numa ação performática onde colheremos relatos de mulheres importantes nas vidas dos estudantes da escola e as apresentaremos durante a performance. Para isso, solicito também o uso da imagem ou som do participante para registro por parte da pesquisadora e asseguro a proteção da imagem, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros.

O(A) Sr(a). também pode obter informações sobre esta pesquisa no site do programa de Mestrado Prof-Artes, na seção de Trabalhos de Conclusão, acessando o site Prof-Artes (udesc.br).

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o seu filho(a) são: desconforto, medo, vergonha, estresse, quebra de anonimato.

Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: promover debate sobre a violência de gênero na escola e possibilitar a participação em processos de criações artísticas.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre a participação do seu filho(a), consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao seu(sua) filho(a), e seu acompanhante quando necessário, o ressarcimento das despesas devido sua participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente.

Também estão assegurados ao(à) Sr(a) o direito a pedir indenizações e cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa, seu filho(a).

Asseguramos ao seu(sua) filho(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo, pelo tempo que for necessário.

Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade da participação do seu filho(a) e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

O(A) Sr(a). pode entrar com contato com o pesquisador responsável Aline Vasconcelos Barreto a qualquer tempo para informação adicional no endereço aline.barreto@sedcuam.pro.br.

O(A) Sr(a). também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep@ufam.edu.br. O CEP/UFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que concordo que meu(minha) filho(a) _____ (nome completo do menor de 18 anos) participe desta pesquisa.

Manaus _, ____/_____/_____

_____
Assinatura do Responsável Legal

_____
Assinatura do Pesquisador Responsável

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS
POLÍCIA MILITAR DO AMAZONAS

Planejamento - 2º Semestre - 21/07 a 17/12/2021

Ano/série: 8º ano
Professor: Aline Vasconcelos Barreto

Eixos de Aprendizagem/ Unidades Temáticas.	Conteúdos/Objetos do conhecimento.	Habilidades/Objetivos de Aprendizagem.	Sugestões Metodológicas. (Metodologias).	Avaliações.
Teatro Artes integradas	Teatro do Oprimido Jogos teatrais Intervenção artística	Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades	Aula expositiva para contextualização do Teatro do Oprimido. Jogo: museu da pessoa. Escrita performativa no diário de bordo. Realização de jogos teatrais em sala de aula. Rodas de conversa. Experimentos com o Teatro Imagem. Criar proposta de intervenção artística na escola.	AV1: Museu da pessoa AV2: Participação nas práticas realizadas em sala de aula – diário de bordo AV3: Intervenção artística

		Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte. Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.		

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS
POLICIA MILITAR/SEDUC – CDE – 05

PLANO DE CURSO / ENSINO FUNDAMENTAL II

PROFESSOR (A): ALINE VASCONCELOS BARRETO

SÉRIE: 9º ANO 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 **DISCIPLINA: ARTES**

PLANO DE CURSO			
Competência	**Habilidade**	**Conteúdo**	**Procedimento Metodológico**
Explorar, conhecer fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível de diferentes contextos e dialogar com s diversidades. Produzir trabalhos artísticos conhecendo produções e outras culturas.	(EF69AR01) Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (EF69AR02) Pesquisar e analisar diferentes estilos visuais,	1º BIMESTRE: HISTÓRIA DA ARTE ✓ Conceito de arte e sua classificação. ✓ História da Arte (contextualização da linha do tempo) ✓ Arte medieval ✓ Renascimento ✓ Barroco	✓ Conceituar arte. ✓ Perceber a arte no nosso dia a dia. ✓ Conhecer a história da Arte, valorizando sua forma de expressão. ✓ Observar formas e estilos em obras artísticas. ✓ Realizar leituras de obras de arte.
		2º BIMESTRE: HISTÓRIA DA ARTE ✓ Movimentos artísticos — Impressionismo, Expressionismo, Cubismo, Abstracionismo, Surrealismo;	✓ Conhecer a origem e o desenvolvimento do teatro no Brasil. ✓ Entender como são representados os trabalhos cênicos.

Reconhecer e apreciar artistas e grupos de teatro brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas, investigando os modos de criação, produção, divulgação, circulação e organização. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades. Utilizar as diferentes linguagens artísticas como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias. Compreender a arte como linguagem, promovendo a articulação entre a percepção, investigação, sensibilidade e reflexão na formação dos saberes artísticos. Expressar e representar ideias, emoções e sensações por meio de produções artísticas.	contextualizando-os no tempo e no espaço. (EF69AR04) Analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc.) na apreciação de diferentes produções artísticas. (EF69AR09) Pesquisar e analisar diferentes formas de expressão, representação e encenação da dança, reconhecendo e apreciando composições de dança de artistas e grupos brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas. (EF69AR12) Investigar e experimentar procedimentos de improvisação e criação do movimento como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios. (EF69AR13) Investigar brincadeiras, jogos, danças coletivas e outras práticas de dança de diferentes matrizes estéticas e culturais como referência para a criação e a composição de danças autorais, individualmente e em grupo.	- Arte contemporânea — Arte Conceitual, Pop Art, Op Art, Expressionismo Abstrato, Minimalismo, Hiper-realismo e a influência da arte indígena, africana e europeia nas artes brasileiras;	✓ Buscar textos teatrais que retratem criação e dramatizações de textos regionais para o teatro. ✓ Utilizar referências bibliográficas e recursos tecnológicos que retratem o teatro no Brasil. ✓ Apresentar a dança, música, o teatro, o canto, o coral, enquanto forma de expressar a imaginação, emoção, alegria e criatividade. ✓ Usar leituras de textos em livros, revistas ou em entrevistas com profissionais.
		3º BIMESTRE: TEATRO ✓ Formas, estilo e gêneros teatrais da diversidade cultural tradicional e contemporânea; ✓ A história do Festival de Ópera do Estado do Amazonas e os corpos artísticos que o compõe (música, dança, coro); ✓ O Teatro Amazonas em seu contexto histórico; ✓ Grupos e artistas do teatro Amazonense. ✓ Dramaturgia, pura, épica, simbolista, absurda, criação de texto de dramaturgia e montagem;	✓ Reunir músicas significativas dentro do cenário musical brasileiro. ✓ Conhecer os povos que contribuíram para a formação dos estilos musicais brasileiros. ✓ Assistir vídeos de espetáculos inspirados em canções e artistas. ✓ Criar espetáculo musical.

Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.	(EF69AR18) Reconhecer e apreciar o papel de músicos e grupos de música brasileiros e estrangeiros que contribuíram para o desenvolvimento de formas e gêneros musicais. (EF69AR19) Identificar e analisar diferentes estilos musicais, contextualizando-os no tempo e no espaço, de modo a aprimorar a capacidade de apreciação da estética musical. (EF69AR24) Reconhecer e apreciar artistas e grupos de teatro brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas, investigando os modos de criação, produção, divulgação, circulação e organização da atuação profissional em teatro. (EF69AR25) Identificar e analisar diferentes estilos cênicos, contextualizando-os no tempo e no espaço de modo a aprimorar a capacidade de apreciação da estética teatral. (EF69AR26) Explorar diferentes elementos envolvidos na composição dos acontecimentos cênicos (figurinos, adereços, cenário,	✓ As formas de dramaturgias e os espaços cênicos; 4º BIMESTRE: ARTES INTEGRADAS ✓ Performance	✓ Conhecer a linguagem da performance, bem como artistas que se dedicam a essa linguagem. ✓ Realizara ações performáticas na escola.

Obrigada por atravessar comigo!